

**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PPGPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ

**QUILOMBO SÍTIO ALTO-SIMÃO DIAS/SE: NARRATIVAS DE SABERES
ANCESTRAIS**

**ARACAJU
2022**

RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ

**QUILOMBO SÍTIO ALTO-SIMÃO DIAS/SE: NARRATIVAS DE SABERES
ANCESTRAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

ORIENTADOR: Cristiano Ferronato

ORIENTADORA: Ilka Miglio de Mesquita

**ARACAJU
2022**

C955q Cruz, Rafaela Matos de Santana
Quilombo Sítio Alto-Simão Dias/SE: narrativas de saberes ancestrais/ Rafaela Matos de Santana Cruz; orientação [de] Prof. Dr. Cristiano Ferronato, Prof.ª Dr.ª Ilka Miglio de Mesquita – Aracaju/ SE: UNIT, 2022.

158 f. il; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes 2022

1.Saberes ancestrais. 2. Quilombo 3. Ancestralidade 4. Escrivência 5. Colonialidade
I. Cruz, Rafaela Matos de Santana II. Ferronato, Cristiano (orient.). III. Mesquita, Ilka Miglio (orient.). IV. Universidade Tiradentes. V. Título.

CDU: 572:398(813.7)

Gislene Maria S. Dias CRB-5/1410

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em __21__ / __09__ / 2022__

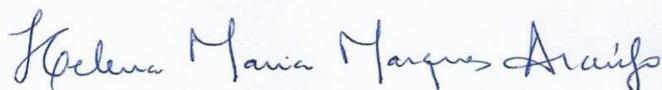
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cristiano Ferronato (Orientador)
Universidade Tiradentes – (UNIT)



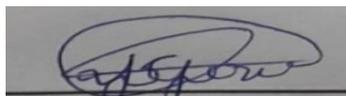
Prof. Dr. (a) Ilka Miglio de Mesquita (Co-orientadora)



Prof^a. Dr^a. Helena Maria Marques Araújo (Avaliador Externo)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (UERJ)



Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares (Avaliador Interno)
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)



Me. Josefa Santos de Jesus (Avaliador Externo)
Quilombo Sítio Alto

A todas as minhas mais velhas e
ancestrais, que me sustentaram até aqui.
Aos quilombolas do Sítio Alto que
compartilharam comigo seus saberes
ancestrais!

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,
Em todos seus dialetos,
Tem sido calada por muito tempo
Jacob Sam-La Rose¹

Escrever é um ato de voar, de resistir, de
liberdade. Eu vejo isto hoje: minha escrita é
o grito das minhas ancestrais que foram
silenciadas na máquina produtora da
colonialidade e patriarcado que estruturam a
sociedade.

(Rafaela Matos)

¹ Jacob Sam-La Rose, Poetry, Sable: the literacutere Magazine for Writrs, Winter 2002, p.60.

Rosas Negras da Educação

Ancestralidade!
Palavra forte,
que me faz sangrar a cada letra que escrevo.
Nesse sangue,
revivo e sinto as memórias e ensinamentos das minhas ancestrais.

Rememorar seus ensinamentos e lutas,
sentir suas experiências vividas!
Assim, fazer sentido ao lugar em que estou!
Sou mulher! Sou negra!
Sou professora! Sou resistência!

As lágrimas e violências silenciadas por anos
deixaram marcas profundas,
mas as amarras coloniais foram rompidas
graças à resistência delas:
as minhas ancestrais!
Minhas deusas! Minhas rosas!
Assim, cada rosa filha teve um alicerce para ressignificar!

Escolhi ressignificar a vida através da Educação.
Pensar e lutar por uma educação libertadora,
(re)existência!
Ver as potencialidades, saberes ancestrais do meu povo!
Povo Negro que sempre foi tão marginalizado!

É preciso romper estereótipos,
lutar contra essa educação censurada,
patriarcal, homofóbica e racista.
Vamos, rosas! Somos as vozes da resistência negra!

Vamos traçando histórias outras,
buscando horizontes outros.
Um lugar de liberdade e paz!
Nossas guerreiras, rainhas e deusas,
estamos prontas para a luta
da (des)construção das colonialidades.
Somos rosas negras! Somos insurgência!

(Rafaela Matos)

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é aconchegante e gentil, é a maneira de dizer que não sou só, não estou só – Ubuntu! Eu sou e insurjo porque existem pessoas segurando a minha mão e me sustentando em cada passo dado.

Começo agradecendo a todas as forças ancestrais que me sustentaram e me guiaram até aqui. Que continuem me abençoando sempre – Axé.

Aos meus ancestrais mais próximos, Vó Marizinha, bisa Antônio e bisa Domestica, por compartilharem comigo, em vida, seus saberes e me permitirem rememorar suas vivências. Vocês contribuíram para a Rafaela que sou hoje. Obrigada!

À minha mainha, por seu colo se fazer morada em momentos difíceis e, durante o mestrado, não foi diferente. Com determinação, sempre me incentivou a estudar e ser professora. Você é inspiração para mim.

A painho, que do seu jeito estava presente nos incentivos ou nas preocupações com minha saúde. Você foi fundamental para eu ser o que sou hoje.

À minha amiga Day, que compartilhou comigo os melhores e piores momentos nessa trajetória, em meio a uma pandemia, confinadas em um apartamento. Entre aulas e estudos do mestrado, Day estava de mãos dadas comigo, incentivando, apoiando e dando suporte, muitas e muitas vezes se preocupando e falando “estou com você” em seus gestos. Você é maravilhosa!

À minha irmã Dani, que estava ao meu lado em cada escolha, com paciência e acolhimento, leu o texto várias vezes para ver se eu estava indo pelo caminho certo. Obrigada por tanto! Você sempre foi inspiração para mim, não porque é minha irmã mais velha, mas porque é uma mulher forte, corajosa e determinada; é uma mãe maravilhosa, uma irmã e filha sem igual! Você é minha alma gêmea irmã!

À minha amiga Taline, por todas as vezes que nos sentamos para conversar sobre o quilombo. Ela adorava ouvir minhas experiências, eram momentos de rememorar, isso me ajudou muito. Obrigada, amiga!

Ao irmão que a vida me deu, Nino, por todo apoio, torcida e incentivo nos momentos em que nem eu acreditava em minha capacidade.

Ao meu esposo, Paulo Batista, por ser companheiro em tudo. Seu cuidado e amor são o alimento essencial em todos os momentos em que estamos juntos. Amor, nosso encontro foi ancestral, foi um presente das boas energias, que me levaram ao quilombo Sítio Alto. Você, meu amor, desde que chegou à minha vida, faz minhas experiências serem mais felizes e significativas, porque ao seu lado compartilho a vida com afeto, companheirismo, dengo e amor. Com sua paciência, bondade, alegria e respeito, você me ensina que desacelerar é preciso, que podemos viver um amor sincero, que a vida é mais leve quando é compartilhada com alguém que te admira, incentiva e acredita no seu crescimento pessoal e profissional e nos seus sonhos, além de vestir a camisa das suas lutas e ser (re) existência com você. Esse é Paulo, uma pessoa amada, admirada e querida por todos que têm o prazer de conhecê-lo,

porque, além de tudo isso que foi dito, ele não mede esforços para ajudar as pessoas. Com um coração gigante, é uma pessoa maravilhosa. É o homem que admiro e escolho todos os dias para compartilhar o respeito e amor na jornada da vida. Te amo!

A meu amigo Geovane, pelo incentivo e apoio. Por tantas vezes me levar ao quilombo e me acompanhar na visita.

À minha irmã Dai, que me estendeu seu ombro e sua ajuda quando precisei, do jeitinho dela, mostrando-se que amar vai além das diferenças. Obrigada por tudo.

À minha tia Raquel, por sempre me incentiva e torcer por mim. Eu tenho uma admiração e amor tão grande pela senhora! Sua força e determinação me incentivam. Obrigada tia.

À Dona Josefa, Bruno, Eugênia, Paulo, Alex, Helena e Leonardo, que comigo escreveram este texto, foram meus companheiros de jornada nesta linda escrevivência. Vocês são insurgências do nosso povo negro. Abraçaram a ideia de escrevermos nossas histórias, enaltecendo nossos saberes ancestrais. Vocês são quilombo vivo!

A Cintia, parceira e amiga que torce e vibra pelas minhas conquistas. Parou muitas vezes para me ouvir e me acolheu em teu ombro amigo. Muito obrigada por tudo, amiga!

A Adrielmo, amigo, obrigada por cada leitura e correção deste texto, sua sensibilidade foi fundamental para torná-lo ainda mais potente. Você é maravilhoso!

À Dona Magali, que me apoiou quando precisei tomar uma decisão importante.

A Ronaldo, que nos dias difíceis sempre me fortaleceu com suas palavras de apoio.

A Bianca, mulher, se tu soubesses o quanto gosto de ti. Desde o início desta trajetória, Bibi foi amiga, parceira e confidente em vários momentos. Mesmo sendo minha concorrente na seletiva, ela não deixou de me ajudar e compartilhar estudos. Trocamos saberes, passamos e continuamos de mãos dadas. Não tenho palavras suficientes para te agradecer.

A Leticia, mulher arretada, como falamos aqui no Nordeste, com uma força e determinação sem igual. Nos conhecemos no grupo de pesquisa e ficamos próximas pelos compartilhamentos de dúvidas, medos, choros, risos e busca do desaprender/aprender. Se colocou presente, me ensinou a ser ainda mais forte, a me firmar em meus posicionamentos e defendê-los com unhas e dentes. A força dessa mulher é surpreendente! Também me mostrou que era preciso problematizar, questionar e me colocar no texto. Essa caminhada com você ficou mais potente.

A Rhyvia, amiga de choros e desabafos de momentos difíceis que passamos no mestrado. Amiga, você é incrível, doce e parceira, tudo ficou mais calmo com suas palavras.

A Leandro, preto, eu sou sua fã, você sempre esteve me ouvindo e se colocando presente, obrigada pelas dororidades compartilhadas.

À minha querida orientadora Ilka, que segurou minha mão desde 2016, me incentivando a pesquisar. Eu aprendi com ela a não ter medo de ser o que sou e lutar pelo que acreditava. Ilka é uma potência de mulher, uma mãezona de todos seus alunos e orientandos, além de ser uma parceira fiel. Obrigada por tanto.

A Mirianne, a minha irmã de luta, meu amor e admiração por você não é pouco, você conseguiu ver em mim uma Rafaela que nem eu mesma sabia que existia, me abraçou e me acolheu de uma forma sem igual. Você é tão importante neste processo como no meu tornar-me negra, você foi inspiração para mim, segurou a minha mão, me acolheu nas dororidades e acreditando em mim desde sempre. Obrigada, minha irmã de lutas.

A Traíres, minha companheira de lutas e pesquisa, trocamos muitos saberes e compartilhamos experiências que contribuíram bastante em minha pesquisa. Com você, as coisas ficaram mais leves e mais fáceis de compreender.

A Luzi, Jade, Val, Laís e Wendell companheiros de grupo, que juntos no GPHMEI, compartilhamos aconchegos, saberes, dores e alegrias, essa trajetória de pesquisa foi mais leve porque vocês estavam nela.

A Cristiano, pela acolhida nessa reta final da pesquisa, que, com todo respeito, se colocou a ouvir e aprender com a pesquisa. Obrigada, professor. A minha admiração, que vem desde a graduação, pela excelente pessoa e profissional que você é, cresceu ainda mais. Por ser generoso, paciente e afetuoso comigo. Você é incrível!

Um agradecimento especial à minha banca avaliadora, na pessoa de Helena Araujo e Ronaldo Linhares, que leram meu texto com uma sensibilidade sem igual. Choraram junto e estenderam a mão para mim, como também, abraçaram a temática e viram a relevância do tema e assim como eu, acreditam na potencialidade dos saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto.

A todos que juntos compõem o PPED e que com toda paciência sempre atenderam às demandas. Mesmo em período pandêmico, resolviam tudo com agilidade e competência. Principalmente a Clerverton, que muitas vezes me tirou do sufoco. A você todo o meu respeito!

Agradeço à Universidade Tiradentes, pela concessão da bolsa de isenção e remunerada de estudos que viabilizou o desenvolvimento da pesquisa e a oportunidade de cursar o mestrado. Fruto da escola PÚBLICA e de programas governamentais como o FIES, eu sei bem a importância de ser bolsista e pesquisadora, sendo uma pessoa preta no Brasil. Minha gratidão!

Para mais, a cada um que torceu por mim e que em algum momento me estendeu a mão, o colo ou o ombro amigo para poder me recompor e continuar escrevendo saberes ancestrais, meu mais sincero obrigada.

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai emprestar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar.

(Washington Duarte)

CRUZ, Rafaela Matos de Santana. QUILOMBO SÍTIO ALTO-SIMÃO DIAS/SE: NARRATIVAS DE SABERES ANCESTRAIS. (158 f.). Dissertação (Mestrado Educação/Doutorado) – Universidade Tiradentes. Orientador: (Cristiano Ferronato/Co-orientadora Ilka Miglio de Mesquita). Aracaju, 2022.

RESUMO

Esta dissertação tem como temática de estudo os Saberes Ancestrais do Quilombo Sítio Alto, localizado em Simão Dias/SE. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como se ressignificam os saberes ancestrais no chão do Quilombo Sítio Alto, tendo em vista as amarras criadas no cenário pedagógico da colonialidade. Para chegar ao alcance do objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: identificar as formas como os/as quilombolas do Sítio Alto insurgem diante da colonialidade; perceber como os saberes das/dos mais velhas/os são apropriados pelas gerações mais novas em seus processos de ressignificações e insurgências perante a colonialidade que permeia a sociedade atual. Dessa forma faço a seguinte pergunta: Como os saberes ancestrais dos mais velhos se ressignificam e insurgem no chão do Quilombo Sítio Alto dentro da colonialidade? Nesse sentido, defendo o pressuposto da potência dos Saberes Ancestrais de grupos historicamente subalternizados e marginalizados, como é o caso dos quilombolas do Sítio Alto, por acreditar que, mesmo dentro de uma colonialidade que é cenário pedagógico, esses grupos se organizam enquanto sujeitos insurgentes, para guardar e ressignificar seus saberes ancestrais e (re)existirem. As ações desenvolvidas nos quilombos são maneiras outras de ensinar, que transpassam os limites que a colonialidade, como cenário pedagógico, cria, impõe e ensina. Assim, acredito que um quilombo se faz quilombo e resiste como tal pela força dos saberes ancestrais e identitários que nele se constroem – com todos os conflitos e contradições próprios desse processo. O caminho metodológico ecoou as narrativas de sujeitas/os quilombolas. Nas linhas dessa dissertação, desenvolvemos a escrevivência do povo quilombola, o povo negro, percebidos aqui em sua essencialidade para a compreensão dos saberes ancestrais. Juntar a nossa voz à de todos/todas quilombolas é um processo de escrevivência para o qual tivemos de achar direção. Assim, junto à escrevivência, usamos as técnicas de história oral como caminho metodológico. A escrita propõe cosmopercepções que potencializam vozes de sujeitos quilombolas a contarem as suas próprias histórias. Partimos da problematização da educação pedagógica que é a colonialidade, a qual ensina sujeitos marginalizados e subalternizados a serem sujeitos na sociedade. Portanto, pude compreender que em cada prática desenvolvida no Sítio Alto é cheia de ancestralidade, como também são formas de contar a vida cotidiana, dar uma sonoridade que fica e dá significados, que podem ser reproduzidos na forma de arte e movimento do corpo livre. A pesquisa confirma que dentro de quilombo, que se faz magia de saber, existem pessoas convivendo com seus conflitos próprios e os da comunidade, mas que, mesmo assim, fazem de todos os dias novas oportunidades para compartilhar saberes, que são ancestrais. A movimentação de cada corpo quilombola faz a ressignificação e insurgência dos saberes ancestrais presentes no quilombo Sítio Alto, reafirmando – vida liberdade do povo preto.

Palavras-chave: saberes ancestrais; quilombo; ancestralidade; escrevivência; colonialidade.

CRUZ, Rafaela Matos de Santana. QUILOMBO SÍTIO ALTO-SIMÃO DIAS/SE: NARRATIVES OF ANCESTRAL KNOWLEDGE. (158 f.). Dissertation (Master's in Education/Doctorate) – Tiradentes University. Advisor: (Cristiano Ferronato/Co-advisor Ilka Miglio de Mesquito). Aracaju, 2022.

ABSTRACT

The theme of study of this dissertation is the Ancestral Knowledge of Quilombo Sítio Alto, located in Simão Dias/SE. The general objective of the research is to understand how ancestral knowledge is re-signified on the ground of Quilombo Sítio Alto, observing the ties created in the pedagogical scenario of coloniality. In order to reach the general objective, the specific objectives are: to identify the ways in which the quilombolas of Sítio Alto rebel against coloniality; to perceive how the knowledge of the elders is appropriated by the younger generations in their processes of resignification and insurgencies in the face of the coloniality that permeates today's society. Thus, I ask the following question: How do the ancestral knowledge of the elders resignify themselves and arise on the ground of the Quilombo Sítio Alto within coloniality? In this context, I defend the assumption of the power of Ancestral Knowledge of historically subordinated and marginalized groups, such as the quilombolas of Sítio Alto, because I believe that, even within a coloniality that is a pedagogical scenario, these groups organize themselves as insurgent subjects, to keep and re-signify their ancestral knowledge and (re)exist. The actions developed in the quilombos are "other" ways of teaching, which transcend the limits that coloniality, as a pedagogical scenario, creates, imposes and teaches. Therefore, I believe that a quilombo becomes a quilombo and resists as such by the strength of the ancestral and identity knowledge that is built in it - with all the conflicts and contradictions, typical of this process. The methodological path echoed the narratives of quilombola subjects/subjects. In the lines of this dissertation, we develop the writing of the quilombola people, the black people, perceived here in their essentiality for the understanding of ancestral knowledge. Joining our voice to all of quilombolas is a writing process for which we had to find direction. Thus, along with writing, we use oral history techniques as a methodological path. The writing proposes cosmoperceptions that potentiate the voices of quilombola subjects to tell their own stories. We start from the problematization of pedagogical education that is coloniality, which teaches marginalized and subordinated subjects to be subjects in society. Therefore, I could understand that each practice developed at Sítio Alto is full of ancestry, as well as ways of telling everyday life, giving a sound that stays and gives meanings, which can be reproduced in the form of art and free body movement. The research confirms that within the quilombo, which is the magic of knowledge, there are people living with their own conflicts and those of the community, but who, even so, make every day new opportunities to share ancestral knowledge. The movement of each quilombola body makes the resignification and insurgency of the ancestral knowledge present in the quilombo Sítio Alto, reaffirming - life and freedom of the black people.

Keywords: ancestral knowledge; quilombo; ancestry; writing; coloniality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapeamento das Dissertações.....	49
Quadro 2 – Mapeamento das Teses.....	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de Simão Dias.....	20
Imagem 2 – Mapa do Sítio Alto.....	20
Imagem 3 – Instagram de Dona Josefa.....	91

LISTA DE FOTOS

Foto 1 –Dona Josefa.....	36
Foto 2 –Maria.....	37
Foto 3 –Eugênia.....	38
Foto 4 –Bruno.....	39
Foto 5 –Helena.....	40
Foto 6 –Paulo.....	41
Foto 7 –Alex.....	42
Foto 8 –Leornado.....	43
Foto 9 –Uma das entrevistas de Dona Josefa.....	44
Foto 10 –Encontro embaixo da árvore entre Bruno, Dona Josefa e Eu.....	77
Foto 11 – Árvore da frente da casa de Dona Josefa.....	78
Foto 12 -Encontro estadual dos guardiões de semente crioulas do semiárido sergipano.....	79
Foto 13 -Encontro para as entrevistas com Dona Josefa, Helena e Maria.....	80
Foto 14 Encontro com estudantes da Universidade Federal de Sergipe.....	81
Foto 15 - Dona Josefa.....	110
Foto 16 - Dança de Roda.....	112
Foto 17 - Apresentação do grupo Aruandê.....	123
Foto 18 - Apresentação do grupo Aruandê no Memorial do Sítio Alto.....	125
Foto 19 - Meu dia no quilombo.....	126
Foto 20 - Memorial do Sítio Alto	127
Foto 21 -Cartaz do desfile cultural.....	128
Foto 22 -Desfile Cultural.....	129
Foto 23 -Reisado no desfile cultural.....	130
Foto 24 - Capela católica do Sítio Alto.....	134
Foto 25 -As Mordomas.....	135
Foto 26 -Dona Josefa e seu Zé de Tóto com as sementes criolas.....	140

SUMÁRIO

1	ENTRE O SER E NÃO SER: UM TORNAR-SE LIBERTADOR DE UM CORPO MULHER NEGRA.....	15
1.1	(Des)Construção de um corpo insurgente: objeto, objetivos, questões de pesquisa	15
1.2	Criando Raízes Resistentes: bases teóricas da pesquisa.....	23
1.3	Caminhos de resistência: construção metodológica da pesquisa.....	28
1.3.1	O ato de ouvir/ aprender: realização das entrevistas.....	44
1.3.2	Tecendo escrevivências com fios sensíveis de experiências vividas.....	46
1.4	pesquisas que atravessam: em busca de saberes outros.....	46
2	O PODER DO CORPO NEGRO: AÇÕES DE INSURGÊNCIA	55
2.1	Ações que constroem histórias “outras”	56
2.2	A força da mulher negra quilombola: Dona Josefa do Sítio Alto	68
3	ANCESTRALIDADE VIVA: A FORÇA DA TRADIÇÃO ORAL	93
3.1	Construções de corpos insurgentes: a tradição do saber negro em movimento...94	
3.2	Quilombo Sítio Alto: Memórias Vivas, ressignificação das práticas quilombolas	109
3.2.1	O transformar da dança	112
3.2.2	O poder da palavra: as cantigas.....	119
3.2.3	Expressão do corpo em defesa da vida: A capoeira	122
3.2.4	Um dia no quilombo: Desfile cultural 7 de setembro	125
3.2.5	A simbologia da fé católica no quilombo Sítio Alto: O Reisado	129
3.2.6	A simbologia da fé católica no quilombo Sítio Alto: O Santo.....	132
3.2.7	A fé que move a vida: As mordomas.....	135
3.2.8	A ligação do homem com à terra: as sementes	138
4	“A RESISTÊNCIA: UMA POSSIBILIDADE EM TEMPOS DE DESTRUIÇÃO”.	143
	REFERÊNCIAS.....	150
	APÊNDICES.....	153
	ANEXO.....	155

ENTRE O SER E NÃO SER: UM TORNAR-SE LIBERTADOR DE UM CORPO MULHER NEGRA

Sopro de liberdade

*Tornar-me?!
 Mas, resistente eu era!
 Bem me alertava minhas ancestrais em sonho,
 Acorda, menina! Vá fazer seu ori.
 Tira a máscara que tu usas.
 Abra seus olhos cor da noite!
 Seja! Torne-se!
 Mas, resistente sempre fui!
 Afogada na brancura que nunca tive,
 No cabelo que insistia em deixar liso;
 Na anulação do pretuguês,
 Na mulata que sempre quis ser.
 Na perfeita dança da democracia racial,
 Que encanta!
 Que deixa
 Silenciada,
 Anulada,
 Parecida.
 Torna!
 Igual a quem é o dono do cenário.
 Mas quem não quer essa máscara?
 Quem não quer ser o outro nesse jogo sedutor que é a colonialidade?
 Tu, não queres, menina!
 Acorda!
 Abre os olhos que mamãe Oxum esculpiu.
 Torne-se
 Negra!
 Negra!
 Você é a semente da ancestralidade,
 Você é resistência!
 Você, mulher negra,
 Você é potência!
 Você juntou todos os gritos, pegou na mão da liberdade e voou.
 Tornou-se Negra!
 (Rafaela Matos)*

1.1 (Des)construção de um corpo insurgente: objeto, objetivos, questões de pesquisa.

Poderia começar este texto com uma citação ou poema de potentes intelectuais negras, que para mim são referência, como Conceição Evaristo², Lélia

² Escritora e intelectual negra, professora, poetisa brasileira.

Gonzalez³, Bianca Santana⁴, Ângela Davis⁵, Beatriz Nascimento⁶, Nilma Lino⁷, Grada Kilomba⁸, Chimamanda Ngozi⁹, Sueli Carneiro¹⁰, entre tantas outras, porém, ao refletir sobre o que me leva a escrever, pego-me inspirada por cada uma delas a produzir os meus próprios escritos enquanto intelectual negra que também me tornei.

Por que começar com poesia? Por que essa poesia? Na longa caminhada que é o tornar-me negra, a poesia foi melodia certa para mim no corpo mulher, no corpo pesquisadora, no corpo professora e no corpo negra, que carrega marcas que nem sabia que possuía, mas que, no processo de desconstrução pessoal e intelectual, foram emergindo. Também, a lembrar minha vida quando ainda não me entendia negra, a escrita, principalmente a poesia, era a maneira de desabafar as dores dos racismos velados que muitas vezes experienciei. Dores causadas pelas violências que estavam presentes em expressões como *morena* e *mulata*, na sexualização do corpo da mulher negra, que não queriam que eu fosse, ao mesmo tempo em que insistiam em enaltecer traços que cabiam nos moldes que o branqueamento¹¹ permitia. Foi essa expressão artística, a poesia, que impulsionou a rachadura¹² que fiz na “colonialidade¹³” – que se faz viva como reminiscência do processo histórico de colonização. Para mais, essa foi a maneira de me sentir viva e resistente a tudo que me mantinha presa, silenciada, anulada, imersa, usando a máscara¹⁴ que a colonialidade criou e cria. A poesia foi o despertar do sonho da sedutora democracia racial que vivi ao longo dos meus vinte e dois anos até descobrir-me negra, ou melhor, tornar-me.

Vinte e dois anos vivendo conflitos e medos, mesmo já pesquisando sobre questões étnico-raciais e as teorias pós-estruturalistas como o decolonial,

³ Foi intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira.

⁴ Doutora em Educação, escritora e jornalista.

⁵ Professora e filósofa socialista estadunidense.

⁶ Foi historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos.

⁷ Professora de graduação e pós-graduação, mestre em educação, doutora em Antropologia Social e pós-doutorado em sociologia.

⁸ Escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa.

⁹ Feminista e escritora nigeriana.

¹⁰ Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro.

¹¹ O que a colonialidade fez com os corpos negros; branqueamento faz referência ao branco europeu

¹² Modo que rompe com as barreiras da colonialidade.

¹³ A colonialidade é vista neste texto como cenário pedagógico que ensina os modos de ser sujeito na sociedade. A maneira como o branco ditou que o negro fosse.

¹⁴ Máscara quer dizer a maneira como o branco queria que o negro se visse, a colonialidade do ser.

proporcionada desde o doce encontro na graduação com a professora Doutora Ilka Miglio de Mesquita, junto aos debates construídos nas interações do grupo de pesquisa História, Memória, Educação e Identidade (GPHMEI), além das participações em iniciações científicas. Eu ainda não era negra; negava meus traços negroides todas as vezes que alisava meu cabelo e aceitava me chamarem de morena ou mulata. Meu desejo pela norma¹⁵ é meu desejo de vida. Na ótica da colonialidade e nos seus profundos ensinamentos, é a norma que nos faz humana. Algo que nunca estava certo em minha mente: não me sentia completa, não me sentia pertencente, não conseguia falar que eu era negra com segurança, faltava alguma coisa. Era difícil para mim, passavam mil coisas na cabeça, eu sabia que era o cabelo, que precisava voltar ao estado natural, porém, o medo de não ser aceita, de não ficar bonita, de ser criticada pela família, de sair do padrão que *mainha* tanto gostava, tudo isso me deixava aflita e silenciada.

O corpo não é apenas uma estrutura que possui órgãos que o sustenta, ele carrega todas as construções socioculturais que acompanham as trajetórias das sociedades; também é palco de transformações, porque aprende e apreende os ensinamentos do ser sujeito – o aceito e não aceito; é histórico, nele sentimos todos os efeitos da colonialidade, quando somos objetificados¹⁶ como corpos aceitáveis ou corpos indesejáveis. O corpo é a parte que está à mostra. Às vezes frágil, vulnerável, atacado, quieto, calado; outras vezes, potente, falante, resistente e insurgente¹⁷. É assim que me sinto hoje – insurgente – provocando rachaduras em todas as máscaras que a colonialidade criou em mim.

Meu corpo sempre respondeu às exigências dos estereótipos criados pela colonialidade. Regularam meu corpo a vida toda, seja na infância, quando minha mãe arrumava meus cabelos, deixando-os bem presos, puxados para trás ou fazia cachos bem definidos para não ter nada de volume, pois volumoso era feio, era “coisa de *nego*”, diziam; seja na família, que enaltecia minha pele mais clara. Na escola, vivi crente de que precisava ser a aluna destaque, intelectualmente falando, para saberem que eu existia ali, porque eu era invisível aos olhos quando se travava de ser escolhida para algo que envolvesse beleza, principalmente por causa do

¹⁵ Estar na norma é seguir o que a sociedade branca exige, o padrão social é branco.

¹⁶ Corpos que são colocados como objetos.

¹⁷ Resistente, que cria maneiras outras de lutar, contra o poder das colonialidades

cabelo, tido como feio e ruim. Cresci me questionando porque Deus não tinha me dado cabelo liso para eu ser bonita também. Até que, na adolescência, consegui alisá-los e foi surreal a espontânea aceitação dos outros. Senti-me agraciada com os elogios direcionados às minhas madeixas agora lisas e, portanto, perfeitas.

A dor causada pelas diversas máscaras que usei ao longo da minha vida é o que me move a recolher todas as Rafaelas que compõem a caminhada desta que vos fala, ainda que sejam elas ingênuas, frágeis e inseguras de si e do mundo. Sinto que despertei do sonho da colonialidade por completo ao cortar os cabelos no processo de transição capilar. Foi ali que comecei a me aceitar como negra e assumi feliz minha negritude. O tornar-me negra veio carregado de vontade de reescrever e pesquisar a história dos meus, das minhas mais velhas e ancestrais, que deram e dão suas vidas para que nos tornemos sujeitas/os na sociedade.

Assim, na urgência de pesquisas antiepistemicidas¹⁸, nas quais as muitas histórias do povo negro devem ser contadas pelos seus protagonistas, em cada palavra deste texto se fará ouvir ecos das vozes das/os sujeitas/os quilombolas do Sítio Alto. Enquanto negra, a sensibilidade em escrever¹⁹ as experiências²⁰ das/dos meus/minhas abraça-me forte. Esta necessidade de reescrever a história me move a tomar como objeto de estudo os saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto, localizado no município de Simão Dias, estado de Sergipe.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender como se ressignificam²¹ os saberes ancestrais no chão do Quilombo Sítio Alto, tendo em vista as amarras criadas no cenário pedagógico da colonialidade. Para chegar ao alcance do objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: identificar as formas como os/as quilombolas do Sítio Alto insurgem diante da colonialidade; perceber como os saberes das/dos mais velhas/os são apropriados pelas gerações mais novas em seus processos de ressignificações e insurgências perante a colonialidade que permeia a sociedade atual.

¹⁸ Pesquisas que contém as histórias pelos próprios protagonistas, as pessoas que foram subalternizados, como negros, indígenas, gays, trans, prostitutas.

¹⁹ Conceito criado por Conceição Evaristo que se refere à vida escrita na experiência vivida de cada pessoa. Em seu caso, da mulher negra.

²⁰ Focamos no texto na experiência do vivido, por pensamos ela como Walter Benjamin (1936) nos apresentou. Ao falarmos de experiência, memória, narração e saberes ancestrais estamos almejando a experiência que se liga a tradição e memória, diferente da vivência que está ligada ao cotidiano, o imediatismo do agora.

²¹ Estabelece sentido outro as lutas e resistências.

Esta pesquisa é uma aposta decolonial por acreditar que os saberes que são passados de geração em geração nos quilombos são ancestrais e representam a insurreição da urgência dos sujeitos quilombolas em contarem as suas próprias histórias, e por isso, fazem-se necessárias as várias lentes que o decolonial me proporciona dentro de uma colonialidade que ensina a ser sujeito. Nessa perspectiva, eu, enquanto historiadora, volto à minha terra Simão Dias - SE para compreender, através dos próprios sujeitos quilombolas, os saberes ancestrais que envolvem a história do Quilombo Sítio Alto. Quilombo, aqui visto como resistência, é lugar de lutas e memórias.

Como citei acima, sou uma das filhas de Simão Dias que voou longe para conquistar seu lugar na sociedade. Destacar isso é mostrar a importância da minha pesquisa para reescrita da história do meu lugar, é fazer a cidade ser conhecida também pelos saberes ancestrais que seu povo carrega e não apenas pelos vários políticos que saíram dela. Sendo assim, é preciso mostrar ao mundo onde fica essa terra de saberes e encantos.

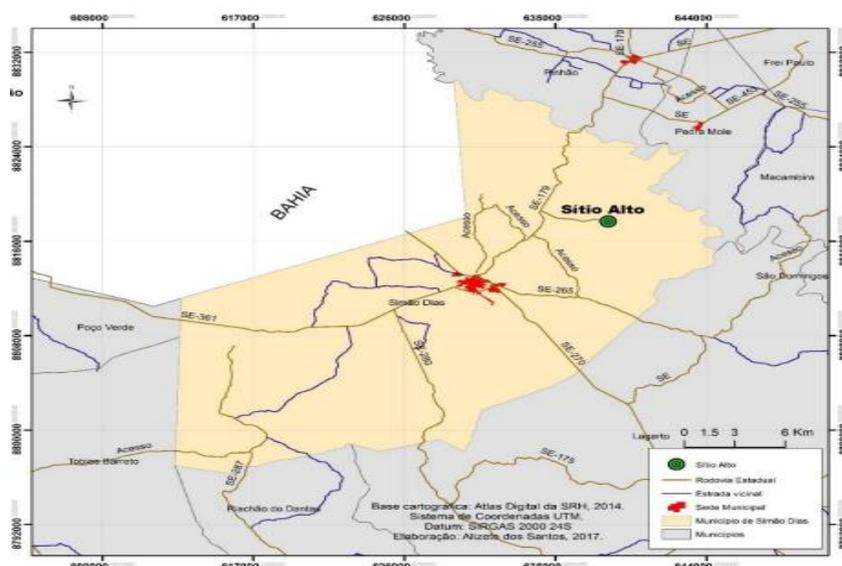
O município de Simão Dias fica localizado na região centro sul do estado de Sergipe, a uma distância de 100 km da capital Aracaju, uma hora e meia de carro baixo. Composto por uma região montanhosa, entre uma das serras alta está o quilombo Sítio Alto, que fica a 08 km da zona urbana da cidade. A seguir veremos dois mapas, um da localização de Simão Dias e outro da comunidade quilombola do Sítio Alto.

IMAGEM 1: Mapa de Simão Dias



Fonte: *Apud*, Centro da Terra²².

IMAGEM 2: Mapa de localização do Sítio Alto.



Fonte: SILVA, 2017

O Quilombo Sítio Alto guarda toda a força da ancestralidade de um povo que (re)existiu e (re)existe por melhores condições de vida, antes mesmo do seu

²² FERREIRA, A.S; DANTAS, M.A.T; DONATO, C.R. **OCORRÊNCIA DE LEPTODACTYLUS VASTUS LUTZ, 1930 (AMPHIBIA-ANURA: LEPTODACTYLIDAE) NA CAVERNA TOCA DA RAPOSA, SIMÃO DIAS, SERGIPE.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, XXX, 2009, Montes Claros. Anais, Montes Claros: 2009. p.9-12.

reconhecimento como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, em 2014. O nome Sítio Alto veio depois porquanto a comunidade, ainda que localizada em uma serra alta, era invisível aos olhos da população de Simão Dias, por ter grande número de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza. Isso nos faz perceber, nas entrelinhas, como a questão racial mantém relações com a socioeconômica, visto que as pessoas que lá habitam, em sua maioria, são negras. Esse fato, por muito tempo, levou pessoas da própria comunidade a não quererem ser pertencentes àquele grupo ou associadas aos moradores de lá. Também outras formas de discriminação aconteciam quando pessoas de outros lugares faziam associações preconceituosas àquela região, por exemplo, atribuindo-lhe nomes que remetiam a coisas “ruins” como *Alto da Moléstia*, *Alto do Cacete* e *Escorrega Lá Vai Um*.

Foram anos de lutas para dissociar esses nomes dados ao Sítio Alto, contudo, ainda hoje os conflitos envolvendo ações preconceituosas são algo de combate. Como moradora do município de Simão Dias, recordo-me bem das várias vezes em que minha mãe prendeu os meus cabelos, quando eu era ainda uma criança, para evitar que eles ficassem parecidos com os “das negras do Alto”, forma pejorativa para se referir a mulheres e crianças dessa comunidade. Igualmente me lembro que, durante a minha morada nesse município, nunca soube de histórias sobre o quilombo e tampouco me interessei em buscá-las. Foi preciso retirar-me do local em que eu vivia e adentrar outra realidade para perceber o efeito da colonialidade no meu olhar. Colocar a minha experiência como exemplo é uma forma de mostrar a maneira que meu corpo foi ensinado a ser um sujeito que olha para outro corpo, culturalmente diferente do meu, com um olhar desumano. Um simples comentário relacionado à textura do cabelo é pedagógico dentro do cenário no qual se vivencia a colonialidade.

Da mesma forma que fui ensinada a ser sujeito na sociedade simãodiense, a população do Sítio Alto também foi. As várias lutas e (re)existências travadas no então povoado, depois quilombo, vão ser lideradas principalmente por uma mulher, Dona Josefa Santos de Jesus, 63 anos, quilombola, nascida e criada naquele lugar que chama com o maior orgulho de quilombo. Essa mulher, aqui neste texto

chamada de Amefricana²³, matriarca ou líder quilombola que passa seus saberes ancestrais aos seus mais novos. A mulher que é mãe, esposa, avó, amiga, mulher do campo, mulher quilombola, mulher das lideranças, mulher símbolo de resistência e perseverança, que se articula em várias esferas sociais para trazer benefício para sua comunidade. Mulher que se movimenta dentro das estruturas de poder e, nesse movimento, move o quilombo, porque ela é o quilombo em movimento.

A insurreição²⁴ dos corpos quilombolas torna-se perceptível na fluidez com que os saberes ancestrais vão sendo passados no Quilombo. Podemos fazer uma analogia com a árvore *coração de nego*, presente no chão do quilombo Sítio Alto, que é velha, possui raízes fortes e profundas, e seus galhos mais velhos alimentam os galhos mais novos. No seu processo de secção para captação dos nutrientes das suas raízes aos galhos novos, com um elo fortíssimo entre as partes, ela consegue alimentar seus galhos mais novos, puxando desde as suas raízes. Assim são os saberes do quilombo, eles são passados de forma leve, fluida, espontânea e, ao mesmo tempo, estratégica; é luta pela memória, é saber ancestral, marcado pela oralidade na passagem dos saberes dos mais velhos aos mais novos. Sendo assim, a problemática central desta pesquisa está enraizada em torno da compreensão dos saberes ancestrais do quilombo Sítio Alto. Nesse sentido, perguntamos: Como os saberes ancestrais dos mais velhos se ressignificam e insurgem no chão do Quilombo Sítio Alto dentro da colonialidade?

O pressuposto central desta pesquisa está em torno da potência dos Saberes Ancestrais de grupos historicamente subalternizados e marginalizados, como é o caso dos quilombolas do Sítio Alto, por acreditar que mesmo dentro de uma colonialidade que é cenário pedagógico, esses grupos se organizam, enquanto sujeitos insurgentes, para guardar e ressignificar seus saberes ancestrais e (re)existirem. As ações desenvolvidas nos quilombos são maneiras outras de ensinar, que transpassam os limites que a colonialidade, como cenário pedagógico, cria, impõe e ensina. Assim, acredito que um quilombo se faz quilombo e resiste como tal pela força dos saberes ancestrais e identitários que, em seu solo, se constroem – com todos os conflitos e contradições próprios desse processo.

²³ Conceito criado pela intelectual Lélia Gonzalez

²⁴ O fazer insurgir, lutar contra a ordem de poder.

1.2 Criando raízes resistentes: bases teóricas da pesquisa

*“O colonialismo é uma ferida
Que nunca foi tratada.
Uma ferida que dói sempre,
por vezes infecta,
e outra vezes sangra.”*

Grada Kilomba

É preciso raízes fortes para seguir na luta. Assim, como forma de resistência, tanto na esfera geopolítica quanto na epistêmica, no final do século XX, dentro do grupo de investigação modernidade/colonialidade, denominado por Nelson Maldonado-Torres como giro decolonial, pensadores latino-americanos começaram a refletir sobre as questões que envolvem o social latino-americano, para alguns, o Sul Global. Com base nessas reflexões, esses pensadores produzem saberes decoloniais comprometidos com as existências de sujeitos outros; saberes que intencionam contra a hegemonia eurocêntrica. Nessa perspectiva, esse grupo tem vista a análise de questões sociais do sistema mundo colonial/moderno, traçando diferentes possibilidades de descortinar a colonialidade nas esferas do Poder, do Saber, do Ser e Cosmogônica. Nesta escrita, Aníbal Quijano (2009) difundirá o conceito de colonialidade do poder; Nelson Maldonado-torres (2008), a do ser; Walter Mignolo (2005), a do saber; e Catherine Walsh (2009), a cosmogônica. Para mais, como ferramenta interpretativa, trazemos o conceito de quilombo pelas lentes de Maria Beatriz Nascimento (2018).

A colonialidade é vista, neste texto, como cenário pedagógico que ensina os modos de ser sujeito na sociedade. Nesse sentido, vamos pensar na existência de dois universos paralelos numa relação em que um existe em função da anulação do outro com a geração de linhas abissais, ou seja, “deste lado da linha” o universo, visível, eurocentrado, colonial/moderno que se fundamenta na racionalidade social, que foi e é palco do genocídio das populações que habitam “o outro lado da linha”, o invisível, colonizado, sem civilização, sem identidade, que tem sua realidade negada e se torna totalmente inexistente. Estas linhas abissais, segundo Santos (2009, p. 24), são a “[...] característica fundamental do pensamento abissal e a

impossibilidade a presença simultânea dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece à medida em que esgota o campo da realidade relevante”.

Ler a colonialidade assim, enquanto cenário, é colocá-la como um dos principais elementos que constituiu o padrão de poder colonial/moderno que se reinventa na dita modernidade com o nascimento das Américas via a travessia do Atlântico. Quijano (2009) nos chama atenção para o caráter exploração/dominação/conflitos que a colonialidade tem, porquanto transpassa a questão econômica de relações sociais, baseada nas relações de trabalho e controle dos recursos de produção. No entanto, mais do que isso, é uma relação geocultural, geopolítica e identitária, que ensina, até os dias atuais, os corpos a serem sujeitos nas sociedades colonializadas.

Nessa perspectiva, mesmo a colonialidade sendo um conceito que nasce com a modernidade e não algo derivado, se diferencia do colonialismo, posto que este opera apenas na relação do sistema exploração/dominação que começa com as Américas, enquanto aquele vai além dessas relações socioeconômicas, articulando-se nos conflitos do próprio sistema de poder gerado pelo ‘lado de lá’ das linhas abissais. Assim, Quijano (2009) afirma que “[...] quando se trata do poder, é sempre a partir das margens que mais costuma ser vista, e mais cedo, porque entra em questão a totalidade do campo de relações e de sentidos que constitui tal poder” (p. 76).

A colonialidade do poder é uma realidade que nasce no sistema/mundo capitalista, porque o sistema/mundo se mantém estruturado, as engrenagens da colonialidade se perpetuam em pleno funcionamento até os dias de hoje. Aníbal Quijano (2009) formula esse conceito levando em consideração que, além da exploração e dominação do trabalho e dos recursos de produção, também acontece a exploração racial. O conceito de raça foi invenção dos europeus na modernidade, como forma basilar de dominação, controle e inferiorização dos povos ditos não europeus. Para mais, o conceito de raça foi e é responsável pelas disseminações do racismo.

Nas palavras de Munanga (2020, p.15), “Para ser racista, coloca-se como postulado fundamental a crença na existência de “raça” dentro da espécie humana. De outro modo, no pensamento de uma pessoa racista existem raças superiores e inferiores. [...]”. O conceito de raça tem um peso forte na construção não apenas

científica, mas histórico, político e social, porque mesmo que haja críticas ao conceito de raça pela ciência atual, especificamente na ciência dos povos colonizados, a sustentação desse conceito é mais profunda, por ser “política e ideologicamente significativo”, já que “funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis” (MUNANGA, 2020, p.15). Em outras palavras, mesmo os negros que alcançam altos cargos sociais, estarão na linha do espelho do racismo por serem negros. Esta forma de classificação do sujeito ganha espaço e forças para agir na sociedade.

Em todas as sociedades onde a colonização implicou a destruição da estrutura societal, a população colonizada foi despojada dos seus saberes intelectuais e dos seus meios de expressão exteriorizantes ou objectivantes. Foram reduzidas à condição de indivíduos rurais e iletrados. (QUIJANO, 2009, p. 111)

A Europa vira o epicentro do mundo quando consagra a colonialidade como cenário pedagógico. Dessa forma, o poder em suas dimensões, como estrutural, possui outra categoria que o complementa, a colonialidade do Saber, a qual está relacionada ao poder exercido nas várias formas de invisibilidade dos saberes dos povos colonizados. A necessidade de legitimação dos conhecimentos da Europa, como forma de dominação, foi precisa para ocultar, invisibilizar e se apropriar dos saberes não europeus. Estes não poderiam existir, porque apenas a ciência antropocêntrica foi validada e legitimada.

Walter Mignolo (2005) vai nos dizer que a diferença colonial começou a ser percebida com as descolonizações dos países colonizados no século XIX, com uma ideia trabalhada no imaginário dos povos dominados de que a Europa era detentora do conhecimento universal.

[...] O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando-se em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera [...]. (MIGNOLO, 2005, p. 37-30)

O imaginário trabalhado foi o eurocêntrico – uma única história contada várias e várias vezes, com um único lado à mostra, este em paralelo a outros lados

invisibilizados, inexistentes. Essa maneira de agir da colonialidade é uma das facetas de moldar os corpos, apagá-los e silenciá-los. Na operação de consagração da hegemonia do sistema/mundo capitalista, há mais uma de suas esferas em vista, a colonialidade do ser, que para mim é a mais traumática forma de silenciamento do sujeito. A colonialidade do ser age na anulação das experiências ontológicas do sujeito colonizado, ela é a forma mais eficaz de subalternização na modernidade/colonialidade.

Nelson Maldonado-Torres (2008) vai se debruçar nas reflexões sobre a colonialidade do ser. Segundo o autor (2008), “a relação entre poder e conhecimento conduziu o conceito de ser” (p. 89). Para tanto, a colonialidade do ser faz referência às experiências na colonização, e mais do que isso, mostra o impacto no imaginário e apagamento do “ser” nos corpos colonializados como sujeitos que não produzem coisa alguma. “O Ser não era algo que lhe abrisse o reino da significação, mas algo que parecia torná-lo alvo da aniquilação [...]”. (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 94)

No universo da colonialidade, existe também outra esfera que faz relação com as três citadas anteriormente: a colonialidade cosmogônica, que age na anulação das cosmovisões dos povos colonizados. O sistema mundo modernidade/colonialidade invisibilizou as relações dos povos colonizados com a natureza, com o sagrado, com a terra e com os ancestrais. Catherine Walsh (2009, p. 15) afirma: “Assim, pretende anular as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e as da diáspora africana”. Essas anulações desumanas estão enraizadas na negação e destruição da coletividade e da existência do sujeito, ou seja, é um problema ontológico.

Nessa perspectiva, dentro de todas as dimensões em que a colonialidade atua – Poder, Saber, Ser e Cosmogônica – existe uma ligação entre elas que ajuda na proliferação dos vários ismos que se constituíram nas sociedades colonizadas. Os corpos que passam pela dor de sentir os efeitos das colonialidades na carne, na mente e nas suas terras criam rasuras e (re) existem. O Quilombo nasce como uma rachadura na opressão imposta aos negros no sistema/mundo capitalista. Por anos a historiografia brasileira trouxe um conceito distorcido de quilombo, traçando estereótipos a respeito do termo. É na década de 1970 que intelectuais negras e

negros, membros do movimento negro do Brasil, veem a necessidade de estudar os núcleos das populações negras. Maria Beatriz Nascimento (2018) foi uma das mentes sensíveis que se dedicou aos estudos sobre os quilombos, por acreditar que esses lugares, por muito tempo presos à territorialidade que abrigava apenas pretos fujões, transpassam o colonialismo, que constituem histórias de negros, não de ex-escravizados.

Desse modo, a necessidade de olhar os quilombos como rachadura é a mesma de atribuir-lhes outro conceito. É ver o Quilombo como lugar de resistência, lugar de gente negra, e não apenas como está na definição do Conselho Ultramarino datado de 2 de dezembro de 1740, que delimitava “quilombo” ou “mocambo” como “[...] toda habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte desprovida” (NASCIMENTO, 2018, p. 68). Ou até como aparece em uma das definições no dicionário Aurélio, que se refere a escravos fugidos, e para mais ainda, como está na literatura, que os Quilombos eram a maneira dos escravos fugirem da escravidão. Nascimento (2018) traz essas três versões do conceito de Quilombo como formas estereotipadas e anuncia que o Quilombo “se forma na necessidade humana de se organizar de uma forma específica que não aquela arbitrariamente estabelecida pelo colonizador” (p. 70). Essa afirmação da autora produz uma quebra na imagem imposta pela historiografia até a década de 1970, que amarrava o Quilombo às estruturas de poder do colonizador.

Esta forma específica de organização social vai se articulando dentro do regime oficial de poder estabelecido. O primeiro passo de reação contra o regime é a fuga, uma forma insurgente de reagir e estabelecer uma nova composição autônoma. Para Nascimento (2018), a fuga é a primeira etapa de uma estrutura nova de resistência. A autora, ao comentar sobre as fugas dos negros escravizados, faz a observação de que eram primeiramente os homens que fugiam, como acontecia em Palmares e na maioria dos quilombos. Nessa relação, ela traz uma informação importante para entendermos tanto as fugas quanto a própria organização do Quilombo como necessidade de resistência e não de acomodações.

Nascimento (2018) alerta que a grande maioria dos relatos da história oficial e dos documentos oficiais foca apenas nos momentos em que os quilombos entram em guerra contra o regime de poder estabelecido, porém, coexistentes a esses

relatos, em seus escritos sensíveis e potentes, passagens que vão trazer o antes, o durante e o depois, no sentido de ver o Quilombo existindo como núcleo organizado que estabelece relações.

Podemos ver, portanto, que, estabelecido num espaço geográfico, presumivelmente nas matas, o quilombo começa a organizar sua estrutura social interna, autônoma e articulada com o mundo externo. Entre um ataque e outro da repressão oficial ele se mantém ora retroagindo, ora se reproduzindo. Este momento chamaremos de “paz quilombola”, pelo caráter produtivo que o quilombo assume como núcleo de homens livres, embora potencialmente passíveis de escravidão. (NASCIMENTO, 2018, p. 76).

A “paz quilombola” é exatamente a maneira como os quilombos se organizavam, está no antes, no durante e no depois, que nos documentos oficiais não aparecem; é a forma como os quilombolas se articulavam dentro do sistema opressor e a insurgência que os negros brasileiros acharam para serem sujeitos. A “paz” faz referência a ver a história dos Quilombos não apenas como ataques ao regime, mas também resistência.

Os quilombos são resistências, sim! Por serem uma ruptura no sistema dominante e por se constituírem como lugares de memórias e histórias. No contexto de dominação, essas comunidades montam diferentes formas de existência e criam um sistema diferenciado de poder. “Só que não é um estado de poder no sentido que a gente entende poder político, poder de dominação. Porque ele não tem essa perspectiva, cada indivíduo é o poder, cada indivíduo é o quilombo” (NASCIMENTO, 2018, p. 334). Nesse sentido, por acreditar que os Quilombos são lugares de resistência e de saberes outros, esta pesquisa aposta nos saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto como maneiras outras de insurgência quilombola.

1.3 Caminhos de resistência: construção metodológica da pesquisa

*Vozes-Mulheres
A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó*

ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO, 2017, p. 24-
 25)

Nunca me imaginei escrevendo uma dissertação, pois cresci sob as amarras cruéis do racismo, sem acesso a livros, separada do mundo da leitura, o que consequentemente refletia em minha escrita. Começo essa subseção com esse poema de Conceição Evaristo, porque a escrita para mim é sinal de existência e resistência do povo preto. Escrever cada parágrafo é um eco de vida e liberdade. Mas por que iniciar um caminho metodológico falando disso? Por que com a poesia de Conceição Evaristo? Porque o caminho metodológico diz muito sobre como se desenhará o corpo da pesquisa. Então, neste texto eu aposto em uma pesquisa com sujeitas/os, e não sobre os/as sujeitas/os.

Meu compromisso é com um conhecimento outro, construído no chão do Quilombo Sítio Alto, com pessoas que reinventam a própria existência e acolhem uma proposta de pesquisa que é, também, um ato de resistência. Tecer cada linha do texto é saber que estou construindo um trabalho digno, representativo, que atua na trincheira antiepistemicida, antirracista – uma escrevivência!

Assim, a construção metodológica desta pesquisa ecoará as narrativas de sujeitas/os quilombolas. Eu, enquanto mulher negra, estou de mãos dadas com todas as minhas mais velhas e ouvindo em sonho as minhas ancestrais, porque aqui nas linhas desta dissertação estarei traçando a minha escrevivência e a do meu povo, o povo negro, minhas irmãs e meus irmãos, minhas companheiras e meus companheiros de luta e resistência. Aqui saúdo todos que lutaram e deram a vida para que hoje eu pudesse escrever, e mais do que isso, para que eu pudesse ter o direito de aprender a ler e escrever, negado a tantos dos nossos. Juntar a minha voz à de todos/todas quilombolas foi um processo de escrevivência no qual tive que achar direção. Escrevivência é o eco de vida-liberdade que nós negros e negras precisamos dar a ver a nossa existência na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo (2017) nos apresenta o conceito de Escrevivência, o ato de escrever a vida e seu sentido, as suas experiências na infância, adolescência e na fase adulta, que são atravessadas pelas questões sociais e de raça. Mulher negra periférica, Conceição Evaristo desenha uma metodologia própria de escrever suas narrativas e as dos seus. Usar a escrevivência como metodologia se faz importante nesta pesquisa, porquanto este texto é tão meu quanto de Dona Josefa e dos/das quilombolas do Sítio Alto. É tão nosso, pois são os/as negros/as falando sobre si e as suas histórias, enquanto se tornam sujeitos ativos e protagonistas e revivem o beco de suas memórias ao escrever suas muitas histórias.

O descaminho, a todo o momento, invadia-me como um rio ao encontrar o mar. Eu me via banhada de várias direções, mas não sabia qual seguir. Quando paro, penso e escrevo aqui sobre meu processo, quando escuto as vozes outras e escrevo suas narrativas, estou atravessada das minhas experiências e das/dos quilombolas também. Estou entrelaçada à dor, aos risos, à memória, ao canto, à dança, a cada movimento tecido pelos corpos que insurgem e existem dentro do Quilombo enquanto provocam fissuras na colonialidade.

Os atos de escutar, dialogar, aprender e transcrever os saberes ancestrais de Dona Josefa, Helena, Maria, Bruno, Paulo, Alex, Eugênia e Leandro, na metodologia sensível que o conceito de Evaristo nos apresenta, foi uma potencialidade em proporcionar escrever as narrativas com elas/eles, sobre seus saberes. Nesse caminho traçado por mim e por todos/as os/as colaboradores/as

citados/as acima, construímos as possibilidades de diálogos e encontros, nos quais meu papel foi daquela que se coloca a ouvir e aprender, a sentir cada gesto, dor, alegria, amor, indignação, luta e resistência, no processo de expressão das experiências de cada um junto às do quilombo Sítio Alto.

No sensível gesto de sentar e compartilhar saberes em rodas de conversas, estabeleço ali a autoria delas/deles como autoras/es e ouvintes das suas experiências no ser quilombola. Elas/eles, pelo ato da palavra, mostram a importância de assumir a autoria das suas próprias histórias e juntos constroem histórias outras do Quilombo. É nas trocas de experiências que se constroem as narrativas.

Esse processo de narrar experiências é carregado de ancestralidade Africana. Em África, a tradição oral sempre foi a força e a herança do povo que vê na palavra o poder de guardião dos seus saberes. Dessa forma, esta pesquisa aposta na sua construção metodológica em tecer uma escrevivência que permite os autores da pesquisa narrarem suas experiências. Para isso, não perdendo o fio da sensibilidade metodológica que o conceito de escrevivência possui, fazemos um entrelace entre este e as técnicas de entrevistas da história oral.

A valorização e o uso de fontes orais na história tiveram início em meados do século XX, mais especificamente no chamado pós-guerra, posterior à primeira guerra mundial. Com o avanço tecnológico, aparelhos de som (como gravador de áudio e fitas) permitiram que pesquisas desse tipo fossem desenvolvidas. Mesmo sendo a história oral utilizada desde muito antes do surgimento da escrita em todo o mundo, dentro da história eurocentrada não havia espaço para essa técnica, principalmente por ser uma tradição ancestral que permanece nas práticas dos povos africanos, além de seu caráter subjetivo, o que levava os historiadores e pesquisadores a não darem credibilidade ao método. A historiadora brasileira Verena Alberti (2008, p.155) defende a história oral como “o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.

O destaque de Alberti para a “história dentro da história” é rasura feita na história oficial que generaliza ações e acontecimentos do passado como sendo os verdadeiros. De outro modo, a história oral possibilita críticas e olhares outros, além de novas percepções e interpretações dos acontecimentos do passado e presente.

Assim, a autora afirma que “Essa riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais”. (ALBERTI, 2008, p.166)

As experiências e os modos de vidas dos/as quilombolas do Sítio Alto, que serão apresentados neste texto, quando narrados e escritos, são a construção de histórias outras. No processo dessa construção histórica, no qual a escuta sensível nos diálogos estabelecidos se faz possível através dos processos de rememoração de cada colaborador, a memória²⁵ é essencial para os relatos das experiências do vivido e do sentido, nos quais elas se constroem, sejam essas individuais ou coletivas. Elas também se reinventam e são selecionadas por cada um que revive e adentra suas memórias para narrar suas experiências.

Munanga (2020, p. 16) nos diz que:

[...] a memória é construída, de um lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares vividos por esse segmento da população, e de outro lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo [...].

O trabalho seletivo que a memória faz está entrelaçado como acontece a construção da identidade da comunidade, que é a maneira como os saberes são ressignificados, a importância dos ensinamentos, as trocas e os caminhos para a preservação cultural, da identidade, dos saberes. Ao lembrar suas experiências e a do seu grupo, nas entrevistas de história oral, como em outras metodologias que estabelecem o diálogo com colaboradores, a memória é fundamental. Alberti nos diz:

E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, possível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo. (ALBERTI, 2008, p. 167)

²⁵ Na próxima seção, o conceito de memória junto a tradição oral, nos levará ao caminho de uma conversa maior.

Para compreendermos como os saberes ancestrais ressignificam e tecem escrituras no Quilombo Sítio Alto, focamos nas experiências das pessoas participantes desta pesquisa. Estamos falando do entrelaçamento metodológico sensível que buscamos. Assumindo a autoria das falas, os atores e autores que narram suas histórias, passando pelo processo de rememoração, possibilitam-nos compreender e apreender seus saberes ancestrais. Em tal caso, assumo aqui o papel de ouvinte, porquanto, como defende Alexandro Portelli (2016, p. 10) “A história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta.”

Portelli (2016), em seus escritos, nos chama atenção para a importância de ter respeito pela escuta. O autor busca mostrar como é fundamental estabelecer conexões entre quem escuta e quem está narrando. As aproximações entre quem escuta e quem fala são fundamentais para o desenvolvimento das narrativas. A maneira como o mediador entra em contato e o diálogo que se estabelece, o tempo da rememoração do narrador, o cuidado na transcrição, tudo isso leva tempo, sensibilidade e respeito para com os/as autores/as que estão cedendo seu tempo e compartilhando suas experiências. Utilizar das técnicas da entrevista da história oral é fazer uso principalmente de uma escuta sensível que potencializa a fala das/dos colaboradoras/es.

Dentro da metodologia da história oral, é desenvolvido um trabalho que vai desde a preparação da entrevista até sua realização e seu tratamento (ALBERTI, 2008). Na primeira parte, a elaboração do projeto e do roteiro de entrevista é fundamental para orientar o caminho a percorrer, alinhando o objetivo, os colaboradores e a temática estudada. Nesta pesquisa, que tece uma escritura em busca de compreender os saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto, escolhemos por realizar entrevistas temáticas e de vida, por acreditar que as duas caminham juntas ao encontro do nosso objetivo. As entrevistas temáticas “[...] são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido [...]”. Já as de história de vida “[...] têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou [...]” (ALBERTI, 2008. p. 175). Portanto, a escolha por ambos os tipos de entrevistas se deu com o propósito de deixar os/as colaboradores/as, ou seja, companheiros de diálogo mais à vontade para narrar as

experiências de vida dentro do Quilombo, o que nos permite um maior apanhado de acontecimentos no processo de rememoração.

Ao pensar no que me leva a escrever e o que me faz realizar pesquisa sobre os saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto, volto à elaboração do meu projeto de pesquisa e à justificativa da escolha do objeto: por muito tempo fiquei presa dentro do que ouvia dizer sobre o Sítio Alto, para mais, não tinha um olhar outro sobre a história do Quilombo. A elaboração de um projeto de pesquisa é a base dos nossos estudos sobre o que resolvemos saber mais profundamente, é a possibilidade de adentrar fundo em um ambiente que desejamos desvendar. Na primeira versão do meu projeto de pesquisa, meu objeto era outro: o ensino de história dentro da escola quilombola, como era desenvolvido e como a história do quilombo estava sendo contada no ambiente escolar. A primeira dobra da pesquisa foi feita. Angustiada com os rumos e o tempo que a pandemia da Covid-19 estava levando, o que me deixava impossibilitada de ir ao campo fazer a pesquisa à luz do referencial estudado e aplicar a metodologia escolhida.

Naquele momento, de tantas angústias e incertezas quanto à realização da pesquisa, o desânimo bateu e a vontade de desistir também. Em um dos encontros do grupo de pesquisa, de forma sensível e amável, fui surpreendida com um gesto de respeito e companheirismo da minha orientadora Ilka Miglio e dos colegas do grupo de pesquisa História, Memória, Educação e Identidade (GPHMEI). Naquele espaço virtual de encontro, pudemos desabafar, chorar e contar nossos medos e aflições sobre nossas pesquisas. Depois das demonstrações de amor e acolhimento, ao final da reunião, fui incentivada a rever meu objeto. Assustada, perdida ainda, porém feliz, passei a pensar no que iria fazer dali para frente.

Então, mesmo com o medo que pulsava ali e com as incertezas que ainda me cercavam, resolvi direcionar o meu olhar para os saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto. Agora, no chão do quilombo, eu estabeleceria diálogo com os/as quilombolas. No tocante ao andar dos meus pensamentos, parti para elaborar meu novo projeto de pesquisa. De início me aprofundei em um referencial teórico que me ajudasse a compreender o cenário e as/os sujeitas/os da pesquisa distante da colonialidade. Mesmo já estudando alguns autores há anos, cada novo estudo é sempre uma possibilidade de desconstrução. Feitas as leituras basilares e algumas que as complementavam, comecei a elaborar o projeto, traçando objeto,

objetivo, perguntas de pesquisa e metodologia, esta que ficou em construção por muito tempo. Por pensar em sensibilidade e respeito à pesquisa em si, a metodologia foi alterada três vezes até chegar à escrevivência entrelaçada às técnicas de construção de narrativas da história oral.

No processo de escolha dos/as participantes da pesquisa, dois questionamentos surgiram: 1) quem entrevistar? 2) Por que entrevistar? No entanto, entre as dúvidas e as certezas, um nome veio à mente: Dona Josefa do Sítio Alto, essa mulher que é a líder quilombola e carrega as histórias, lutas e resistências para a existência daquela comunidade. Mas não é apenas Dona Josefa que desenvolve essa tarefa, ao seu lado existem outras pessoas que, como ela, vêm buscando maneiras outras de existência, e, juntas, lutam para realizar a preservação da cultura, da identidade e da memória dos seus saberes ancestrais. Ao pensar em quem mais deveria ser entrevistado/a, logo vieram todos eles/elas à cabeça. Todos/as que fazem parte dessa rede são ramificações e formam a árvore mãe/resistência que, querendo ou não, temos uma linhagem familiar muito forte.

Agora parto para apresentar cada um/a dos/as nossos/as companheiros/as que dialogam comigo na pesquisa. Cada um deles/as terá um adjetivo dado por mim em yorubá, dialeto africano. A ordem apresentadas/os a seguir poderia guiar-se por algumas linhas de apresentação como idade, ordem alfabética e função no Quilombo, no entanto, vou usar a linha de parentesco com a matriarca dona Josefa. Assim, começo por ela.

FOTO 1: Dona Josefa

Fonte: Foto cedida por Dona Josefa.

Josefa Santos de Jesus, 63 anos. *Alágbá*, em yorubá, significa ancião, pessoa que impõe respeito pela idade. Dentro do quilombo, Dona Josefa é uma das anciãs que guardam os saberes ancestrais passados dos mais velhos para os mais novos. Repleta de sabedoria, ela conquista o respeito de todos/as, não apenas pela idade, mas por todo conhecimento que possui. Lembro-me do nosso primeiro contato, carregado de formalidade, timidez e pouca proximidade quando falei via Whatsapp para marcar nosso encontro. A ida ao Quilombo foi carregada de receio e insegurança de uma pesquisadora que vai pela primeira vez ao campo. Dona Josefa me recebeu de maneira acolhedora, fazendo do Quilombo minha casa também. Quando recordo os vários momentos de encontros, o coração fica quentinho por rememorar cada demonstração de respeito e cuidado que construímos naquele chão. Senti-me como se estivesse na casa de vó, acolhida e abraçada, um elo que transpassa e rasura os modos engessados de pesquisas cartesianas. São as dobras da sensibilidade, o tecer de escrever experiências vividas.

FOTO 2: Maria

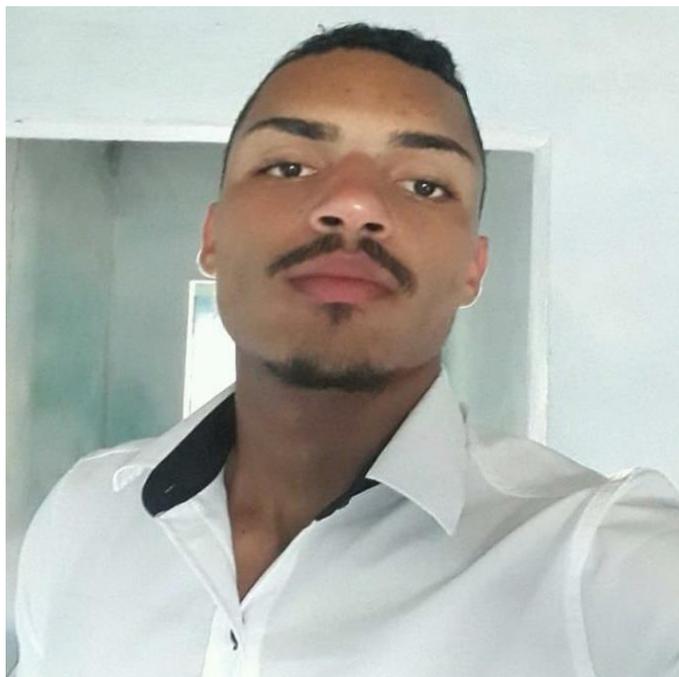
Fonte: foto cedida por Paulo Batista

Maria Santos e Santos, 42 anos de idade. Ao observar a foto de Maria e perceber seu olhar, lembro-me de cada ida ao Quilombo e sua recepção. *Onínúre/Onínúrere*, em yorubá, significa pessoa boa, amável. Cada palavra dita por Maria é amor e ternura. Seu jeito doce e encantador deixou nossas conversas mais acolhedoras e felizes. Sendo filha de Dona Josefa e morando próximo a ela, Maria ajuda a sua mãe nos afazeres de casa, participa da dança de roda e dos eventos realizados no Quilombo. O lindo sorriso de Maria se juntará aos outros na escrita deste texto.

FOTO 3: Eugênia

Fonte: foto cedida por Eugênia

Eugênia Santos de Andrade, 24 anos de idade. *Onísùúrú*, em yorubá, significa pessoa paciente e gentil. Eugênia, no seu tom de voz, no seu olhar e na sua maneira de se expressar, transparece leveza e paciência para resolver as coisas. Por levar uma pesada rotina de trabalho, nas minhas idas ao Quilombo, poucas vezes tive a felicidade de encontrá-la. Sendo neta de Dona Josefa, sempre que possível, se coloca à disposição para ajudar na acolhida das pessoas que vão conhecer o Quilombo, além de ajudar nos eventos e participar das danças de rodas. Ao conversarmos, no desviar da pesquisa, nossa energia sintonizou. Eugênia via em mim não somente a pesquisadora, mas alguém com quem teve a confiança de estabelecer um diálogo. Paralelo a outro trabalho, ela, pedagoga de formação, tem um reforço escolar na sua casa no Quilombo. Com seu jeito doce e encantador, é mais uma das vozes desta dissertação.

FOTO 4: Bruno

Fonte: foto cedida por Bruno

Bruno Batista dos Santos, 22 anos de idade. No início das minhas idas ao Quilombo, Bruno ficava distante, apenas observando e sem muito diálogo. Aos poucos nossa relação foi se estreitando, em encontros mais dinâmicos e divertidos, e ele passou a ter mais confiança, estabelecendo assim um laço de maior aproximação. *Alábápín*, em yourubá, significa parceiro. Um companheiro que me ajudou em vários momentos, me apresentou alguns lugares do Sítio Alto, fez pontes entre mim e outras pessoas do Quilombo, além de possibilitar meu acesso a materiais essenciais para a pesquisa. Bruno é neto de dona Josefa. Fruto de políticas públicas, ele é bolsista do PROUNI²⁶, cursando Sistema de Informações na Universidade Tiradentes. Tem articulado a formação, preservação e divulgação dos saberes da sua comunidade, é o responsável por movimentar as redes sociais e administrar a agenda de visitas a Dona Josefa e ao Quilombo.

²⁶ Programa Universidade para Todos do Ministério da Educação, Governo Federal.

FOTO 5: Helena

Fonte: foto cedida por Paulo

Helena, 50 anos de idade. *Aláfé*, em yorubá, significa pessoa elegante. Ao lembrar-me de Helena, vem à recordação a elegância com que se arrumava para cada momento que a vi no Quilombo, em eventos ou nos nossos encontros. Mãe de quatro filhos, Helena é mãe solo, que lutou desde cedo para sustentar e trazer conforto aos seus. Dentro do Quilombo, ela está à frente de algumas manifestações culturais como o reisado e as mordomas, participa da dança de roda e ajuda na organização dos eventos da comunidade. Helena é sobrinha de Dona Josefa.

FOTO 6: Paulo

Fonte: foto cedida por Paulo

Paulo Batista dos Santos Filho, 31 anos de idade, estudante de Direito pela Faculdade Dom Pedro II, localizada em Lagarto- SE. Com a voz potente que ecoa versos de força e luta, Paulo procura levar o nome do Sítio Alto longe. Nas encruzilhadas que a vida proporciona a cada um de nós para buscar melhores condições, ele é um dos filhos do Sítio Alto que sai para trabalhar. Depois de alguns anos distante do chão do Quilombo, Paulo começa a restabelecer laços, mas agora com mais entendimento sobre seus direitos enquanto quilombola e os de sua comunidade também. Ele trava lutas que visam reparação histórica, valorização à identidade e à cultura, políticas públicas na área da saúde, educação, entre tantas outras. A vontade, força e garra para lutar por/com seu povo é ancestral. Somado agora a todos que lutam no Quilombo, Paulo é *Alágbàsq* que, em yorubá, significa porta voz e representante. Paulo é sobrinho de Dona Josefa.

Foto 7: Alex

Fonte: foto cedida por Alex

Alex, 32 de idade. Sua timidez e seu olhar observador me rodearam. Quando cheguei ao Quilombo para o primeiro contato, Alex sentou-se longe, olhando-me, ouvindo atentamente a fala de Dona Josefa, de Helena e de Maria. Ao chegar à sua vez, o olhar desconfiado transformou-se em palavras cheias de certeza do amor por Sitio Alto. *Aláinípádi*, em yorubá, significa pessoa ativa, decidida. Desde os primeiros encontros com Alex, as palavras dele foram firmes, enaltecendo a alegria que sentia em ainda morar no Sitio Alto. A firmeza em seu olhar assegura suas palavras. Alex é primo de Dona Josefa.

Foto 8: Leonardo

Fonte: foto cedida por Leonardo

Leonardo Santos Souza, 31 anos de idade, professor de capoeira. Leo, assim chamado por todos que o conhecem, dos envolvidos na pesquisa, é um dos que eu já conhecia há alguns anos, mas não como quilombola. Para mim foi um encontro feliz tê-lo aqui. *Olóyáya*, em yorubá, significa pessoa alegre. Ao adentrar a fundo nas minhas memórias, nos momentos que estive com Leo, lembro-me de uma pessoa que sorri com os olhos, alegre em fazer o que gosta: ser professor de capoeira e levar sua cultura a diversas crianças e adolescentes, através de alguns projetos em que participa. Lembro-me das rodas de samba em que estive presente na adolescência, mal sabia que o desejo, a vontade e o gosto pelo samba e capoeira eram ancestrais. Viera do meu povo como uma memória corporal ancestral. Leo dá aulas de capoeira dentro do Quilombo, ele trabalha exclusivamente com a capoeira. Leo é primo de Dona Josefa.

1.3.1 O ato de ouvir/ aprender: realização das entrevistas

*Revolução
Não deixe calar a nossa voz não!
Bia Ferreira²⁷*

Foto 9: Uma das entrevistas de Dona Josefa



Fonte: Acervo pessoal

Embaixo de quatro árvores²⁸ que se entrelaçam e formam uma só, os encontros aconteceram, ou como gosto de falar, acontecia a magia do ouvir/aprender – as trocas. Foram em média 10 encontros, com duração de duas a três horas de conversas. A foto representa bem: uma pesquisadora atenta à narrativa de uma das porta-vozes do Quilombo, Josefa. No caso, o que me possibilitou entender essa dinâmica do ouvir foi saber que “A entrevista de História oral é, antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes. [...]” (ALBERTI, 2008, p. 178). Duas gerações se encaram e tecem trocas. Mesmo tendo colaboradores de diferentes idades, são experiências diferentes, as experiências são outras.

²⁷ Cantora, compositora e multi-instrumentista brasileira.

²⁸ Na próxima seção falaremos mais sobre a árvore.

A experiência de estar presente nas entrevistas é inexplicável. O olho a olho, as expressões, os silêncios, as falas apressadas, a busca por palavras que expressem o sentido – cada detalhe é indispensável para a entrevista. Embora algumas entrevistas tenham sido feitas por *WhatsApp*, nas quais eu começava a conversar com os colaboradores de forma descontraída sobre o Quilombo e o cotidiano deles, os entrevistados eram orientados a gravar áudios para registrar o diálogo. Considerei relevante antes conhecer cada um dos participantes tomar todos os cuidados sanitários estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde em virtude da pandemia da Covid-19. Pude ter a imagem fotográfica de cada um dos colaboradores, o que foi essencial para o processo de tratamento das fontes, as quais eram registradas em áudios, colocadas em um *drive* criado exatamente para esse armazenamento, para assim, ser feita a transcrição.

Sensível a cada palavra dita por cada um/uma nas rodas de conversas, nos diálogos, no falar, na escuta, assim foi o tempo sentido nos encontros. Com respeito pelo tempo de diálogo provido de perguntas fluidas para possibilitar uma narrativa que permitisse construir as escrevivências do Quilombo Sítio Alto, as entrevistas fluíram como as águas de um rio, que mesmo em meio aos percursos – contradições e imprevistos, próprios do ato de se fazer pesquisa – não deixou de seguir seu curso, fazer seu (des)caminho, ressignificando tudo o que toca, inclusive esta que vos fala. São com pessoas que sentem, choram, ficam indignadas, se alegram, são fortes, tímidas, desconfiadas e autênticas, que possuem suas individualidades e juntas são o Quilombo, que os rabiscos, às vezes rasurados, foram feitos. São as dobras do ser pesquisador e do fazer pesquisa que escreve o que é sentido, visto e escutado. Cada emoção, expressão de abrir a boca, toda força que eles carregam é Quilombo em movimento.

A pesquisa, por ter a participação dos meus companheiros de diálogo, contou com a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Tiradentes. Assim, garantimos a dignidade da pessoa humana, respeitando e seguindo todos os padrões éticos da pesquisa em educação.

1.3.2 Tecendo escrevivências com fios sensíveis de experiências vividas

É o trabalho de transcrição que requer “dedicação, paciência e sensibilidade” do/a pesquisador/a, o qual vai ouvir cada áudio e transcrever o que contém ali, respeitando o que está gravado (ALBERTI, 2008, p. 181). Nos diálogos que se farão ecoar neste texto a partir da segunda seção, será preservado o pretuguês dos colaboradores. Pretuguês “nada mais é do que a marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 2020, p. 128). A importância da preservação da linguagem do pretuguês neste texto vem da oportunidade de construção de uma escrita antiepistemicida (escrevivências) e de poder dialogar com intelectuais negras como a Amefricana Lélia Gonzalez. O tratamento sensível ao material é fundamental para a pesquisa. A responsabilidade me cerca neste momento. Narrativas da vida liberdade estarão em cada pedaço do texto – é chegada a hora de escrever!

1.4 Pesquisas que atravessam: em busca de saberes outros

Escolher escrever é rejeitar o silêncio.

Chimamanda Ngozi Adichie

O ato de pesquisar não é algo que se constrói sozinho, encontros são feitos. Como uma pesquisa realizada por uma mulher negra, voltada às histórias do povo negro e aos saberes ancestrais, faz-se necessário o encontro com as minhas mais velhas, aquelas que antes de mim já pensaram e realizaram pesquisas que falam de atravessamentos, de dor, de ancestralidade, de saberes, de pedagogias outras, de ensinamentos que são tecidos no chão de Quilombos, de escolas quilombolas, de Quilombo vivo e em movimento. Assim, nessa busca, as potências de trabalhos de autoras e autores negros são essenciais nesta minha trajetória. Obras de autoras negras, a primeira, que conheci no grupo de pesquisa GPHMEI, e outra que foi desenvolvida na Universidade Tiradentes, são potentes em provocar fissuras nos epistemicídios causados pela história única, que por tanto tempo marginalizou e silenciou o protagonismo do povo negro.

A primeira é *Pele da Cor da Noite* de Vanda Machado, publicada em 2013. A pesquisa trata-se de um “[...] projeto criado, desenvolvido e implantado na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, na comunidade de terreiro Ilê Axé Opo Afonjá [...]” (MACHADO, 2013, p. 19). Em uma vivência dentro de uma escola quilombola, a autora escreve sobre as experiências tecidas no chão dessa escola e vai à busca dos saberes ancestrais que atravessam esse terreiro. O trabalho de Machado (2013) me revelou as dobras que um processo da pesquisa possui. De forma sensível e potente, ela fala sobre seus atravessamentos enquanto o pertencimento ao lugar de sua pesquisa. Na minha busca pelos saberes ancestrais no Quilombo Sítio Alto, ler *Pele da Cor da Noite* foi um encontro com a minha pesquisa e me ajudou a entender que o ato de pesquisar é cheio de atravessamentos e dá sentido ao tornar-se pesquisador/a.

A pesquisa de Machado (2013) também se faz importante pela forma como as memórias para as construções das narrativas são colocadas. Imersa na etnografia e no ato de “escutar, vivenciar e compreender o pensamento africano recriado na diáspora”, Machado (2013, p. 21) legitima a escola como “lugar onde todas as vozes podem ser ouvidas, onde tudo é juntado e tem significado incluindo uma perspectiva de reconstruir o processo educativo de sujeitos autônomos, coletivos e solidários a partir da cultura local”.

Nessa busca por pesquisas que ecoem vozes negras, a segunda leitura feita foi da tese *Entre gritos e silêncios: ecos de uma pedagogia de (re)existência com meninas quilombolas*, de autoria de Mirianne Santos de Almeida (2019). Ler essa tese me provocou choro e encontro. A autora é mulher negra, professora, militante e irmã de lutas e compartilhamento de dororidades, enquanto amiga e colega de grupo de pesquisa. A importância da leitura e citação do trabalho de Almeida (2019) nesta dissertação é a insurgência de pesquisas acadêmicas sensíveis e potentes de mulheres negras que ocupam espaços dentro da academia tão epistemicida. A autora, com a aposta em pedagogias de (re)existência em um território outro, mostra a maneira como corpos subalternizados, assim como são os dos quilombolas, criam maneiras de viver, de ser e de se tornar dentro da colonialidade que os mata e silencia.

O cenário de pesquisa é tecido dentro do Quilombo Urbano Maloca, especificamente na CRILIBER. ²⁹Assim, tomado com o objetivo de “[...] compreender a constituição da pedagogia de (re)existência a partir das experiências de crianças e quilombolas, integrantes da Criliber”, a autora desenha o uso de pedagogias de (re)existência que transpassem os muros da escola, porque a vivência no campo possibilitou ver uma pedagogia que “emerge como rachadura na concretude da colonialidade; no fazer cotidiano, no mais singelo ato de reafirmar a vida diariamente, como possibilidade de (re)existência na necropolítica.” (ALMEIDA, 2019, p.131)

Almeida (2019, p. 132) ainda diz:

Numa perspectiva decolonial, reconheço na pedagogia infinitas possibilidades de construção de metodologias de luta pela existência, desde a transmissão de saberes e valores pela oralidade até as estratégias de enfrentamentos que são ensinadas e apreendidas na convivência diária e coletiva.

A lente decolonial junto à pedagogia proposta por Almeida (2019) é fortalecida pela convivência/experiência de pessoas outras dentro do Quilombo, são os saberes ancestrais que são ensinados e passados aos mais novos. São eles que deixam os corpos (re)existentes à colonialidade e possibilitam a construção coletiva de maneiras outras de existir. Ao me propor a aprender com os quilombolas do Sítio Alto, me dedico a ler essas autoras e, assim, perceber as experiências desenvolvidas por cada uma na construção de seus objetos de estudo, abrindo-me espaços para pensar em uma educação outra, no chão do Quilombo.

Como já mencionado, o ato de pesquisar é algo que se faz com múltiplos encontros, portanto, para ampliar o campo do conhecimento sobre a temática, fez-se necessário mapear e documentar o que já foi produzido sobre a temática pesquisada. Para tanto, realizamos uma investigação acerca das produções acadêmicas a partir de publicações de trabalhos científicos no Catálogo Digital de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que está vinculado à plataforma Sucupira.

²⁹ Criança Liberdade

Em uma tarde de outono, 1º de junho de 2021, foram realizadas as buscas na plataforma. Na primeira busca, foram utilizadas as coordenadas do seguinte descritor com a utilização das aspas: “saberes ancestrais”, nada foi encontrado. Em uma segunda busca com o descritor “saberes quilombolas”, com aspas e sem refinar meus resultados de seleção, obtive 8 resultados – 6 dissertações e 2 teses, publicadas entre os anos de 2008, 2014, 2016, 2017, 2018 e 2020. No entanto, 2 desses trabalhos não puderam ser acessados, porquanto um não estava disponível por ser realizado antes da criação da plataforma, e o outro não foi disponibilizado pelo autor na plataforma. As áreas de conhecimento encontradas foram Educação, Biologia Geral, Ensino de Ciências e Matemática e Geografia.

Feita a leitura dos 6 trabalhos que estavam disponíveis na plataforma, foram escolhidos 5 trabalhos, sendo 4 da área de educação e 1 da área de estudos rurais. O outro trabalho que compunha os 6 dos escolhidos foi dispensado por ter o objetivo distante da temática estudada. A seguir apresento o quadro com as 3 dissertações e uma breve descrição de cada uma, além dos atravessamentos com a minha pesquisa. Logo em seguida há outro quadro com as 2 teses, os devidos comentários sobre elas e os encontros com a minha pesquisa.

QUADRO 1: Mapeamento das Dissertações

TÍTULO	OBJETIVO GERAL	AUTOR/ANO	PROGRAMA/ UNIVERSIDADE	LOCAL DA PESQUISA
As práticas curriculares de professores (as): olhares sobre os saberes culturais negros e quilombolas no município de Santa Luzia do Norte e sua relação com as pinturas de Mestre José Zumba	Analisar as vivências e saberes de docentes da modalidade de Educação Escolar Quilombola e seus sujeitos em seus saberes experienciais e curriculares decorrentes dos processos educativos nos invólucros da memória histórico-social em que está situada a escola pesquisada.	Beatriz Araújo da Silva/2017	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.	Bairro Quilombo em Santa Luzia do Norte.
No batuque do Bambaê: memória étnica e educação	Analisar de que forma o Bambaê do Rosário da vila de Juaba e os	Josiel Monteiro da Silva/2016	Programa de Pós-Graduação em Educação da	Comunidade remanescente de quilombo

na Juaba/Cametá/PA	saberes contidos na celebração contribuem na educação dos moradores da comunidade.		Universidade do Estado Pará.	de Vila da Juaba.
O Batuque como ferramenta de resistência territorial e identitária Comunidade Quilombola Baú, Araçuaí/MG	Compreender as relações do batuque (cantos, toques de tambor e danças) e a resistência étnica territorial nas comunidades quilombolas, aprofundando o olhar na trajetória da Comunidade Quilombola Baú de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha-MG.	Paulo Henrique Lacerda Gonzaga/2020	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.	Comunidade Baú, Araçuaí-MG.

Fonte: Elaborado pela autora (2021), a partir da base de dados da Capes, que está vinculado à plataforma

Fazer o mapeamento de trabalhos que já foram realizados e procurar por estudos que colaborem na minha caminhada enquanto pesquisadora é fundamental. Na dissertação intitulada “*As práticas curriculares de professores (as): olhares sobre os saberes culturais negros e quilombolas no município de Santa Luzia do Norte e sua relação com as pinturas de Mestre José Zumba*”, de autoria de Beatriz Araújo Silva (2020), a autora se propõe a investigar as práticas curriculares dos professores de uma escola quilombola. Com o objetivo de analisar as vivências e saberes de docentes da modalidade de Educação Escolar quilombola, ela se desdobra para traçar paralelos entre os saberes presentes no currículo do município de Santa Luzia do Norte e a forma como estes são passados no exercício da docência e através dos saberes da comunidade, além de destacar Mestre Zumba como um grande contribuidor para a cultura negra alagoana e a necessidade da sua presença nas escolas.

Com a divisão em cinco seções, o desenho do corpo da dissertação se dá pelas discussões de currículo, educação escolar quilombola, experiência cultural, saberes locais e vozes dos sujeitos pesquisados, utilizando uma metodologia embasada em questionários, entrevistas semiabertas e análise do discurso, de Michel Foucault. A leitura da dissertação de Silva (2017) me mostrou como o campo da educação ainda é um local distante quando estamos falando de saberes

ancestrais e de valorização da cultura negra. Além disso, me fez perceber como a minha pesquisa é importante por tratar dos saberes ancestrais, que a colonialidade e sua estrutura de poder querem deixar apagados.

O encontro com o trabalho de Josiel Monteiro da Silva (2016), em sua dissertação intitulada “*No batuque do Bambaê: memória étnica e educação na Juaba/Cametá/PA*”, foi enriquecedor, uma vez que o autor analisa como os saberes que estão dentro da celebração do batuque do Bambaê do Rosário, na comunidade remanescente quilombola de Vila do Juaba, contribuem para a educação daquela comunidade. Embalado ao som do tambor, instrumento usado em várias manifestações de matriz afro-brasileira, o autor nos envolve em seus questionamentos enquanto pesquisador e em suas preocupações com a contribuição do seu trabalho para campo da educação e do currículo da educação básica, principalmente por meio Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o Ensino de História da Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas.

Para a realização do trabalho, Silva (2016) utilizou-se de pesquisa documental e de uma metodologia de entrevistas semiestruturadas com os dançarinos do Batuque Bambaê. Ao ler a dissertação, encontro-me pensando nos atravessamentos que levaram o pesquisador a investigar sobre uma temática que necessitou ser aprofundada em seus estudos, por sentir que tinha mais a ser explorado, principalmente sobre o conceito de Quilombo.

A leitura da dissertação nomeada “*O Batuque como ferramenta de resistência territorial e identitária Comunidade Quilombola Baú, Araçuaí/MG*”, de autoria de Paulo Henrique Lacerda Gonzaga (2020), foi um momento de reflexão para mim enquanto pesquisadora que passou pelo seu processo de encontro com a sua negritude no ato de pesquisar. O autor, de modo sensível, fala do seu processo de aproximação com a comunidade quilombola do Baú e das necessidades de pesquisas relacionadas à temática, além de comentar seu encontro dentro da religiosidade de matriz afro-brasileira e o despertar para tentar compreender a relação do batuque (canto, toque de tambor e dança) com as resistências e identidade quilombolas. Nesse processo, ele percebe as semelhanças entre as práticas dos saberes do Quilombo com as do terreiro cujo é filho. Semelhanças que podem ser visualizadas na utilização de cantos, tambor e danças.

Assim, para desenvolver a pesquisa, Gonzaga (2020) utilizou uma metodologia etnográfica participativa. Um dos pontos que me chamou mais atenção nesse trabalho e que faz ligação com o meu campo de pesquisa é ver como os saberes ancestrais, base da resistência negra quilombola, são ressignificados em cada quilombo e como as práticas deles nos mostram a cultura e identidade africana na diáspora.

QUADRO 2: Mapeamento das Teses

TÍTULO	OBJETIVO GERAL	NOME/ANO	PROGRAMA/UNIVERSIDADE	LOCAL DA PESQUISA
O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser, ver e dialogar com o mundo	Investigar de que maneira a escola traduz as concepções de mundo das comunidades quilombolas para o currículo escolar	Antônio Ferreira/2014	Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Comunidades quilombolas – João Sura e Maria Adelaide Trindade Batista
Saberes e práticas educativas quilombolas: expressando e fortalecendo a identidade	Identificar elementos da cosmovisão africana, que perpassam os saberes quilombolas e o conceito de quilombismo que aponta para as narrativas como elemento de tomada e fortalecimento da identidade	Rute Ramos da Silva Costa/2020	Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro	Comunidade e Machadinha

Fonte: Elaborado pela autora (2021), a partir da base de dados da Capes

A tese de Antônio Ferreira (2014), *“O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser, ver e dialogar com o mundo”* é mais um estudo para investigar como os saberes das comunidades quilombolas são traduzidos em suas escolas, nesse caso específico, as do Paraná. Com as problemáticas que nos movem a pensar junto, o autor fala sobre a questão dos currículos, Quilombo, cultura, identidade e saberes tradicionais das comunidades quilombolas. O autor vê a potencialidade de um currículo para escolas quilombolas de maneira híbrida, que seja emancipatório para os estudantes da comunidade. Mesmo tendo a concepção das disputas de poder que envolvem a elaboração do

currículo, ele fala da importância de um projeto curricular voltado para a valorização da cultura e identidade, por acreditar que currículo são coisas entrelaçadas no espaço escolar.

Para a construção de um currículo que valorize os saberes tradicionais e o modo de ser e ver o mundo, ele nos alerta para a necessidade de descolonizar as mentes e ouvir as vozes silenciadas pela hegemonia branca. Ferreira (2014) desenvolveu a pesquisa a partir da metodologia etnográfica qualitativa.

A segunda tese, “*Saberes e práticas educativas quilombolas: expressando e fortalecendo a identidade*”, de Rute Ramos da Silva Costa (2020), foi para mim um achado lindo. O trabalho é de uma sensibilidade muito intensa. A pesquisadora descreve seu encontro com o tema e seu pertencimento, enquanto mulher negra, em um estudo sobre os saberes ancestrais da comunidade remanescente de Quilombo Machadinha, fazendo intersecções entre o campo da educação e da saúde, por ter formação inicial em nutrição. Costa (2020) se propõe a identificar os elementos da cosmovisão africana no chão da comunidade. Seu interesse inicial pela culinária quilombola e o projeto *Raízes do Saber* a levaram a perceber a importância dos saberes ancestrais como forma educativa, própria da comunidade. Assim, as atividades de resistências quilombolas eram lutas que os quilombolas de Machadinha vinham buscando enquanto direitos deles. Dessas atividades, destaco a busca por implementação de políticas públicas nas instituições governamentais e de ensino, focadas nos saberes próprios das comunidades como essenciais.

Desse modo, a autora aposta nas práticas educativas fora dos ambientes institucionais, uma aposta também minha nessa pesquisa. Como elemento essencial para a valorização da vida, especifico as comunidades de Quilombo, por acreditar que ter uma cosmovisão ancestral que faz relação com a nossa ancestralidade promove laços que são preservados pela memória e passado de forma oral. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi escolhida a metodologia etnográfica, de imersão no campo. A problemática de pesquisa está enraizada no questionamento das práticas educativas da comunidade Machadinha e na valorização da identidade quilombola, além de uma preocupação com os protagonistas no processo educativo e suas narrativas.

Dito isso, partimos para anunciar aqui a estrutura desta dissertação. Na primeira seção, que corresponde à introdução, dialogamos para explicar o encontro

com a temática, o objeto estudado, os objetivos, a problemática de pesquisa, o referencial teórico, metodologia escolhida e o levantamento de produções de dissertações e teses que tiveram ligação com a temática pesquisada.

Na segunda seção, são discutidas as análises sobre como os corpos de sujeitos quilombolas insurgem diante da colonialidade. Nessa ordem, veremos como a colonialidade ensina os corpos dentro de um cenário da sociedade. Como ponto de partida, serão tomadas como base as entrevistas narrativas com os sujeitos da pesquisa, especificamente a da matriarca Dona Josefa.

Na terceira seção, será apresentado o conceito de tradição oral e memória, os quais são essenciais para percebermos como os saberes das/dos mais velhas/os são apropriados pelas gerações mais novas nas práticas quilombolas em um processo de ressignificações dos saberes ancestrais. Vale ressaltar que esse processo ocorre no cotidiano em comunidade com conflitos e desentendimento próprios de pessoas que pensam diferente e dividem o mesmo espaço. Para tanto, parto das escrituras produzidas a partir dos diálogos nas entrevistas de história oral que foram realizadas com os/as colaboradores/as da pesquisa.

Na quarta e última seção, serão retomados os objetivos e a problemática de pesquisa. Assim, escreveremos as linhas finais dessa dissertação, falando do caminho, os desafios, e os encontros feitos no Quilombo Sítio Alto.

2.0 O PODER DO CORPO NEGRO: AÇÕES DE INSURGÊNCIA

*Atravessei o mar, um sol
 Da América do Sul me guia
 Trago uma mala de mão
 Dentro uma oração, um adeus
 Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
 Tem cor, tem corte
 E a história do meu lugar, ô
 Eu sou a minha própria embarcação
 Sou minha própria sorte
 Atravessei o mar, um sol
 Da América do Sul me guia
 Trago uma mala de mão
 Dentro uma oração, um adeus
 Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
 Tem cor, tem corte
 E a história do meu lugar, ô
 Eu sou a minha própria embarcação
 Sou minha própria sorte
 Je suis ici, ainda que não queiram, não
 Je suis ici, ainda que eu não queira mais
 Je suis ici, agora
 Cada rua dessa cidade cinza
 Sou eu
 Olhares brancos me fitam
 Há perigo nas esquinas
 E eu falo mais de três línguas
 E a palavra amor, cadê?
 E a palavra amor, cadê?
 Je suis ici, ainda que não queiram, não, ô
 Je suis ici, ainda que eu não queira mais
 Je suis ici, agora
 Je suis ici, e a palavra amor, cadê?
 E a palavra amor...*

Luedji Luna³⁰

³⁰ Cantora e compositora brasileira

2.1 Ações que constroem histórias “outras”

“É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE, 2019, p. 22)

Essa frase de Chimamanda Ngozi Adichie é um alerta a pensarmos como estamos imersos na história única que foi contada, pensada, idealizada e executada pela supremacia branca sobre/para os povos colonizados. O chamado de Adichie (2019) é para percebermos como estamos presos a um lado da linha sem pensar na existência do outro lado, o qual diz respeito a pessoas negras que foram jogadas às margens e silenciadas, tornando-se invisíveis. Para mais, penso também nas trincheiras deixadas por esses dois lados, inspirada em Milton Santos, para não ficar limitada ao dominador e dominado, perdendo, conseqüentemente, a oportunidade de enxergar as resistências que se tecem no miudinho do cotidiano, no desejo de vida que se dá também no ato de desejar a norma – já que ela, a norma, nos faz humanos. Penso em corpos insurgentes que rompem com esse feito que resultou e resulta no epistemicídio dos saberes, da cultura, da identidade e dos corpos negros que rasuram a norma.

Nossa sociedade é marcada pela ideologia de superioridade. A forma estrutural é a maneira pedagógica de ensinar nossos corpos a serem sujeitos. A colonialidade vai se concretizando cada vez que são reproduzidos e perpetuados cada valor, costume, crença e conhecimento do branco como os únicos verdadeiros. Assim, mitos são criados e continuamente são ensinados até que se tornam fortes. A democracia racial brasileira é o nosso mito de país da harmonização das raças, junto ao desejo de ver toda sociedade com “sangue branco” e pele clara, ou seja, o branqueamento realizado de forma eficaz.

Por anos, nossos estudos vêm sendo centrados nessa visão única estereotipada que tivemos das misturas das raças. “[...] Toda preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira [...]” (MUNANGA, 2020, p. 54). O foco na “raça” foi fundamental para alimentar as dificuldades de hoje, da construção e identificação

pertencente à identidade coletiva nacional. Essa forma de pensar é a maneira mais genial de anular a existência dos negros na construção tanto da história do Brasil como de todas as partes do mundo. Silenciar e invisibilizar os negros era o caminho mais viável, melhor dizendo, apagar qualquer vestígio positivo dos negros como sujeitos históricos era a principal forma de dominação da supremacia branca. O que estava em jogo era transformar “pluralidade e mesclas, de cultura e valores civilizatórios tão diferentes, de identidades tão diversas, numa única coletividade de cidadãos, numa só nação e num só povo” (MUNANGA, 2020, p. 55). Trabalhar o imaginário dos sujeitos contando-lhes apenas uma única história é o alicerce para a manutenção do poder que foi desenhado pelas elites brasileiras desde o final do século XIX e início do XX. Como Adichie (2019) nos alerta, a história única é perigosa, criando apenas uma realidade desejada e aceitável, tornando os corpos históricos subalternizados e marginalizados, idênticos ao seu agressor.

No palco de desvelar a história única brasileira, que silencia os negros da cena, temos do outro lado da linha, especificamente nas trincheiras da sociedade, intelectuais, ativistas e militantes negros do Brasil que no final do século XX, aproximadamente nos anos 70 e 80, se articulam e se posicionam politicamente para construir ações afirmativas, fazendo esforços para reescrever a história dos negros a partir do “Eu sou até as origens do Eu sou” (NASCIMENTO, 2018, p. 341). Ou seja, o encontro interno dos negros com os seus ancestrais.

Em busca desse “eu sou” da ancestralidade em ação, o movimento negro brasileiro, como grande articulador e ator político, focalizou seus trabalhos a fim de colocar a raça como uma ideia afirmativa, destacando seus benefícios para a participação ativa na construção da nossa identidade nacional e, portanto, da nossa história.

Ao politizar a raça, o Movimento Negro desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, suas histórias, cultura, práticas e conhecimento; retirando a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial. (GOMES, 2017, p. 22).

Sendo assim, a autora fala da importância do movimento negro para transmutar as ideias sobre raça, ou seja, colocá-la como algo positivo. Esse ato

rompe com as associações ruins criadas pela democracia racial sobre o negro, que nada mais é do que uma das vertentes da história única. Partindo desse ponto, atribui-se importância ao movimento em virtude de suas várias articulações e debates sobre o grave problema racial do Brasil, além de conseguir trazer visibilidade para os negros e efetivar várias políticas públicas de reparação que possibilitaram mais oportunidade, participação e direito a esse grupo.

Ao falar em movimento negro e ações políticas, temos que chamar para roda Beatriz Nascimento, mulher negra, quilombola, ativista e militante, uma das grandes vozes que se articulou dentro do movimento fazendo parte de várias conquistas. Exaltando o tom de alegria de poder iniciar a recriação da identidade nacional brasileira junto ao movimento, esse processo que a autora chama de *Orí*. O processo de fazer o *Orí* dentro das religiões de matrizes africanas significa fazer a cabeça, momento de iniciação e conexão do filho de santo com o seu orixá. Já para Nascimento (2018, p. 432), no contexto do movimento negro, “O processo de *Orí* é uma recriação da identidade nacional através do movimento Negro da década de 70”. Tem o caráter de começar novamente os engajamentos para trazer o “eu sou” interno, adormecido em cada irmão negro. A autora ainda nos diz:

[...] Na verdade, eu sabia quem era. Eu sabia que o Eu sou estava inteiro. Mas desagregado numa vivência de mundo extremamente repressiva. Daí a possibilidade de sair disso foi a reflexão, volta pra dentro Tirar de dentro a potência para que houvesse possibilidade de abertura, de liberdade. E esta abertura é a abertura da nacionalidade brasileira. Um amplo leque que o movimento Negro desperta de questões. (NASCIMENTO, 2018, p. 342)

Orí é o abrir dos olhos proporcionado pelo movimento negro para a história do Brasil. A forma de ressignificação da história que foi escondida por anos é a saída do sujeito negro da repressão. O “sair da senzala para o quilombo” (NASCIMENTO, 2018) é o mais bonito dos gestos, o novo início, uma nova forma de lutar, aprender, refazer, buscar reconhecimento, direito e existência da vida. *Orí*, como o movimento negro é ancestral, é a força de um povo que nunca desistiu da luta, que sempre buscou maneira de fazer e refazer a cabeça e seguir.

Trago também as palavras da ativista negra, militante e intelectual Lélia Gonzalez, que ao lado de Beatriz Nascimento e de outros irmãos de luta,

contribuíram para a visibilidade do movimento negro e o transformaram em ato político e organização articuladora de políticas públicas afirmativas em prol dos negros brasileiros. Gonzalez (2020) nos diz que:

O MNU se define como um movimento político de reivindicações sem distinção de raça, sexo, educação, crença política ou religiosa e sem fins lucrativos. Seu objetivo é a mobilização e organização da população negra brasileira em sua luta pela emancipação política, social, econômico e cultural, que tem sido obstada pelo preconceito racial e suas práticas. [...] (p. 119)

O Movimento Negro Unificado é uma organização que, desde a sua criação, reconheceu os problemas de integração social que o Brasil enfrentava, assim, combinando “[...] problemas de raça e classe como foco de sua preocupação [...]” (GONZALEZ, 2020, p. 113). Sua fundação e princípios são as bases do que chamamos hoje de movimento negro. Caracterizar o movimento como ato político é fundamental para percebermos que suas reivindicações sempre foram em prol dos direitos das negras e dos negros enquanto participantes da nação. Objetivar o movimento como articulador da mobilização dos negros, a fim de serem sujeitos emancipados, é a superação das amarras e correntes coloniais que nos prendem à opressão colonizadora, a qual sempre nos regulou dentro da história única. A companheira Nilma Lino (2017, p. 25) nos diz:

Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo *explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, à ancestralidade africana e o continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a com integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. *É preciso que nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo.*

Negras e negros posicionados sim! Para ressignificar as ações e fortalecimento nas trincheiras, é preciso que as negras e os negros sejam atores políticos, saibam seus direitos e lutem para os alcançarem. Quando acontece o posicionamento, temos uma movimentação que mexe com a estrutura do poder da colonialidade. Vão se criando fissuras no sistema, colocando em xeque todos os preconceitos que o mito da democracia racial carrega. Além disso, “[...] constrói, sistematiza, articula saberes emancipatórios pela população negra ao longo da história social, política, cultural [...]” (GOMES, 2017, p. 24). Em se falando de ações e corpos politicamente posicionados, abro o diálogo com o quilombola Paulo Batista que nos alerta:

Lutar por políticas públicas para o Quilombo representa uma missão em prol da minha ancestralidade e a do meu povo quilombola. Alicerçado pelo amor da família, porque a nossa comunidade quilombola é uma família! É uma ascendência coletiva e comum, é se descobrir como peça chave de uma engrenagem para reivindicar o bom funcionamento da máquina pública. Para fins de garantia dos direitos fundamentais, dignos a todos sem desigualdade. Lutar por políticas para o Quilombo é sentir a força do racismo, por ele ser estrutural e institucionalizado nos equipamentos sociais, militar. Políticas públicas para meu povo Quilombola é esperança de dias melhores e fortalecimento do senso coletivo, é memória, é descobrimento da importância de solidificar as organizações representantes de quilombos para que de forma eficaz, reivindique a política pública com zelo e respeito a sua própria história. É entender o eu quilombola e nós como instituição quilombola. Não basta ter direito reconhecido, certidão de comunidade quilombola, nenhum direito é automático sem luta, é preciso lutar, nunca existiu quilombo sem luta, as batalhas contra o poder governado em sua maioria por brancos, e nossa povoação remanescente quilombola está inserida em um sistema ceivado de racismo estrutural, tornando-se uma luta árdua na mesma proporção quanto o sofrimento de nossos antepassados. (Paulo Batista, 31 anos. Entrevista concedida por Whatsapp em outubro de 2021).

Quilombo é movimento sim! Nas palavras significativas de Paulo, temos Quilombo voando alto, onde deveria estar sempre. Para o nosso companheiro de diálogo, Quilombo é uma família. Isso inclui a presença de sentimentos como alegria e desarmonia, natural de quaisquer relações interpessoais. No seio familiar quilombola, os vínculos afetivos também se deparam com essa dualidade. Nos relatos de Paulo, Dona Josefa e Bruno existem situações em que algumas pessoas se encontram no lado que a máscara da colonialidade escondeu.

Dentro de um Estado que viola nossos direitos, por sermos negras e negros, enquanto cidadãs e cidadãos, o tom de suas palavras é insurgência pura de um corpo quilombola que sabe que por lei, dentro do parâmetro constitucional, possui direitos. As políticas públicas a que Paulo se refere, nas palavras de Silvio Almeida (2020, p. 145), as ditas “ações afirmativas”, “são políticas de promoção de igualdade nos setores público e privado, e que visam a beneficiar minorias sociais historicamente discriminadas”. Paulo, como estudante de direito, sabe bem os direitos do seu povo quilombola. Por pertencer à comunidade, conhece as demandas e busca, perante a lei, estratégias de resistência. Em sua narrativa, podemos identificar as esferas da colonialidade quando fala na estruturação do racismo e afirma que o poder está em mãos brancas que excluem os negros da participação da sociedade, enquanto cidadãos de direitos. Porém, nas brechas, o Quilombo está ali lutando e resistindo.

Paulo fala de racismo estrutural por pensar na forma estruturante e estrutural como a colonialidade atua – concordamos com ele em sua afirmação. O movimento negro traz ao jogo a problemática do racismo, além de tornar basilares os diálogos sobre a questão. Por anos, a sociedade brasileira debateu racismo de forma sutil, deixou-o escondido, negou-o, afirmando que não éramos racistas e que as questões de desigualdade tinham “[...] origem na discriminação” que “está no aspecto socioeconômico [...]” da sociedade somente (NASCIMENTO, 2018, p. 53-54). Porém, como a própria autora (2018) nos alerta, a discriminação e o preconceito racial, assim como o “econômico” ou até mesmo o “jurídico-político, são “integrantes” e estão sendo “acumulados numa determinada sociedade” pelo caráter estrutural que possuem (NASCIMENTO, 2018 p. 53-54).

Junto a Nascimento (2018), Silva (2020) também nos diz que o racismo tem um caráter estrutural por se dar na “[...] própria estrutura social, ou seja, do modo normal com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares [...]” (p. 50). O problema dessa estruturação é sentido na pele pelo povo preto todos os dias, ainda que atualmente o racismo seja considerado crime, efeito das articulações políticas desenvolvidas pelas lutas do movimento negro. Somos o país que mais mata negros, que os expõe à violência nas ruas e tem no sistema carcerário o maior número de pessoas negras. Eis o efeito da colonialidade nas

suas mais dolorosas esferas, no modo estrutural e estruturante que se concretiza na sociedade brasileira. O sentir na pele é narrado por Alex:

Infelizmente o Brasil é um país racista! Nós vivemos numa sociedade racista, uma sociedade que vê o negro como subalterno, uma sociedade que não dá o devido valor, né, ao negro. Vê o negro como marginal, aquele que tá a margem da sociedade, até mesmo da lei, até mesmo da lei! E então nisso aí, nesse contexto digo, que eu digo que é difícil, é difícil uma pessoa pobre nascida na comunidade quilombola negra não ter sofrido algum tipo de preconceito, o racismo. Minha mãe me falou que alguns anos quando nós *morava* na cidade, ela foi atrás de uma vaga na escola, uma escola para eu e meu irmão estudar, mas chegando lá a diretora olhou para nós e disse que nós não, não, não fazia parte daquela, daquele grupo, né? Não tinha lugar para nós ali porque aquele grupo não era para nós. Infelizmente! Ela foi na outra escola e achou vaga, até para trabalhar também, era lá né, trabalhar lá fazer o serviço gerais. Mas a outra escola antes que ela foi para ele não aceitou a gente lá e sendo que aquela escola era pública, ainda hoje é pública! Mas por, pelo preconceito, pela até mesmo sei lá por que foi que ela não aceitou a gente lá. (Alex, 32 anos. Entrevista realizada em fevereiro de 2021.)

Sim, Alex, o povo negro foi jogado às margens! Como um corpo documento que carrega toda história de vida desde a infância, Alex nos relata a sua experiência com o racismo e suas facetas na sociedade de Simão Dias. A afirmação de que a escola é pública mostra que, enquanto cidadão, ele sabe que o público se refere ao que é do povo, assegurado pelo estado democrático de direito. No entanto, como nos disse Paulo, “o poder é governado em sua maioria por brancos”, assim, nessa atribuição do uso de poder público, vemos uma instituição que é de direito de todos os cidadãos fazendo restrições por cor de pele. Quando Alex afirma o “sei lá por que”, revela a incerteza do dito, mas que com certeza foi sentido. A população negra sente o racismo, mas não consegue se libertar dele, porque faz parte da estrutura de poder encarnada. O racismo nasceu com a ciência moderna, veio para América e fixou-se nas entranhas da formação do Brasil colonizado, concretizou-se como ciência de superioridade do branco europeu e engendrou sua ideologia.

A ideologia do racismo tem raízes tão profundas na formação social brasileira que temos que levar em conta uma série de formas de comportamento, de hábitos, de maneira de ser e de agir inerentes não só ao branco (agente) como ao negro (paciente). Principalmente, é da parte do negro que se necessita esclarecer todo o produto ideológico de quatro séculos de inexistência dentro

de uma sociedade da qual participou em todos os níveis.
(NASCIMENTO, 2018, p. 54)

O racismo está nas entranhas! Nascimento (2018) grita como a colonialidade foi pedagógica com os corpos negros, como a ideologia do racismo é uma maneira de ensinar qual é o lugar que o corpo inferiorizado deve ocupar, na verdade, o lugar que ele não tem na sociedade. O corpo “paciente” que a autora fala é o das ausências, do esquecimento, silenciamento, da inexistência na história. Quando falamos de ideologia do racismo, estamos falando de colonialidade do ser, de apagamentos, de subalternizações; estamos falando de vidas negras que não importaram e não importam até hoje para o estado de poder. O sistema/mundo/capitalista não colocou fim no colonialismo, pelo contrário, suas correntes se reinventaram e continuam sendo sentidas pela carne mais barata do mercado, a negra³¹.

Por tudo o que foi dito, a história única é, sim, perigosa, porquanto desenvolve pedagogicamente maneiras de nos regular e nos prender às amarras coloniais, entretanto, podemos dizer que as forças ancestrais que nos movem até aqui são potentes. Nossos/as irmãos/ãs nunca desistiram de ser livres, seja na difícil tarefa de construir a república democrática de Palmares, seja na década de 1970, que é o marco de institucionalização de movimentos sociais como o movimento negro, quando se reinicia a reescrita da nossa história. Ao me referir ao movimento negro, estou falando em coletivo, em corpo, em saberes e em ancestralidade.

Trazer as ações afirmativas do movimento negro contra a colonialidade é falar de corpo emancipado, que ressignificou, lutou e se reeducou dentro do próprio cenário pedagógico. O corpo negro carrega histórias, memórias e resistências. Portanto, falamos em corpo documento (NASCIMENTO, 2018), coletivo, ancestral, que carrega todas as experiências vividas dos nossos lugares e de quem somos. Nele trazemos todas as bagagens de saberes e experiências vividas dos nossos antepassados.

Nascimento (2018) fala em corpos mapa, que mesmo sequestrados e forçados a atravessar o atlântico mar, continuam conectados ao seu lugar e aos

³¹ Referência à música *Carta à Mãe África* de autoria de Gog.

seus mais velhos. Ainda que a colonialidade do ser tente apagar a essência/existência do corpo negro, ele resiste, porque “o corpo do negro carrega consigo a história de muitos povos” (AMADOR DEUS, 2020, p. 46). Estamos falando aqui de ancestralidade, de pensar no coletivo, de histórias construídas em cada corpo que o colonizador não pôde apagar. Como nos diz Beatriz Nascimento (2018, p. 267), os corpos históricos são “[...] constituídos pela herança ancestral através dos tempos, tanto da África quanto da América, para onde vieram os descendentes de africanos [...]”. Então, é esse corpo histórico que desde sempre criou maneiras de insurgir das violências contra si e provocou rachaduras na colonialidade.

Nascimento (2018) nos mostra o poder que o corpo negro tem, por ser um corpo “transatlântico” que carrega a força do seu lugar: África. Ao falar de corpo, falo também de Quilombo, resistência e sobrevivência. A fuga é um marco da resistência negra ao sistema de opressão e representa a expressão de um corpo emancipado que não aceita ser explorado e nem ser propriedade de outra pessoa.

Assim, rememorar a importância da fuga para o negro escravizado se faz importante para lembrar que esse grupo, mesmo sendo oprimido e humilhado, sempre montou formas de enfrentar seus opressores e estar ligado a suas ancestralidades através das crenças religiosas, da terra, da memória, da dança e das cantigas. Do outro lado da linha há história sim! História que vai se construindo nas trincheiras e ganhado força. O poder que os saberes, a ancestralidade e a corporeidade negra têm não foi apagado. O Quilombo é símbolo disso, o corpo negro é Quilombo insurgente.

Somos herdeiras e herdeiros das nossas mais velhas e dos nossos ancestrais, assim, cada movimentação do corpo quilombola se faz ação de existência. O legado que vamos seguindo são os passos de quem veio antes de nós e vamos rasgando a malha da colonialidade, que é estrutural e estruturante em nossa sociedade, é construção histórica, tem suas raízes e reminiscências. A colonialidade é produtora de desigualdades. Nas trincheiras, os rasgos se constituem. São mais ações em afirmação à vida, à existência, a escrever história outra. Com a palavra Dona Josefa:

[...] esse povo é um dos povoados mais pobres, considerado mais pobre do município de Simão Dias. A maioria do pessoal sabe disso, né? O nome do povoado não era Sítio Alto, no início do povoado, foi um povoado fundado por negros e o início do povoado não era, o primeiro nome não foi Sítio Alto, era Alto da Molesta, Alto da Canguenza, Alto do Cacete Armado, Escorrega Lá Vai Um, Alto Verde, depois veio Alto do Cruzeiro e aí veio Sítio Alto. Esse nome de Sítio Alto, a gente até não sabia, a gente veio descobrir quando foi na fundação da associação, porque aqui as pessoas não queriam que a gente tivesse uma associação. E nós falando com pessoas de fora, e eles disseram que nós achasse um papel, um documento registrado, dizendo que aqui não era Caraíba de Baixo, aí nós tinha a associação, aí foi aí que nós começamos a cavar, procurar, se nós encontrava outro nome do Sítio Alto, que não fosse Caraíba de Baixo, porque aqui era para ficarmos dependentes ou de Caraíba de Baixo ou de Cumbi. Mas tirando isso, a gente tinha que ficar com o Alto da Molesta, que era o registrado, Alto da Molesta, Alto da Guenquenza, aí foi porque esse papel foi rasgado, o povo não queria, não queria, porque não era para ficar como Alto da Molesta. O povo dizia “eu sou da Caraíba”, “eu sou do Cumbi”, aí ficou nisso e ninguém queria ser do Alto. Aí que foi, que achamos o Alto, Sítio Alto lá na Sucam, teve um militante em 1978 ou 79 pra 80, por esses tempos aí, um militante da Sucam, que ficou aqui, para matar aqueles bisouros, e achou de registrar, quando ele chegou aqui disse “esse alto tão bonito o pessoal chama Alto da Molestra Dona Josefa, para que esse Alto da Molestra, para que essa molestra, um alto tão bonito desse”. Porque naquela época aqui era todo coberta de árvores de frutíferas, era manga Rosa, manga Maria, todo tipo de manga em cima desse alto tinha. Aí ele disse “oxente aqui o nome vai ser é Sítio Alto, repare que sítio lindo, coisa linda aqui, vem com esse nome feio de molestra, de guenquenza”. Aí a gente pensava, e no momento eu pensei que ele não tinha registrado, e foi nossa sorte, quando a gente chega no IBGE, encontramos esse registro. Então, aqui foi esse povoado, esse povo continuaram aqui por muito tempo se escondendo, detrás de outros povoados, porque quando perguntavam, você mora aonde? O pessoal “eu moro na Caraíba”, ou “sou do Cumbi”, outro eu “sou da Caraíba”. Ninguém queria dizer que era do Sítio Alto, porque o Sítio Alto foi um dos povoados fundado por negros, analfabeto, sem ter conhecimento de nada, e aí as pessoas não queriam dizer que eram da família desse povo. Um pessoas diziam que era por vergonha, para não dizer que era daqueles povo negro, analfabeto, que não sabia fazer nada, e outras pessoas era dizendo que se descobre que era do Sítio Alto, as pessoas não confiavam de vender nada fiado, porque diziam que as pessoas do Sítio Alto eram só para receber doação e sexta, porque eles não tinha nada para pagar. Até quando foi para tirar um empréstimo, que as pessoas diziam, “as pessoas do Sítio Alto paga nada, não a energia não eles não pagam, vai colocar energia do Sítio Alto para cortar” [...]. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2021)

Desde sempre foram desenvolvidas ações que insurgem no Sítio Alto. Dona Josefa nos conta a história de como chegou à escolha do nome do Quilombo. Mesmo antes do reconhecimento, as contradições próprias do viver em comunidade – preconceitos sociais, rejeição do ser pertencente a uma comunidade pobre, de negros, com maioria analfabeta – se fizeram presentes.

Quando cheguei ao Sítio Alto, achei que encontraria todos falando do Quilombo, da resistência e autodeclarando-se quilombola. Fiquei muito tempo presa a isso, o que me deixava longe dos saberes ancestrais, sem conseguir vê-los. Na companhia de Beatriz Nascimento, Mirianne Almeida e Ilka Miglio, pude entender os processos doloroso que significam ser negro, porque eu passei por isso. Se ainda vivemos em um mundo onde nossos corpos são um reflexo da colonialidade, como as pessoas do Sítio Alto estariam resolvidas com sua negritude e pertencimento? Foi aí que acordei e vi que rasuras se fazem em conflitos e que o ser negro vai além do visto e tocável – é ancestral e lentamente vai tomando forma.

O convívio me mostrou uma ancestralidade tão forte e práticas quilombolas de fortificação do quilombo Sítio Alto, enquanto quilombo vivo, que insurge da maneira possível. A vergonha descrita por Dona Josefa é a descrição da norma, do lugar que, segundo a colonialidade ensina, as pessoas devem ocupar, distantes de tudo que seja parecido com o ser negro e com coisas de negro.

Falamos em ações quando vemos os fortalecimentos quilombolas. Mesmo com as dificuldades lançadas, com os vários não recebidos, seja ao fundar a associação para os recursos chegarem à comunidade, seja na ida ao banco solicitar empréstimo para investir e trabalhar em suas terras a fim de sobreviver. Estamos falando em sistemas alternativos desde sempre: a história do Sítio Alto está em cada ação desenvolvida por cada quilombola, cada corpo que superou as dificuldades das mazelas sociais e seguiu em frente. Quando trago esse significado ao Sítio Alto, estou de mãos dadas a Beatriz Nascimento em sua defesa à simbologia histórica que carrega o ser quilombo “onde o seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo”. (NASCIMENTO, 2018, p. 211). Para mais, quilombo é sistema alternativo.

[...] e assim, que a gente vem nessa luta, e através de remanescente, a gente ser dessa origem, a gente foi ganhando mais alguma coisa, a gente foi ganhando mais espaço, depois a gente viu uma carta, que eu tinha que ir no Palácio, não você vai ter que ir dá uma entrevista com as professoras. De lá primeiro, então que eu era assim, por isso ou por aquilo deu andar na reunião, participar dos movimentos, participar das... FETASE, fui para Brasília, me tornei uma pessoa conhecida né, se tornando conhecido em todo lugar eu cantava, em todo lugar eu dizia verso, em todo lugar eu contava história. Mas, essa mulher é da onde? Essa mulher só pode ser quilombola, só quilombola tem essas armadas, eu também levava a cuia, cabaça pra os lugares que eu ia. Tudo juntou uma coisa na outra, e o povo foi dizendo “essa mulher é quilombola.” É, eu fui atrás de uma professora e ela veio fazer os estudos. E quando ela chegou aqui pra fazer o estudo, que ela olhou, algumas vez, veio algumas vez, duas ou três, se afastaram, eu tava aqui uma vez aí disseram “a secretaria da educação tá dizendo pra você comparecer na secretaria de educação amanhã, eu falei, mas o que é que ela quer? “Não sei você vai falar com outra mulher, quando cheguei lá ela disse “é Dona Josefa? a secretária de cultura de Salvador quer falar com a senhora, a senhora topa? Topo! “Vai ser pelo celular”, aí eu fui, foi hora e meia de entrevista, com uma moça que chamava Andreia, lá da secretaria da cultura de Salvador. Foi quando era para ser criado o selo Unicef....aí ela começou ela dizendo que precisava de pessoas que desse entrevista e contasse sua história, porque tava criando o selo Unicef, e era para ajudar aquelas crianças mais pobres, e se eu topava. Eu disse topo, então ela começou a perguntar e eu comecei a contar a minha história, quando eu acabei de contar a minha história todinha ela “pronto, dona Josefa uma hora e meia de entrevista, e agora a senhora quer que eu diga o resultado?” Eu digo, pode dizer! Ela disse “ganhamos o selo Unicef, por causa da entrevista da senhora ganhemos, só faltava uma pessoa, e chegou a senhora, obrigada”. Aí eu tudo bem, passou, eu também vim simhora, quando passado o tempo, eu vi dizer, tem um telefonema para você, o que é? “você vai comparecer ao Palácio do governo para participar de uma roda de conversa” eu digo, e agora? Para você dizer lá o que disse ao uns três quatro meses atrás, aí que não assinei nada, o que foi que eu disse “não sei, só sei que é para você dizer lá.” Aí eu fui, quando cheguei lá no Palácio do governo, e as meninas “Ohio, dona Josefa, chegue dona Josefa” Aquela alegria toda, aí uma mulher disse “me conhece?” eu disse não, e quem é a senhora? Ela disse “eu sou Andréia, que foi a pessoa que mandou chamar a senhora para dar entrevista, então, que a senhora, aqui o livro.” Ela me deu um livro com a entrevista toda, “só não saiu sua foto, porque a senhora não mandou foto mas sua história está toda aqui.” Ela mandou um livrinho azul que tava com a minha história, aí eu fiquei com esse livro e voltei para trás. Quando chegou aqui, as meninas mandaram escrever novamente a história, porque passou reconhecer aqui como quilombola não ligeiro nas carreiras, não tão difícil, mas também não foi na carreira, aí também escrever outras histórias, mandando aí para a cidade. “Aí agora você vai se apresentar na cidade”, porque eu só me apresentava mais aqui, tinha nossa

dança mas, só aqui dentro, quando eu tô aqui dentro de casa, chega uma mulher ligeiro de lá de São Cristóvão “aqui é a casa de Josefa?” É!. “Porque disse que ela é remanescente de quilombola, aí, aqui em Simão Dias não tem quilombola e como ela é remanescente de quilombola se nós não sabia desse quilombo, como é que as professoras não sabia? Mas, aí eu comecei a contar a história, eu meia desconfiada que eu não sabia, aí comecei a contar a história, não mas, porque meu pai dizia sim como era. Aí ela disse: “oxem, você sabe de alguma música de dança?” Eu digo eu sei! Aí eu comecei a cantar a música essa musiquinha: *o bote a canga no meu boi carreira*. Ela sorriu mais um outro rapaz e disse “começou logo pela canga” Aí ele disse “foi” [...]. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2021)

Ações que trazem visibilidade a Dona Josefa e ao Quilombo, rasgando a malha da colonialidade. Ao ganhar espaço e reconhecimento junto à comunidade, caminha ao encontro de melhores condições, as quais são frutos de lutas travadas com todos e tudo. Ao divulgar sua história e a do Quilombo, baseada nas experiências vividas em comunidade, Dona Josefa consegue alcançar lugares antes impensáveis por ela e pela própria comunidade. A maneira de falar, de vestir, suas cantigas, objetos, seu modo de ser uma pessoa humilde de um lugar que é invisível aos olhos das estruturas de poder, agora começa a penetrar na malha e fazer rasuras. Das simples às mais dedicadas ações vivenciamos, nas palavras da Matriarca, o Quilombo se movimentando e os corpos negros insurgindo.

2.2 A força da mulher negra quilombola: Dona Josefa do Sítio Alto

Eu sou Josefa Santos de Jesus, sou casada, tenho 63 anos de idade, nascida e criada aqui no povoado Sítio Alto. Meu pai é nascido e criado aqui, minha mãe também, sou remanescente de quilombola [...]. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em maio de 2021)

Em todos os encontros que tive com Dona Josefa, essas palavras de apresentação se fizeram presentes em suas falas. A força ancestral que sustenta essa mulher é a base dos seus saberes e a representatividade do seu povo em movimento. Ao falar que é quilombola, Dona Josefa reafirma sua ancestralidade negra, traz todos os seus mais velhos para seus ensinamentos e transforma seu

lugar na sociedade que faz de tudo para apagá-la. Dentro do Quilombo, ela é a líder, a que orienta, ensina e luta para manter o Quilombo vivo.

O Quilombo Sítio Alto carrega toda a força de um povo resistente e que sempre lutou para melhorar a vida. O quilombo é insurgente, dado que se mantém pelas articulações em conjunto a todos que o compõem. Na encruzilhada de sustentação, temos a coragem e determinação de uma mulher. A importância dessa mulher no Quilombo é indiscutível. Ao procurar por alguém que possa conversar sobre a história e os saberes da comunidade, todos os quilombolas a indicam. Vista no quilombo como a pessoa que carrega os saberes e os ensinamentos, a querida Dona Finha não é importante apenas por essa razão. Muito antes do reconhecimento pela Fundação Palmares, ela luta para tirar seu povo da miséria e se preocupa com o bem-estar de todos. A movimentação de Dona Josefa é a forma insurgente de ensinar às/aos sujeitas/os quilombolas as formas de articulação para sobreviver em um Estado que promove o genocídio da população negra. Assim, Dona Josefa nos diz:

Tudo que tiver aqui no Sítio Alto de projeto, de alguma coisa, tem um empurrão meu. A minha mão tá pelo meio, porque de quando eu comecei a tomar entendimento, a minha missão era minha bandeira de luta, é lutar pelo meu povoado, pelo meu povo, aquele povo que sempre era humilhado, era mangado, não tinha escola, não tinha água, não tinha casa, moradia certa. Era daquelas casinhas de taipa, barraquinha de palha, aquelas coisas. A minha missão foi trabalhar pela minha comunidade, até hoje, do tempo que comecei a ter entendimento. Se você fazer a conta dos anos que eu tenho e de quando eu comecei a trabalhar para mim mesmo, vai achar pouco, porque meu trabalho é mais pro da comunidade, é meu trabalho. Eu faço assim, vem um projeto, vem uma coisa, mas tudo que vem, não é assim, é meu nome é para a associação, é para a comunidade, é para o povo! (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concebida pelo Whatsapp, em julho de 2021)

É em nome dos seus que ela trabalha. A mulher que conseguiu levar vida nova aos moradores do Sítio Alto faz suas articulações em prol da sua comunidade. Para isso acontecer, caminhos precisaram ser escolhidos, o que demandou integrações em várias organizações sociais. Dona Josefa pessoalmente nos diz: “Faço parte de muitas organizações como a Asa, Centro Dom José Brandão, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Associação, Pastoral da Criança, o Conselho

do Idoso e de mais conselho também, *né?*” (Dona Josefa, 63 anos. Entrevista pelo Whatsapp, em julho de 2021).

As ações em prol da comunidade são carregadas de atravessamentos das encruzilhadas interseccionais da mulher quilombola, da mulher agricultora, da mulher das lideranças comunitárias, da mulher política, da mulher sindicalista, todas elas são Dona Josefa do Sítio Alto. Mesmo que cada uma delas tenha causado fissuras na colonialidade, o cruzamento de todas é consequência da colonialidade. Assim, as várias Josefás são inseparáveis, pois essa interseccionalidade é fruto do sistema de poder dominante que atinge as mulheres negras em diferentes aspectos sociais, tais como raça, gênero e classe.

O poder da mulher negra é ancestral, carregado dos saberes das que vieram primeiro. A força da matriarca do Quilombo Sítio Alto pode ser atribuída à herança de mulheres fortes que, mesmo inferiorizadas por serem negras e mulheres, conseguiram se destacar, desde as rainhas em África como a rainha Nanny³² dos Marronne até as mulheres africanas escravizadas aqui no Brasil. Destacamos aqui a participação delas nas fugas, no incentivo aos seus irmãos e parceiros a fugirem e se organizarem nos primeiros Quilombos brasileiros. Tereza de Benguela³³, por exemplo, foi a primeira líder quilombola do Brasil. E, além dessas, não podemos jamais nos esquecer das mães pretas que contribuíram na educação e propagação do pretoguês.

Com a palavra, Lélia Gonzalez (2020):

[...] a mulher negra exerceu um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mãe (real ou simbólica), ela foi uma grande geradora na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão para a próxima geração. (GONZALEZ, 2020, p. 161).

Protagonismo, resistência e ensino são os pontos fortes das nossas mães velhas. O papel da mulher negra sempre foi o de gerenciar a vida, não apenas no sentido biológico do termo, mas também no histórico, pelo papel de liderança que

³² Maior líder de seu povo. Ultrapassou os limites das meras lideranças mortal, transformou-se em ancestral mítico originário de quem todos os morrons se consideraram descendentes

³³ Líder quilombola interior de Mato Grosso. Quilombo Quariterê.

elas ocupam, pelo cuidado em passar saberes aos seus mais novos e pela forma como ensinam na resistência para insurgência. Aqui podemos falar do conceito de Amefricanidade desenvolvido por Lélia Gonzalez (2020, p. 135): para os negros do continente Americano, nada mais é do que o processo “histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é [...]”, tem suas adequações em nosso território. Ao adotar esse conceito, estamos falando das experiências das negras e dos negros da América Latina, que carregam as próprias experiências vividas no nosso continente, mas tem a África centrada.

Fazer essa referência a todas essas mulheres e à Amefricanidade é trazer a importância de Dona Josefa enquanto líder quilombola e chamar atenção para a maneira dela de falar, se expressar, conversar, lutar, resistir, dançar, cantar e acolher. Com isso, enalteçemos a Amefricanidade e evidenciamos África em nós, porém não deixamos de lado o fato de que desenvolvemos nossa própria maneira de existência e tampouco nos eximimos dos posicionamentos políticos em diáspora.

Dona Josefa é política em todos os seus atos, é sujeita insurgente, posicionada. Isso fica evidente em todo o caminho que foi percorrido por ela até aqui. O trabalho de articuladora nas organizações sociais é algo ancestral, carregado de significados. Ela sabe que fazer parte de cada um dos movimentos é ganhar espaço, jogar o jogo de poder com eles, para nas rachaduras possíveis se construir histórias outras. Sabemos que, muitas vezes, esse papel é exercido de modo natural, vem da essência, da ancestralidade viva. Para ela, essa ação não tem a mesma significância a qual trago neste texto. Escrever para nós negras e negros é um ato político. Para mim, cada linha carrega uma lágrima, um grito, um gesto, um olhar das minhas mais velhas, que não puderam sequer estudar. Quando afirmo que as ações de Dona Josefa não possuem os mesmos significados que este texto, por exemplo, é porque, enquanto militante que sou, ocupo as trincheiras de uma escrita antirracista. Nesse sentido, cerco-me de companheiras e companheiros de luta e de um embasamento teórico que me possibilita ter olhares outros, a fim de compreender que essas ações fazem com que Dona Josefa e o Quilombo vivam. Toda essa luta em prol de sua comunidade, para libertar seu povo

da fome e da miséria, é construída de saberes ancestrais dos seus mais velhos. Dona Josefa nos conta como foi sua história.

Eu... a minha vida eu sempre fui uma criança, né? Eu nasci 1950/57 assim, dia 16 de agosto de 1957 aqui no Sítio Alto, bem ali, perto ali na onde é aqueles pés de mangueira ali, onde tem a casa daqueles menino ali. Eu nasci ali segundo a minha mãe me conta, quando eu nasci a minha avó faleceu. Porque minha mãe tinha passado muita fome, as pessoas achava que eu ia falecer, ou eu não ia ter, ia nascer desnutrida. Mas não foi bem assim, que eu nasci forte, saudável e minha mãe quando eu nasci tinha feito uma promessa que era para eu vestir do dia da Nossa Senhora D'Ajuda. Ela tava grávida de mim e disse que eu se eu não falecesse, se nascesse boa e ela não morresse também, que a menina ia vestir preto do dia da procissão dela, até o dia do sábado de aleluia. Eu fui uma menina, não fui uma menina mimada, eu fui uma menina mesmo, a menina braba. Eu não vou dizer que fui uma menina acorrentada, não é? Mas eu fui uma menina prisioneira, o meu pai não deixava eu ir brincar mais ninguém assim, mais minhas, até minhas irmãs tem mais liberdade que eu. Não sei porque que o meu pai não deixava muito eu sair. Meu pai não, meu pai não deixa eu ir na casa da minhas amigas, eu só podia ir para uma festa se fosse mais uma pessoa que ele escolhesse. O meu pai com eu era rígido viu, aí eu... Maior sonho que eu tinha era estudar, eu não estudei desde pequena que eu fui estuseila. Ele me chamava de estuseila, porque eu estuquiava, estucava coisas, mas, desde os doze anos assim uns onze a doze que eu ajudava as pessoas por aqui. Era as chamada parteiras. Eita que uma mulher vai ganhar neném e no marido não tá aí, manda Josefa chamar a parteira. Aí eu saia. "Mande Josefa porque ela tem a perna grande, ela corre muito"! Aí eu saia correndo daqui lá para casa de Jovença. "Ah chega vai chamar outra, Joana de Lino está ali, corre para casa de seu Lino na carreira. Ah vai chamar tia Zefa!" Eu ia aqui tinha um bocado de parteira. Mãe era parteira, tia Zefa era parteira e uma que chamava Joana de Lino era parteira e mãe Santa parteira chefe, era mãe Santa, ela que mandava em tudo, ela morava aqui atrás, mas ela andava por essas casas todas. Meu parto quem fez foi mãe Santa, nasci aqui em casa mesmo.

Aí a gente, eu, minha vida é assim, eu comecei a trabalhar pelo povo uns dez a doze anos já tava por aí correndo, fazendo isso trabalhando e depois quando foi que eu arrumei um namorado. Casei com o primeiro namorado. Foi Zé, mas, menina você não sabe a perseguição de meu pai. Eu me casei com quinze fazer dissésseis, e meu pai não queria e minha mãe nem queria, nem dizia case e minhas irmãs a condenar. Só meu irmão é quem aceitava, eu tive dois irmãos, um sumiu viajou mais nunca apareceu, até hoje e o outro faleceu que foi o finado Massimilo. Irmã eu tive cinco, uma viajou só tive aqui uma vez, que veio me buscar, meu pai não deixou, Epifania. E com madrinha Oronina, que já faleceu também, mas tem Comadre Valdete que tá em São Paulo. Comadre Valdete só tem uma filha, mas nunca veio aqui, mesmo só tem mesmo agora, só eu e comadre Valdete é, porque Epifania

ninguém sabe se é vivia ou não. Aí só tem eu e comadre Valdete mesmo. Mas assim, eu fui aí, eu me casei, me casei nova, com essa idade meu pai não queria, minhas irmãs condenava dizia que eu casava hoje amanhã tava separada, “oxe aquelas outras, aquelas outras que casa com uma pessoa de outra de, outro nível vai ficar, já tá aí sem casar sem marido e sem nada. Imagine Finha que vai casar com nego, ainda mais assim filho de Totó, de parenteza da gente.” Porque, na verdade, aqui dentro do Sítio Alto Totó era a nega mais pobre que tinha aqui. Era nega, já se chama Totó era o nome de discriminação que já botavam nela. É a nega viúva, não tinha marido, mas criou os filhos dela sozinha. Eu me casei com Zé, foi quando eu me soltei, os outros se casa fica preso né, e eu me casei me soltei. Ele deixava eu ir pra reunião, ele deixava eu ir para os eventos, encontros, apesar dele ser um homem assim, brabo, ciumento, mas era trabalhador. Aí então, mas mesmo assim, para mim foi melhor de quem tá dentro de casa. Na casa dos meus pais, era a vida dura, escreveu não leu apanhava. Aí tinha um reio e ele não estava se importando de bater que hora era, na onde era, nem que lugar era, que ia bater não, ele açoitava aquele reio e cortava. Então que depois que eu mim casei, para mim minha vida mudou, foi muito melhor eu conseguia trabalhar mais com as pessoas, eu não sabia ler nada, daí entrei para estudar. Ele sempre me levava, nós não tinha dinheiro, pagava um conto, naquele tempo, por mês para me ensinarem eu fazer o nome. Aí ele me levava para eu fazer o nome. E quem me ensinou foi o Antônio do finado Noko me ensinou a fazer o nome. Mas, quando eu me casei que eu comecei a fazer as novenas, né? A gente fazia aquelas novena de Nossa Senhora, fazia essa lembrança para toda a vida, fazia esses festejos, nós fazia uma mesa de doces de bala de fruta, o dia todo batiza zabumba. Quando era de tarde a gente, assim, todo mundo que vinha trazer uma coisa sabe, uma melancia, uma laranja, uma lima, um biscoito, tudo que quiser trazer. Nós só não aceitava que trouxesse bolo, aí o bolo a gente não podia ter nessa festa, era só as outras coisas. Quando era de tarde a gente dividia, você ia comia daquele teu que eu trouxe, que eu levei, eu comia da sua comida, fazer uma mistura das comidas todas, e nós comia tudo junto, dizendo que era uma união que a gente tava fazendo em casa com as comunidades, né, nessa festa. E assim, eu fui uma pessoa que nunca fiquei quieta para dizer assim, eu vou esperar só para pedir uma cesta, e vou esperar para quando ter uma cesta. Nunca gostei de pedir não, quando disse eu pedi o negócio, tava brabo. Agora dizer que trabalhar dia de domingo você chegava lá na minha casa, eu tava com saco de roupa lavando, porque no sábado eu ia para a roça. Zé ia ganhar na roça dos outros e eu ia limpar a minha. Outros tempo eu ia tomar empréstimo no banco, eu fui tomar empréstimo no banco com a cara e a coragem. Eu tinha uma tarefinha de terra ali e eu saía de chuva tomar empréstimo no banco, quando eu cheguei lá, calçado em uma sandália, que quando eu entrei no Banco do Brasil lembro como nestante em Lagarto, para tomar um empréstimo, o rapaz pisou na sandália e arrancou o cabresto da sandália, assim, o solado da sandália de pneu e eu entrei calçando uma sandália no Banco, com a sandália na mão. E aí hoje a gente tá aqui na luta, lutando, tomando dinheiro,

na proposta, trabalhando e graças a Deus o Banco nunca veio atrás de mim, para tomar proposta de roça. Tenho mais de 30 anos que trabalho em Banco, comecei a trabalhar em Banco 1973, 73 não 74 e todo ano eu tomava o dinheiro e pagava. Agora é só que era pouco, né? A gente não tinha terra, a gente trabalhava na terra dos outros e hoje graças a Deus naquela época só tinha uma tarefa, hoje graças a Deus eu tenho mais de 20. Eu agradeço a Deus, né, eu sempre digo a gente nunca morre deitado se levante porque Jesus caiu 3 quedas e tá de braços abertos para abraçar nós. Por que nós vamos se deitar da primeira queda? Então a gente vamo em frente, vamo em frente porque Deus ajuda. E isso que Deus tem feito, Deus tem me ajudado, São Francisco de Assis, Santo Cruzeiro, eles sempre têm me ajudado e tô aqui, né, e também não me canso de trabalhar pelo meu povo, e nem tô arrependida. Esse centro aí mesmo, esse centro eu ganhei em 2010, foi em 2010 para 2012, teve um projeto de lá pelo PRONESE e eu ganhei, eu ganhei o centro. Chega que daqui uns 15 dias o dinheiro vai sair para você dar continuidade no projeto, fazer licitação da continuidade no projeto. Esse dinheiro nunca saiu até hoje. Saiu o centro da casa lamarga, saiu centro do Areal, e o meu que tava nessa carreta, nesse embalo, aí o meu não deu certo. Aí ficava dizendo que era porque a minha documentação não tá pronta, não tinha chegado, não sei o que, até quando eu fui lá mesmo né, no PRONESE, tomei informação e por minha surpresa encontrei o telefone em cima do projeto. Sem querer querendo eu descobri o que é que tava acontecendo comigo, mas graças a Deus tudo passou e aí quem Deus promete, né, então graças a Deus. Nunca pare de lutar! E foi isso que eu fiz e não parei de lutar não e até hoje estou lutando! A gente, as vezes eu encontro com gente, “mulher você tá boa de descansar.” Quando eu tiver descansado eu me acento, quando eu descansar eu me levanto, aí eu digo quando eu estiver boa de descansar eu mesmo sei eu mesmo saio, porque o trabalho só é ruim para pessoa quando vai trabalhar forçado. Se você vai trabalhar forçado, isso aí é ruim. Mas, se você não vai trabalhar forçado então. O trabalho também faz bem ajuda a gente. Então eu hoje agradeço a Deus, porque a vista que eu já fui, hoje eu sou rica. Digo isso porque não tinha nada, uma casa que prestasse. Eu não tinha uma cama, eu não tinha um fogão, eu não tinha nada! Só tinha uma casinha de taipa, uma tarefinha de terra assim. Só o meu esposo e os filho para dar de comer, e doente, mas hoje graças a Deus tenho minha casa e minha terra. Se eu quiser fazer, trabalhar pelo Banco, trabalho na hora que eu quiser com que eu quiser porque, hoje eu tenho, então eu agradeço a Deus. Ah, você tem dinheiro? Não! Mas sou rica na graças de Deus, porque faça como o dizer agora dos evangélicos, o Deus que eu sirvo foi fiel apesar que eu corro aqui, lutar a vida todinha para o povo. Zé sozinho trabalhando mas, graças a Deus eu tenho minhas coisas em casa para comer. Naquela época a gente corria atrás de um quilo de feijão para passar uma semana e hoje eu posso se quiser comer um quilo de uma vez. Eu como porque eu tenho do que se quiser. Eu agradeço a Deus, eu digo, eu deixo sempre uma mensagem, nunca fique triste porque ainda não alcançou o que a gente quer, só não pode ficar parado, tem que ir na frente. Que a gente só tem que agradecer a Deus, né, tudo que ele deu, por tudo

que ele fez, por tudo que ele faz, e pela aquela minha coragem de até hoje que tem hora que eu penso, oxe é eu que ajudei foi? Eu que fiz isso? Foi eu que entrei no avião, fui lá para Rio de Janeiro, cheguei no Rio de Janeiro um dia mais uma pessoa a gente mesmo assim, a gente com pouco dinheiro e a gente ir lá ajudar outras pessoas que estavam por lá, precisando de ajuda e a gente ajudar então, isso é bom para gente. Eu agradeço a Deus.

Oia, eu saí, entrei no movimento primeiro, eu comecei na reunião aqui na Caraíba de Baixo. Foi assim que foi minha história, né, e daí eu passei muitos anos pagando essa associação lá, lutando na Caraíba, da Caraíba eu vim para cá para a associação do Sítio Alto, que o primeiro presidente daqui foi João de Hernestina, mas começou junto com eu, quem a ideia foi minha e dele para nós fazer essa, fundar essa associação, e fundemos. Até hoje nós tamo aqui na luta e essa nossa associação foi que libertou nós de muita coisa, e porque nós andava na associação dos outros, né. A gente ia pegar semente, feijão, alguma coisa alguma, alguma fruta na associação dos outros, né, agora depois que nós tinha a nossa, graças a Deus, não precisa mais de andar mendigando os outros porque agora nós tem a nossa! (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concebida em setembro de 2021).

A história de vida de Dona Josefa é cheia de atravessamentos pela história do Quilombo Sítio Alto, por cada um dos seus companheiros/as de luta e por todos/as aqueles/as que se movimentam. Ao relatar sua infância, adolescência e vida adulta sofrida nas lutas, ela contextualiza a história de milhares de brasileiros negros e negras que sofrem com a desigualdade social, causada pelo sistema opressor de poder. O espelho de vida que foi narrado por Dona Josefa é e foi a realidade de outras pessoas do Quilombo. Ser pertencente a um local é compartilhar cada experiência do grupo. Cada palavra pronunciada afirma a vida em comunidade. Cada luta por sobrevivência, o enfrentamento à fome, a falta de dinheiro e escassez de escolaridade, tudo isso se soma à realidade de todos.

Cada palavra narrada expressa a experiência de Dona Josefa, enquanto mulher negra, quilombola. A líder revela que, desde a infância, percebe como suas conquistas aconteceram através de lutas travadas constantemente. A história é marcada por algumas esferas do poder que existem na nossa sociedade. Na infância vemos um pai que, dentro patriarcalismo, herança colonial, é rígido e limita os voos de Josefa. Na adolescência, não vê mudanças no comportamento do pai, então o casamento surge como uma solução, melhor dizendo, uma folga daquela vida que levava. Ainda que seu marido fosse ciumento, Dona Josefa nos conta como foi libertador e como pôde ajudar mais pessoas após se casar. Os dois juntos lutaram para ter o que possuem hoje. São as trincheiras abrindo as rasuras. Cada

verso/palavra denuncia um cenário de desigualdade, machismo e racismo que marcam a vida dessa mulher e do Quilombo.

Dona Josefa também fala sobre os saberes junto à coletividade, ou seja, o viver em comunidade. Ela começa relatando o seu compromisso dentro desse ambiente. Desde jovem ajudava as pessoas, por exemplo, na procura pelas parteiras. Mulheres que tinham os saberes medicinais ajudavam nos nascimentos das crianças e cuidavam das mães com ervas e folhas. O cuidado e as trocas exercidas no singelo ato do nascer de uma criança são saberes ancestrais. As parteiras, como eram popularmente chamadas, são mulheres que carregam toda herança de suas mais velhas.

Ao falar de ancestralidade, estamos falando de África viva em América. A ligação de África com a América é “transatlântica” (NASCIMENTO, 2018), é inexplicável e potente. Ao conversar com Dona Josefa, eu sinto África viva nela e no Quilombo. Por anos, não conseguia sentir como o Sítio Alto carrega toda ancestralidade do seu povo e como eles aprenderam a insurgir na pedagógica colonialidade, preservando seus saberes ancestrais.

Munanga (2020), em sua pesquisa sobre negritude, traz um estudo a respeito dos governos em África anteriores à chegada dos colonizadores. Segundo o autor, as sociedades africanas tinham uma diversidade nas formas de organização de governos. “A democracia negra africana define-se pelo princípio da unanimidade, e não da maioria parlamentar. Os mais velhos discutem horas e horas embaixo de uma árvore, até chegar a um consenso. [...]” (MUNANGA, 2020, p. 66).

A simbologia da Árvore é poder de decisão, encontro e magia do saber/aprender. Em vista disso, neste estudo, há uma referência que me chamou atenção quando se menciona a democracia africana: a unanimidade na tomada de decisões. Fala-se dos encontros dos mais velhos embaixo de uma árvore para discutir até chegarem ao consenso. Fiquei horas nessa passagem, por me fazer rememorar meus encontros com Dona Josefa, cada um deles foram mágicos, pela forma como as trocas se teceram, no mais profundo do ouvir/aprender os saberes ancestrais do Quilombo no chão deste Quilombo. As expressões, os gestos, as risadas, as pausas, os silêncios, os olhares e a vontade do abraço depois de cada conversa se fizeram presente. Tudo foi vivenciado naqueles encontros.

FOTO 10: Encontro embaixo da árvore entre mim, Bruno e Dona Josefa.



Fonte: Imagem cedida por Paulo

Em um dos encontros entre mim, Dona Josefa e Bruno, a foto acima foi produzida. O meu gesto de sentar e ouvi-los, dialogando sobre algumas questões do Quilombo, é o mais singelo ato de uma pesquisadora. Duas gerações em uma roda de conversa trocando experiências. Digo duas gerações, porque sou um ano mais velha que Bruno. Nesse dia, eu saí feliz e cheia de conhecimento. Os dois estavam falando da importância da história³⁴ do Quilombo nas escolas, fiquei apenas a ouvir. Este encontro, assim como os outros que acontecem no quilombo com Dona Josefa e outros quilombolas, foram realizados embaixo de uma árvore que fica em frente à sua casa.

³⁴ Na próxima seção falaremos mais sobre o diálogo entre Bruno e Dona Josefa.

FOTO 11: Árvore da frente da casa de Dona Josefa



Fonte: Acervo pessoal

A árvore registrada na foto – com plantas ao redor – é popularmente conhecida por moita, por ter várias espécies botânicas. Além de ser bonita, nos proporciona sombra para admirar uma linda paisagem que está a nossa frente de cima da serra alta. Dona Josefa nos conta o nome de cada planta:

[...] Espada de Oxum, Espada de São Jorge, Espada de Boiadeiro, Comigo Ninguém Pode, Bonina e aquela outra plantinha que a gente chama de barata, aquele Olho de Nossa Senhora, de Santa Luzia e imber. Tudo tem ali naquela moita, Cachimbo de Vovó, aquela trepadeira que o pessoal chama de Sambabaia, eia tem os Eucalipi, a Sábua, a Glorisidi, a Lucena. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021).

Com a curiosidade que o ser pesquisadora me alimenta, perguntei a Dona Josefa o porquê de os encontros serem embaixo da árvore. Ela me respondeu:

A árvore, ela tem um poder, né? A árvore, ela tem um saber assim, nós de baixo da árvore, a gente tem como pensar melhor, uma coisa que a gente tá olhando para cima pro céu, é a natureza, uma coisa que não é feita por mão de homem, uma coisa que, debaixo da árvore, sempre descansa a mente da gente, descansa o corpo da gente, dá um silêncio. A gente, a gente por si só, se comunica assim de baixo da árvore quietinho com o barulho do vento, aí a gente percebe mais Deus, é muito forte na gente, né? Só de a gente olhar, assim, para o céu e ver aquelas nuvens lá e nenhuma cai, a gente percebe a fé da gente se fortalece, né, por isso que eu gosto de baixo da árvore. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021).

Assim, se percebe a decolonialidade do corpo e da natureza, numa simbiose perfeita e instintiva, na qual o corpo evoca a memória ancestral. Todos os encontros tecidos no chão do quilombo Sítio Alto acontecem embaixo da árvore de uma das guardiãs dos saberes.

FOTO 12: Encontro estadual dos guardiões/ãs de semente crioulas do semiárido sergipano



Fonte: Imagem cedida por Bruno, neto de Dona Josefa

Ao olhar essa foto, penso em nossos corpos transmigrados de África para América, mas com a cultura africana sustentando os saberes nossos do lado de cá.

Ver Dona Josefa no centro da roda é notar o Quilombo em movimento e saber que esse corpo mulher quilombola é a insurgência dos seus. Embaixo da árvore, é transmitido conhecimento em reuniões que tratam de melhorias para a comunidade. Nessa foto, em específico, estão tratando das sementes crioulas, que são fruto da herança ancestral de saberes que foram herdados dos seus pais e avós no quilombo. Na próxima seção, falaremos mais sobre as sementes crioulas e os guardiões.

FOTO 13: Encontro para as entrevistas com Dona Josefa, Helena e Maria



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse dia, havia em mim uma pesquisadora nervosa e ansiosa por começar suas entrevistas, em frente a Helena, Maria e a mestre da cultura popular, Dona Josefa. Mil coisas se passavam em minha mente. A ansiedade vinha com mais força, contudo a maneira alegre e simpática como fui recebida por Dona Josefa me deixou à vontade. Ponho essa foto aqui com o objetivo de falar a respeito da importância que Dona Josefa tem ao contar a sua história e do Sítio Alto. É significativo ver sua receptividade, sempre alegre, entusiasmada e paciente. Como quem percebe que sua fala é uma maneira de dizer que está ali resistindo. Pela sua voz, o Quilombo, que passou muito tempo sendo visto como lugar de gente pobre e negra, conta suas histórias, porquanto são importantes, necessárias e

urgentes. A sociedade precisa conhecer as lutas que ela e a comunidade travaram para enfrentar as dificuldades, visto que é na insurgência dos corpos quilombolas que a história precisa ser passada e contada para os seus e para todos.

FOTO 14: Encontro com estudantes da Universidade Federal de Sergipe.



Fonte: Imagem cedida por Bruno, neto de Dona Josefa.

Ser membro da Articulação do Semiárido - ASA, do Centro Dom José Brandão de Castro – CDJBC e de outras organizações, possibilitou e possibilita que Dona Josefa tenha visibilidade em diferentes ambientes. Nessa foto, estudantes universitários ouvem as falas e pensamentos de Dona Josefa, o que nos faz refletir sobre como diferentes espaços estão sendo alcançados por essa mulher negra e quilombola. Só dessa forma é possível causar fissuras nas relações de poder existentes, e então as amarras colonizadoras serão quebradas.

As lutas não foram poucas e, nesse plano, as articulações do corpo mulher quilombola resistiram e resistem para ter visibilidade. Foram muitas batalhas travadas com a sorte, com o poder, com a sociedade e, às vezes, até com o seu povo. A força ancestral que move Dona Josefa é conteúdo da memória da sua história, o “corpo documento” carrega todo o fardo dos nãos que recebeu na sua trajetória (NASCIMENTO, 2018).

Quando mencionei anteriormente que Dona Josefa trava batalhas, às vezes, até com seu povo, refiro-me aos relatos da líder sobre os enfrentamentos dentro do Quilombo. Apesar de considerar a coletividade nas suas batalhas, a matriarca relata que sua conduta e dignidade, por vezes, são questionadas por meio de

ofensas e acusações quanto aos seus reais interesses. Isso acontece, por exemplo, quando não compreendem as articulações políticas feitas pela líder e, portanto, não a poiam. Sim, Dona Josefa foi candidata a vereadora pelo município de Simão Dias nas eleições de 2020, porém, não foi eleita e, contraditoriamente, não obteve apoio de parte da sua própria comunidade.

Em meio a todas as desavenças, as lutas e conquistas vieram, porque ainda que haja desentendimento, a ancestralidade guerreira vive na comunidade e é a base de sustentação do Quilombo, o alimento da esperança em tempos ruins, o coração pulsante de toda comunidade e o alívio ao sofrimento nas batalhas adiadas com a adversidade dos nãos. Falar de saber e força ancestral é assim:

[...] sempre aqui é uma cultura que nós temos. Na hora da tristeza a gente cria um canto que é para a gente se fortalecer, porque se a gente tiver uma decepção e a gente fortalecer ela na tristeza e chorar e ficarmos muda, ficar pelos cantos, a gente cai. Aí a gente tem que se animar, se alegrar na hora da tristeza. [...] (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em maio de 2021).

É cultura africana, sim! É a alegria de um povo que mesmo em cativo se mantém firme, seja cantando, seja dançando, porque o corpo negro precisa expressar o afastamento do sofrimento, já que é um corpo mapa (NASCIMENTO, 2018), que localiza seus laços de insurgência e de liberdade. Esse corpo resiste desde muito antes e continua resistindo nas batalhas de hoje, neste sistema mundo que está posto. O canto, nas palavras de Dona Josefa, é o fortalecimento, o que os fazem esquecer a tristeza e as incertezas. “As músicas daqui é em cima das nossas histórias, *né*, nas nossas lutas, nosso dia a dia, digamos [...]”. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021)

Dona Josefa canta uma das músicas e explica:

É porque muitas vezes os homens daqui era um machista! O que ele dizia que era para fazer a mulher, tinha que fazer. E a mulher já assustada, e ele ia sair para roça dizia: “Ô mulher, eu vou para a roça e quando eu voltar eu quero comida, faça uma comida”. Desde que ele não tinha deixado nada dentro de casa, a mulher ia ter que arrumar o milho para torrar e também pisar fubá que não era fácil. Aí ela para não ficar nervosa, não se estressar, ela começava a cantar: *Ou tu pila pilão, tu que faz que não zoa, ou tu pila pilão, tu que faz e não zoa, e no caminho do Sítio Alto ninguém pode mais passar, com a zuada do Pilão e a catianga de fubá. Pila pilão tu que faz que não zoa, tu que faz e não zoa!* Então que a gente, que ela dizia isso e era para o tempo passar. *E a pipoca tá torrando e o*

menino tá chorando e o marido vai chegar com o diabo reclamando, tu pila pilão, tu que faz que não zoa. E aí ela ia dizendo os versos e quem quiser comer farinha vai caçar na onde comprar, que no alto aqui não tem a gente tá pisando fubá, tu pila pilão, tu que faz que não zoa. Então que... Isso aí, porque quando a fubá tava pilada, aí ela mudava um tom, então fubá quando zuava a fubá tava pisada. Aí quer dizer que aí também era uma parte que a mulher cantava para não se estressar, para não ter raiva, para não se lembrar do ódio que o marido ia chegar [...]. (Josefa de Jesus, 63 anos Entrevista concedida em setembro de 2021).

Nesse momento da narrativa e da música cantada, o afastamento do machismo, da pobreza, do estresse cotidiano cuidando, da vida sofrida e da batalha é libertação, pois como diz Nascimento (2018, p. 327), “[...] o homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto, que ele não é mais um cativo [...]”.

A cantoria, os sons produzidos e a dança são expressões da herança ancestral, não são coisas necessariamente explicáveis, mas sentidas, vividas, preservadas e ensinadas aos mais novos como maneiras de insurgência ao sistema de poder que determina a política do “deixar viver, deixar morrer”, chamado por Mbembe (2018) de necropolítica do poder. Nesse caso, exercido pela colonialidade em suas três esferas Poder-Ser-Saber. Assim, para dobrar o sistema e fortalecer seu povo, Dona Josefa cria o hino do Sítio Alto:

Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar
 Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar
 Sítio alto, que um dia enfrentou tanta fome e miséria, tanta tristeza e dor
 Naquele tempo, era grande o sofrimento daquele povo inocente honesto trabalhador
 Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar
 Sítio Alto, sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar
 Sítio Alto passou um tempo insolado, escondendo o seu passado desse povo sofrido
 Eles achavam que, se contasse a verdade, a sua comunidade ia perder seu valor
 Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar
 Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar
 Sítio alto é descendente de escravo, daqueles negros sofridos que cresceram sem saber
 O que era escola e o que era cidadania, nada disso eles sabiam, nem direito nem dever
 Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar;
 Sítio Alto, segure sua Bandeira, não fique triste, nunca pare de lutar;
 Sítio Alto, que um dia enfrentou tanta fome e Miséria tanta tristeza e dor

Naquele tempo, era grande o sofrimento daquele povo inocente honesto trabalhador
Sítio Alto segure sua Bandeira, não fique triste nunca pare de lutar;
Sítio Alto segure sua Bandeira não fique triste nunca pare de lutar;
Sítio Alto apesar do sofrimento sempre teve seus momentos de amor e alegria;
Hoje tem casa, tem cisterna tem acesso as crianças na escola é todo mundo com alegria. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida pelo whatsApp, em julho de 2021)

Potente! O hino é um chamado atravessado de experiências dos quilombolas do Sítio Alto e é marcado pelos relatos de alguns momentos vividos por eles. Em cada verso, a realidade representada exterioriza todo o sofrimento gerado pela colonialidade do poder e como as sutis formas de apagamento e silenciamento dos sujeitos negros são cruéis. Ao falar da fome e miséria do seu povo, Dona Josefa fala do sistema econômico desigual que vigora no Brasil desde a chegada do colonizador, que concretizou também, com o problema econômico, a questão racial. Nesse sistema, não há espaço para o negro. A dor e o sofrimento relatados no hino são reflexos do peso que o sistema econômico tem na vida do negro brasileiro até hoje.

Quando adentramos nos versos sobre o isolamento, estamos falando da colonialidade do ser, aquela que nega, apaga e esconde o sujeito negro do seu pertencimento. É tão natural que o próprio sujeito não perceba que está sendo seduzido e tornando-se idêntico ao colonizador, ou melhor, usando a “máscara” (FANON, 2020). Esta realidade acontece também com nossos irmãos de bairros periféricos das cidades, que muitas vezes precisam omitir seus endereços verdadeiros para encontrar emprego e garantir seu sustento, pois habitam um “lugar de negro”. Ao ponderar que pessoas do Sítio Alto não falavam que pertenciam à comunidade, estamos falando exatamente do apagamento da existência do sujeito negro do Sítio Alto, feito pela colonialidade do ser.

Nos últimos versos, a colonialidade do saber grita em cada palavra dita/cantada. Ainda que disfarçadamente, quando é citado que os seus descendentes não tiveram acesso inicialmente a direitos básicos de qualquer cidadão brasileiro, como o de ir à escola e o de consumir água potável, Dona Josefa relata os saberes dessa cultura ocidental branca. Esses direitos negados aos negros dizem respeito à forma humana de “civilização” que o colonizador pensou

para os povos colonizados. No entanto, os negros não entram nessa conta, pelo contrário, são excluídos por anos do acesso à educação e a outros direitos enquanto cidadão. É uma das camadas da colonialidade do saber: além de silenciados os saberes dos negros, tira-lhes o direito a qualquer saber.

Dona Josefa, enquanto guardiã de saberes ancestrais, matriarca da comunidade, partilha, ensina e reinventa as possibilidades de existência pelos saberes gestados ali, no chão do quilombo. Mesmo com todo sofrimento causado pela colonialidade, o hino também traz as vivências das conquistas e lembra o porquê de toda a luta. O amor é a palavra-chave na relação de companheirismo na comunidade, é o sustento que une. Dona Josefa é porque todos são - Ubuntu³⁵! Ela própria nos diz da criação do hino:

Então, é esse o hino do Sítio Alto, a gente criou em cima da história de sofrimento daquele povo que se envergonhava de dizer que era do Sítio Alto também. Eles passou um tempo isolado dizendo que era da Caraíba, era do Cumbe, era sei lá da onde. Eles não diziam “eu sou do Sítio Alto”, porque o povo sabia que o povoado Sítio Alto era um povoado de negro, analfabeto, sem estudar. Aí a pessoa tinha vergonha de dizer que era do Sítio Alto, também porque era um povo muito pobre, aí os bancos não dava crédito para tirar um empréstimo. O Sítio Alto, se a pessoa disse que era do Sítio Alto para comprar fiado, não comprava, porque eu quis dizer que era os povo pobre demais, não tinha com que pagar. Até mesmo quando a gente ia tirar assim uma semente, uma coisa vinha por outra Associação, aí dizia só vai quando eles tiver chovendo, porque se levar antes do dia, eles com fome, eles vão comer e não plantar. Não é para tirar empréstimo no Banco esse povo, não é para tirar o Pronaf B não, porque se tirar o Pronaf eles tudo com fome vai comer, o dinheiro não pode pagar. Então, que a gente aqui sofreu muito humilhação por conta da pobreza de ser pobre, de ser negro de ser umas pessoas que não sabia ler, nem escrever. Aí a gente por isso que nesse hino a gente conta mais ou menos as história. Passar um tempo isolado, escondendo o seu passado deixa esse povo sofredor. Eles achavam se contasse a verdade a sua comunidade ia perder seu valor, isso aí era porque a gente só dizia que é de outra comunidade com vergonha de dizer que era da nossa, né? Mas hoje em dia é diferente, né? É Sítio Alto, Sítio Alto quilombola! Obrigado e um abraço. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida pelo whatsapp, em julho de 2021).

Dona Josefa descreve o efeito da colonialidade em sua comunidade. Gestado nas entranhas da estrutura social brasileira, o racismo faz os irmãos

³⁵ Ubuntu, filosofia africana que significa a humanidade com o outro - “eu sou porque nós somos”.

negros sangrarem por causa da cor da pele, situação financeira ou nível de escolaridade. Posso passar horas trazendo autores e explicando teorias, contudo, nada terá o poder que essa fala carrega e não fará o mesmo efeito. Escrever as experiências vividas é isto: trazer a realidade contada pelos que a vivenciaram e ver potência em cada palavra dita ou não dita, porque o silêncio também é uma palavra não contada e resistente.

A líder quilombola, a mestra da cultura popular, agricultora, a sindicalista, entre tantos outros nomes com os quais Dona Josefa se descreve, representa o Quilombo em movimento, sim! Esse corpo no mundo, carregado de lutas, insurge em cada um dos seus gestos, leva sua comunidade longe e obtém conquistas em prol do seu povo. Nesses caminhos e descaminhos em busca de benefícios para o Sítio Alto, antes mesmo do reconhecimento pela Fundação Palmares como comunidade quilombola, a movimentação para dobrar o sistema e sobreviver era feita continuamente. Foi preciso burlar de alguma maneira as amarras coloniais para conseguir dignidade para o povo, como nas palavras de nosso líder quilombola:

[...] tudo que se tem aqui no Sítio Alto tem uma luta de nós aqui. Minha mão e a mão de Zé, com luta, com briga e com zuada, porque a escola foi nós que pedimos, essa escola aqui do Sítio Alto. Aí o povo chega na escola “vamos contar a história do Sítio Alto, quem foi que pediu a escola do Sítio Alto, aí foi sei quem”, gente tão diferente. A escola do Sítio Alto quem pediu foi Zé a Caçulo Ferreira de Matos³⁶, ele chegou aqui mais Virgilinho em uma festa de São Cosme, dia 27 de setembro. Nós fazia festa de São Cosme, aí, ali em baixo em uma casinha velha e veio seu Caçulo e Virgilinho. Menino, essa festa de São Cosme foi uma festa braba mesmo, festa de zabumba, chamado Festejo de São Cosme, era uma festa linda de zabumba. Menino, tava cheio. Seu Caçulo e veio mais Virgilinho e eles assim “eita quanto menino, seu Zé!” De vez em quando, quando seu Caçulo começou, gostava de vim aqui, aí ele disse assim “da onde veio tanto menino assim?” “É daqui, o povo daqui tem muito menino.” Aí ele disse: “aonde esses meninos estudam?” Zé disse: “estuda, vão para Caraíba de Baixo.” “Por que você não faz seu Caçulo, ao menos uma sala, uma escolinha pequena?” Ele disse: “rapaz, só não vou te garantir porque o documento daqui é Caraíba de Baixo, então, na Caraíba de Baixo já tem uma, eu não posso fazer outra, mas, se tivesse um documento dizendo que aqui não é Caraíba de Baixo, eu faço”. Aí nós achamos Sítio Alto, né? Só que até hoje colocaram a escola ali Alto da Caraíba, mas a escola tem que ser Sítio Alto, porque é Sítio

³⁶Prefeito Municipal na época 1977-1982, em Simão Dias - SE

Alto, tem que ser Sítio Alto. Nós achamos o documento, foi nós que achamos, eu que entreguei a ele, aí ele fez. Era para fazer aqui, aquela escola que está lá era para fazer aqui, aí teve um problema com uma pessoa que eu não quero falar o nome, Deus tenha ela em um bom lugar. “Não, não, não”, levou pra fazer pra lá, e quase que acabou em zuada, porque lá o dono não deu, pensou que era vendido. Aqui a gente tinha dado, ali ainda terminou fazendo uma zuada, foram até para justiça, mas tudo bem, mas foi a gente que pediu aqui, em uma festa de São Cosme, aquela escola ali, que foi uma beleza pra crianças, que foi bom [...]. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista em maio de 2021).

A afirmação das lutas, brigas e *zuada*³⁷ que Dona Josefa relata em sua fala são os ecos das transposições que ela, junto à comunidade, precisa fazer para conseguir dobrar o sistema. Às vezes, ocorrem *zuadas* entre eles, em meio aos desejos por mudanças, quando não concordam em tudo, e então surgem os conflitos para refletir sobre o melhor para todos. Ao pensar em comunidade, gesto político, desenvolvem-se ações que, para muitos, podem ser consideradas simples e sem nenhum valor, porém, para seu Zé, era uma oportunidade de melhorar o acesso das suas crianças à educação. O gesto de pedir em prol dos seus mais novos revela o sentido de coletividade dentro do território, de se reconhecer enquanto pluralidade étnica e não soltar a mão de ninguém ao longo da caminhada.

Paulo Freire (1981) nos fala de ação para o alcance da educação libertadora e saída da cultura do silêncio imposta pelos colonizadores. Para isso, os considerados marginais, pois estão às margens da sociedade, precisam desenvolver ações culturais que os levem ao desenvolvimento da conscientização para sair da opressão causada pelas camadas opressoras. Ao pedir escola pensando nas crianças, Zé e Dona Josefa estão fazendo ação cultural para libertação, resistindo, como também para insurgência ao enfrentar a cultura que os deixam silenciados e às margens. Como nos diz Freire (1981):

[...] Ação cultural através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante. Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles. [...] (FREIRE, 1981, p. 44).

Cada ação desenvolvida dentro do Quilombo quebra uma amarra da colonialidade. Como diz o autor na citação acima, a ação é a maneira de dizer,

³⁷ Utilização do Pretoquês de Dona Josefa.

enquanto oprimidos, que estão vivos e que seguem na luta para alcançar a libertação. Sabemos que Paulo Freire foi um grande defensor da educação por acreditar no poder que ela tem de transformar a vida dos sujeitos. No caso dos negros, a educação sempre foi “requisito para o acesso às melhores ocupações na hierarquia” social, como nos alerta Nascimento (2018, p. 83). Porque “Numa sociedade como a nossa, onde convivem elementos arcaicos como o processo de modernização, a educação representa um fator de pressão dos grupos subordinados, visando melhores condições de vida e ascensão social.” (NASCIMENTO, 2018, p. 83).

Mesmo nas encruzilhadas dos desentendimentos próprios do convívio em comunidade, a reafirmação “a gente que pediu aqui”, no final, é um grito que ecoa vida e protagonismo deles nas conquistas da escola, como também em tudo na comunidade.

[...] voltando lá atrás na luta para ser quilombola, também foi uma luta da gente, foi nós que reconhecemos. Mas quando nós reconhecemos como quilombola, já tinha um pouco dessas coisas, a escola já tinha, a casa de farinha, aí as pessoas perguntam “por que vocês tomou a decisão de querer botar aqui como quilombola?” E a gente pensava que seria mais difícil e não foi tão difícil. Eu comecei essa luta como quilombola em 2008, antes de 2008, em 2005 eu só vivia nas reuniões dos polos de territórios, e um rapaz lá de Frei Paulo, nós foi para uma reunião, e mandaram o presidente da FETASE me trazer aqui, aí ele veio. Quando ele chegou aqui e viu tanta casa de plástico, tanta casa de taipa, tanta coisa, aquele verão, uma ruma de menininho sem roupas nas estradas brincando com os carrinhos, outros com a boquinha tinha comida jaca com farinha, ele disse: “ô meu Deus do céu quanto menininho de barba branca e esses menininhos... o povo daqui é tudo escuro, né, dona Josefa?” Eu disse: “é, essa comunidade aqui é tudo negro mesmo”, “essa comunidade é quilombola, né, dona Josefa?” “Não sei o que é quilombola não, eu não sei o que é quilombola, eu sei o que essa comunidade nossa é remanescente de escravo, que sofreu nas fazendas, pelas coisas”. Ele disse: “essa mesmo, dona Josefa, a senhora procure uma professora e mande fazer um estudo aqui”. Aí algumas professoras que eu falei, algumas ficaram assim, rapaz, dizendo: “não, é difícil, o povo vão ficar com raiva, nunca vai conseguir”. Mas eu sabia a história de tudo o quanto era passado pelas pessoas que era quilombola, pelos remanescentes de quilombolas, que era o sofrimento dos negros, que no passado, que no passado os negros era escravizados, todos os negros tinha que tá cada qual em suas fazendas, e tinha que obedecer seus patrão. Pai contava toda essa história a nós, como fazia o negro tinha que ir para outra fazenda com o ferro do fazendeiro. Eu dizia a ele: “pai, se eu fosse para vim e eu ser

ferrada, eu matava eles de pau”. Ele: “não minha fia, não pode ser assim não, você tem que ser um nego manso, e que concorde com tudo deles, porque se você ser uma nega braba e fujona, você sofre muito, eles te judia³⁸, agora se você ser uma nega que concorde com eles, você, eles não judeia muito não”. Aí eu disse: “se voltasse, Deus me livre se voltasse mais”. Aí ele disse “não mas, se voltar você não é judiada não, vocês tem,” ele disse um dizerzinho “vocês vão ser ou para seu Candinho ou seu Dorinha, o nome deles de vez de ser fazendeiro, vai passar a ser coronel, vocês é dividido um tanto vai para eles, vai ficar, nós tudo pertencia, a parte do Barão, porque o povo que pertencia ao Barão um tanto fica com Dorinha um tanto para seu Candinho”. Aí esse ele me dizia muitas vez, isso eu sabia, tudo que ele me disse foi isso que eu contei para o rapaz quando ele veio de lá da Fundação Palmares. Eu contei tudo isso que eu sabia a ele disse: “oxente já tá ganha a história”. E tudo que ele pediu, eu sabia dizer. [...] (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em maio de 2021).

Ação e luta são palavras que caminham juntas quando se trata das conquistas para a comunidade. “Foi uma luta da gente, foi nós que reconhecemos” – essa frase é uma quebra com a cultura do silenciamento, pois são eles que vão à luta e conquistam. Quilombo sempre foi um guerreiro que não foge à luta, esse é o Sítio Alto. Cada palavra dita por Dona Josefa tem significado. Primeiro, nas entrelinhas são descritos os problemas socioeconômicos e étnico-raciais enfrentados por eles, quando, por exemplo, ela fala das casas e das crianças, ou quando o moço fala do “povo escuro”, que é a dura realidade do racismo estrutural. Um relato forte de como a sociedade vê os negros no Brasil, sempre às margens, como alguém de fora e inferior, além de intensificar a remanescência quilombola apenas pelo ser negro, referindo-se à tonalidade da pele e à pobreza. De forma velada, o relato do moço desmascara o verdadeiro pensamento de fora sobre o território quilombola da Serra Alta.

A certeza na voz em afirmar que o reconhecimento foi apenas mais uma vitória é linda de ouvir, por mostrar as ações que eles fizeram desde sempre para sobreviver e (re)existir. Cada passo dado, em direção à reinvenção, afirma a quebra das amarras e a força de sujeitos politicamente posicionados e ativos que se articulam, correm, batalham e lutam por uma vida melhor. Outra questão que a narrativa traz é a naturalidade da rememoração da história por Dona Josefa, pois demonstra o poder da ancestralidade como base de preservação da identidade,

³⁸ Palavra que deriva do verbo judiar, uma palavra repleta de colonialidade, que retrata o sofrimento dos judeus. No mais, retrata-se o modo como eles foram tratados.

cultura e saberes no chão do quilombo. Isso também nos faz perceber como saberes ancestrais têm ligação com a oralidade, porque são passados dos mais velhos para os mais novos, assim é preservada na memória da comunidade.

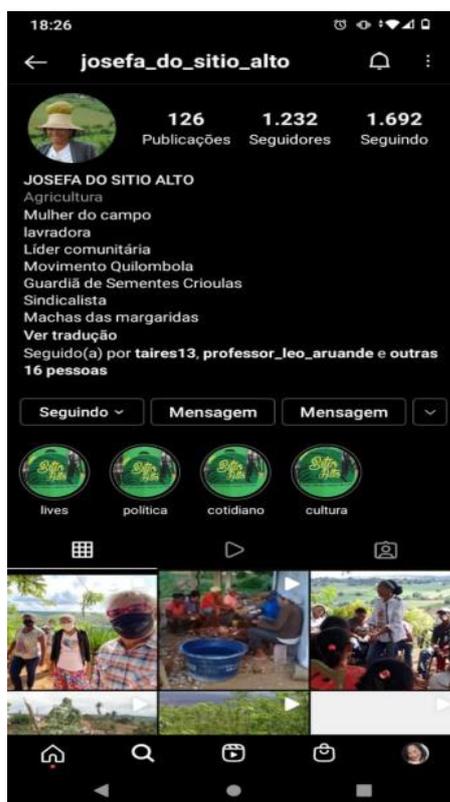
Enquanto existe vida haverá luta. Cada suspiro é quilombo em movimento! Todos os esforços em prol da comunidade vão além da Serra Alta, onde o Quilombo está localizado. Dona Josefa junto aos outros quilombolas trabalha para preservar a maior riqueza deles: os saberes. As chamas que os movem são a esperança, determinação e ancestralidade. Em meio a todas as mudanças que ocorreram nos veículos de comunicação e possibilitaram maior acesso ao conhecimento, o Sítio Alto não poderia estar de fora e se reinventa ao se lançar no meio digital criando perfis em redes sociais como o Instagram. Bruno Batista, neto de Dona Josefa, nos diz o objetivo da iniciativa:

Foi uma forma de levar cultura para as pessoas que estavam fora do Sítio Alto, uma forma de dizer “nós estamos aqui, nós existimos!” E de mostrar quem nós somos realmente, como é nossa identidade. É aquela ideia, como você sabe eu estudo sistema, aí eu tava procurando uma forma de pegar meu curso, meu conhecimento tecnológico, e contribuir de alguma forma com a comunidade. E um dos principais problemas que eu tava tendo, que eu vejo e via na época era a questão da preservação cultural, estávamos passando por grandes problemas. E eu vi alguns exemplos do, aquele Museu da Língua Portuguesa que pegou fogo. Eu vi exemplos assim e vi a necessidade do pessoal que muitas vezes marcando, ligando, querendo conhecer o Sítio Alto, querendo conhecer a cultura do Sítio Alto, querendo conhecer minha vó, marcar entrevista e vir para o Sítio Alto. Vi a tecnologia como essa ponte, o Sítio Alto, o conhecimento do Sítio Alto e a cultura e esse público distinto fora da comunidade, mas que gostavam de cultura, gostavam de consumir conteúdo de cultura e também essa questão da preservação. Porque a partir do momento que coloco no meio digital já foi, é como se dizem entre aspas “tá preservado”, aí na época a forma mais simples e mais rápida que encontrei foi o Instagram que era o que estava na moda. Aí foi um dos principais objetivos do Instagram. (Bruno Batista, 22 anos. Entrevista pelo WhatsApp em agosto de 2021).

A frase “uma forma de dizer *nós estamos aqui, nós existimos!*” É um grito. Ecoa a determinação de negras e de negros que sabem por que lutam e onde precisam ir para alcançar seus objetivos. A fala potente de Bruno sobre a preocupação com o acesso, divulgação e preservação da cultura demonstra que a busca por se fazer importante e saber sobre quem eles são se faz presente no

Quilombo. Bruno é linha de continuidade de Dona Josefa. Ela, matriarca, é ancestralidade em vida, Quilombo em movimento, o fio de ligação entre a matriarca, a avó de Bruno, e os mais novos é viva, é Quilombo e ancestralidade. O mundo precisa saber a realidade deles, sim! Precisa saber que ali se constrói, reconstrói e reinventa toda (des)construção identitária de um povo que sempre sobreviveu a toda violência que lhe foi imposta. A preocupação em ter uma forma de preservar e divulgar a Cultura, podendo dividi-la com outras pessoas, foi o objeto principal de se lançar na rede sem medo. Nessa fala também há outra coisa importante: temos um filho do Sítio Alto voando em território que por muito tempo lhe foi negado, o ensino superior. Apenas nós negros/negras sabemos como é importante essa conquista. Bruno leva seu conhecimento ao quilombo e o leva também longe, ao mundo, através da rede. A seguir uma captura de tela do perfil do Sítio Alto e Dona Josefa na rede:

IMAGEM 3: Instagram de Dona Josefa



Fonte: Acervo pessoal

Reinventar-se sempre foi uma arma de resistência do negro no Brasil. A foto nos traz uma mostra da utilização de um mecanismo e dispositivo de dominação

transformado em um espaço digital de resistência e fortalecimento do vivido, do construído coletivamente e da história. Carregamos em nossos corpos não só marcas de violência, mas também do poder e da capacidade de renascer a cada batalha, queda e morte de um dos nossos. Existe uma história escrita por negros que não é contada na história oficial, contudo é vivida e preservada entre nós. Vivemos dentro de uma dança de roda³⁹. Cada passo dado é ação, articulação e sobrevivência, cada batida no chão pelos pés é a afirmação da vida, cada giro é a alegria das conquistas, e cada cantiga proclamada é a confirmação dos saberes ancestrais presentes em nossa memória. Dona Josefa do Sítio Alto é guerreira, matriarca, mulher do campo, guardiã de sementes, agricultora, líder comunitária e quilombola que pegou a bandeira e foi à luta, sempre pensando nos seus. Sua força faz o movimento da dança ser completa

³⁹ Referência à dança de roda do quilombo Sítio Alto.

3. ANCESTRALIDADE VIVA: A FORÇA DA TRADIÇÃO ORAL

*Raízes da Memória
 Memórias...
 Vivências em construções
 Pegadas no chão, Conexões;
 Com o outro, o eu
 Com o que se foi;
 Memórias...
 Melodia certa que ensina, transforma;
 Fio do conhecimento. Elos de vida; de morte; De existência;
 Ancestralidade viva!
 Em cada mais velha e mais nova
 Mas, como acontece a mágica?
 Senta menina! Sinta-se à vontade
 Preste atenção a cada
 Maneira de falar; contar; Se expressar;
 Nas histórias que viram rimas. Cantos; Danças, Poesias
 Que são passadas aqui!
 Na conversa
 Que embala o conhecer, Saber, Fazer
 Que tu tens vivência.
 Lembra menina?
 Das tardes, das noites, os encontros, Dos risos
 Que transpassam
 O que dizem que é válido
 O que eles não sabem;
 Que nossas forças vêm de lá, onde o saber é transmitido
 No olhar, Na fala, Na emoção,
 Das experiência do vivido
 Que embala os becos das nossas memória
 Nas vielas, que contagia e acolhe, Você! Eu!
 A todas as nossas guerreiras Quilombo
 Que movem seu povo
 No embalo doce e quente do corpo!
 Que é puro saber; Resistência; Oralidade.
 Memórias...
 É o afeto não dito, O aconchego compartilhado
 O abraço apertado que nossa gente tem
 Que liberta a alma; Transforma;
 Saberes em vidas!
 Rafaela Matos*

3.1 Construções de corpos insurgentes: a tradição do saber negro em movimento

Memórias são correntes interligadas e alimentadas constantemente. Lembro-me das tardes em que me sentei e ouvi as minhas mais velhas e os meus mais velhos contarem suas histórias. Cada narrativa me embalava de uma forma diferente, tudo era conhecimento e aprendizagem que eles traziam ali de maneira tão viva. Na oralidade, os saberes são vividos, através do sentimento que cada acontecimento gera no ser. As risadas ao reviver certos momentos, as diferentes entonações e expressões do narrador fazem com que cada memória permaneça viva.

Hoje percebo como essas conversas na varanda do meu bisavô, Antônio Alves, e minha avó Marisinha, carregam um poder ancestral. As lembranças me invadem com um sentimento de felicidade e saudade, sou privilegiada por compartilhar com as minhas as memórias daqueles que vieram antes de nós.

Ao me sentar para escrever em uma tarde ensolarada de verão, me encontro dentro de um quarto com as lembranças de momentos que, nos fios das minhas memórias, começam a se apresentar. Vamos viajar nos caminhos da memória e falar de saberes e ancestralidade, tradição viva que transpassa o eurocentrismo e suas tramas para desqualificar o ensinamento vivido, a tradição oral e os embalos da memória, herança dos nossos que vieram de África.

Estou há um tempo recordando as idas ao Quilombo Sítio Alto, não apenas como pesquisadora, mas como uma pessoa que conviveu no Quilombo. Nas lembranças que vem nesse fio da memória, lembro-me das conversas, das expressões, do jeito como o saber se envolve com o fazer e juntos constroem conhecimento que saúda a ancestralidade que vive em cada pessoa do Sítio Alto. Na escuta se estabelecem conexões de alma. A pesquisadora não está lá apenas para anotar, como também para sentir e compartilhar aqueles momentos de desconstrução e reafirmação da vida. Cheguei ao Quilombo uma Rafaela e saí outra. O conhecimento adquirido foi além do que eu imaginava, aquele pressuposto tímido que fiz antes mesmo de ir, foi se confirmando a cada pegada no chão e encontro feito no Quilombo.

Falar das minhas experiências é mostrar a potencialidade dos saberes do Sítio Alto. Por muito tempo fiquei desconectada de mim, do mundo e da história dos meus. Não via o valor das histórias que escutei nas rodas de conversas da minha família na infância e adolescência, as quais hoje me fortalecem e fazem-me escrever sobre os

meus. Como escutaria as vozes do Quilombo? Como daria valor à tradição oral que prevalece nesses lugares onde a mágica da memória é poder ancestral? No Quilombo, a tradição oral é poesia, ensinamento e educação.

Eu, quando criança, passava tardes e mais tardes ouvindo aquelas histórias, que inicialmente me pareciam até fantasias, entretanto me cativavam e prendiam meus sentidos. *Senta aí, minha filha, tá boa? Como vai sua mãe, seu pai?* No aconchego da recepção calorosa, eram horas de escuta atenta de trocas, lembranças e memórias familiares dos meus. Meu bisavô materno Antônio Alves, popularmente chamado de “Antônio grande”, e minha avó paterna Marisinha me acolhiam com o sorriso no rosto e com vários ensinamentos sobre as suas vidas. As histórias das terras onde o cangaço reinou, das superstições religiosas e dos sofrimentos enfrentados diariamente na luta por uma vida digna.

Ao falar de tradição oral, estamos falando de saberes vivos! “A tradição oral baseia -se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo [...]” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.169). Muito mais do que o eurocentrismo tentou destruir, falar de tradição oral é falar de vidas que se reinventaram e se reinventam. A transformação do homem pelo cosmo e o cosmo pelo homem, como A. Hampaté Bâ (2010) nos diz:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Transpassando as ideias que conhecemos da maneira cartesiana de ser, a tradição oral contempla todas as experiências de cada expressão do saber, envolvendo cada concepção particular dos indivíduos que juntos concebem, interagem e se ligam ao mundo onde o conhecimento é mágico e potente. É o mundo deles, é o esculpir da alma Africana e Afro-brasileira em uma herança ancestral. Nesse

processo, o corpo Africano que foi transmigrado para a América não é um *tábula rasa*⁴⁰ como o etnocentrismo e eurocentrismo defendiam, pelo contrário, os povos que vieram sequestrados pelo atlântico mar, nossos ancestrais, trouxeram “[...] seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização e de simbolização do real social” (MARTINS, 2021, p.31). Esse corpo é porta voz de tudo.

Na oralidade, não apenas a fala é preciosa, mas todo o corpo que vai dar vida ao conhecimento. Leda Maria Martins (2021), em seu livro *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*, tece um diálogo com os congadeiros do Jatobá e vai dizer que:

As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e *modus* constitutivas, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas como todos os outros códigos e sistema simbólicos, escritos e/ ou orais, como que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como um tecido e uma textura, em que as falas e gestos mnemônicas dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformaram-se, e reatualizam-se continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão coreografando as singularidades e alteridades negras. (MARTINS, 2021, p. 32).

As memórias orais africanas vivem! Os negros brasileiros construíram seus caminhos para a liberdade do corpo em cativeiro. Nossos antepassados ancestrais e nós hoje somos a tradição Africana que resiste na América. A oralidade está presente em nossas práticas, em nossos atos e nos simples relatos familiares que mencionei acima, como também na dança de roda, nas conversas, nas cantigas, no reisado, nas novenas que se ligam às tradições da ciência natural desenvolvida no Quilombo, na capoeira ou em cada corpo no qual o respirar e viver tudo em comunidade são carregados de tradição oral.

No entanto, este respirar e viver em comunidade não carrega apenas os saberes e as tradições contemplados nas trocas e compartilhamentos no chão do Quilombo. Temos também os conflitos e contradições próprias do convívio em comunidade. Para falarmos em tradição e saberes dentro do Quilombo, temos que destacar as fusões de ideias das diferenças culturais e de gerações que se cruzam e

⁴⁰ Conceito difundido por John Locke para defender a ideia de que o homem precisa aprender, pois nasce sem conhecimento. Para os Europeus, os Africanos não possuíam conhecimento, ou seja, eram *tábulas rasas*.

entram em evidência nos dias corriqueiros. Assim, ao decorrer dessa narrativa que falará em tradição oral, memória, educação e saberes ancestrais, vamos dialogando com nossos colaboradores e destacando suas ideias sejam elas contraditórias ou de resistência. Com a palavra Dona Josefa e seu neto Bruno:

Bruno: Olha, é o seguinte. Quando eu comecei a estudar, eu tinha seis anos. Quando eu saia de casa, o que é que a senhora me diz, o que é que mãe me diz, o que é que pai me dizia. Quando eu tinha seis anos? "O que a professora disser o certo pra você". Não é assim que dizia? O que a professora disser é certo pra vocês. Não é assim que diz, hoje em dia quando o menino sai pra escola. O que a professora disser é o certo pra você. Eu passava a maior parte do meu tempo na escola. O que era que eu ia dizer que era o certo? não estou falando então, minha vó está mentindo, mas tipo, quando era que eu chegava, quando foi que eu cheguei pra alguém pra ter uma conversa com a senhora sobre quilombola? nunca tinha! Entendia do quilombola? O que eu entendia de quilombola era o que era passado lá na escola.

Dona Josefa: Mas até hoje quanto mais a professora formada, mas quando eu falo de quilombola ela entende.

Bruno: Então.

Dona Josefa: E tem outra coisa, nós todos temos três educação. Tem três educação, que a pessoa tem que ter, é uma delas. Primeiro, você já nasce com a educação vocacional, você já nasceu com a vocação que não gosta de nego? Pronto, o Quilombo você não gosta aqui. Vocação. Você já nasceu com essa vocação, se você nascesse com vocação pra sua família, pro seu sangue, pra sua raiz, tu dava mais atenção. Tem uma educação que nós nasce com ela. Oi? Oh meu filho dá licença. Bom dia. Vou passar aqui. Sem precisar a mãe está batendo.

Tem outra criança que a mãe arranca os cabelo, arranca as orelha. E a vocação dele só sai naquela brutalidade, aquela coisa. Porque ele já nasceu assim. Outra coisa, tem aquela educação também que você aprende na tradição do povo, no conhecimento dos seus irmãos, dos seus amigos, do seu pai, dos seus avô, com a população. Você tem aquela educação. Aquela educação popular, você aprende com a população, com o povo que você convive.

Tem também aquela educação formal. Você tem? Só tem uma formal. Só essa educação que você tem. Você é formalizado.

Eu acho importante que nós todos temos que ter um pouco de tudo. E primeiramente nós tem que ter a nossa vocação, que seja uma vocação que também a gente enxerga assim, porque digamos assim, aí eu sou uma pessoa que eu nasci e me criei com meu pai. Será que eu nunca ia ver e nem conhecer a história do meu pai? Como tem gente que esconde, né? Eu, eu nunca vi isso, nunca fui não. Aqui nunca teve! todo mundo sabe essas história. Mas você já ouviu falar ao Sítio Alto só tem o povo negro, povo pobre já viu falar isso já?

Bruno: Se alguém chegar e dizer assim, Bruno você sabe a história do Sítio Alto? Eu digo, sei, eu vou e conto. A primeira coisa me diz, como você sabe, eu digo, minha vó me contou, um vizinho me contou, outro vizinho me contou e disse, e eu estou desse lado acontecer, eu estou ouvindo. Pronto. Vamos dizer assim, alguém perguntar qual foi a história do Sítio Alto que você viveu? O que é que eu vou dizer? A de hoje. Aí me diz assim, qual das duas histórias você prefere? Qual que eu vou dizer? Não vou dizer assim, essa é a certa ou aquela errada? Vou escolher hoje que é mais fácil pra mim por mais que eu esteja aqui com a senhora todo dia, com a senhora ouvindo a senhora. Vai ficar primeiro, que mesmo que eu diga assim, não, dá errada. Mas sempre, se alguém diz assim, Bruno faça isso. A primeira ideia que vem é a que eu estou vivendo. É tipo hoje. Hoje eu sei. Se alguém disser assim Bruno isso aqui eu sei que você diferenciar. Eu posso é dizer assim quando eu chego aqui que eu contesto a senhora falando, que eu digo oh não é bem assim, ideia diferente. Então, porque eu sei como é fora porque sei como é difícil. (Bruno Batista, 22 anos. Entrevista concedida em outubro 2021)

Dona Josefa: O que é que eu vou dizer, é aí aonde a gente deve chegar, porque você lá, você chega no memorial, aí você vê só falando história de prefeito, vereador, deputado, só dos vereador pra cima, né? É aí aonde você tá de provocar também a professora: “ô professora desse povo para baixo não tinha nada não? Daí pra lá não tinha nada não, nessa época não tinha gente pobre não, nessa época não tinha agricultou não? Do que o agricultor vivia? Como eles plantava? Porque a minha vó conta isso, porque nas histórias de Simão Dias eu digo e provo! E digo cantando: “ainda me lembro das estradas que eu passava, daquelas ponte de tábuas que tinha lá no caiça, dava uma tristeza quando eu passava ali, que os animais se espantava e eu com medo de cair.” Porque os animais batiam nas tábuas, o rio tava cheio, eu pequenininha, com as idades de uns 11 a 10 anos, pra carregar lenha com três cavalos, levava pra lá pra ir vender, voltava o caiça tava cheio. Tudo isso tem que tá na história de Simão Dias. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em outubro 2021).

Em uma tarde de sábado de primavera, na estação das flores, fui visitar Dona Josefa em sua casa, logo nos acomodamos sob a árvore para conversar. Bruno já se encontrava lá, então começamos a dialogar sobre algumas questões que me deixaram dúvidas. Em meio aos assuntos, surgiu a questão da importância da história do Quilombo para Bruno. No diálogo que se estendeu, ele defendia que a história do Quilombo não entrava na escola, bem como o espaço escolar não tinha espaço para falar sobre o seu Quilombo, além de relatar que a professora o tinha ensinado outro conceito de Quilombo, não aquele defendido por sua avó.

No teor da conversa percebemos a problemática que é reflexo da nossa educação formal até os dias de hoje. Ainda que a Lei nº 10.639/2003⁴¹ torne obrigatório o ensino da cultura afro nas escolas, o cenário vivenciado por nossas crianças e adolescentes ainda é marcado por silenciamentos e negligências. As colonialidades do poder e do saber, enraizadas nas instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, fazem com que a escola trate os corpos negros (e também indígenas, gays e travestis) como estranhos; trata de temáticas relacionadas a eles como algo distante, como se eles não existissem no ambiente escolar, embora esses corpos vivam e estejam presentes nessas instituições – são corpos insurgentes. Nesse contexto, Lélia Gonzalez (2019) afirma que:

[...] Em termos de educação, por exemplo, é importante enfatizar que uma visão depreciativa dos negros é transmitida nos textos escolares e perpetuada em uma estética racista constantemente transmitida pela mídia de massa. Se adicionarmos o sexismo e a valorização dos privilégios de classe, o quadro fica então completo. (GONZALEZ, 2020, p.160).

Isso mesmo, Lélia Gonzalez, ainda temos um déficit de informações nos nossos materiais didáticos junto ao racismo estrutural assolando o chão das escolas, que reproduz certos conceitos sem nos deixar reescrever nossas histórias enquanto negros, sujeitos da nação.

No diálogo também percebemos a irritação de Dona Josefa com as afirmações de Bruno, visto que, para ela, o neto precisa valorizar os conhecimentos da escola e os saberes do Quilombo. Dona Josefa nos fala sobre três tipos de educação. A primeira é a vocacional que, segundo ela, já possuímos ao nascer, porquanto é naturalizada, seria a que Helena Araújo (2017) chama, em seus escritos, de educação informal. A outra educação citada por Dona Josefa é a educação não formal que se *“aprende na tradição do povo, no conhecimento dos seus irmãos, dos seus amigos, do seu pai, dos seus avós, com a população. Aquela educação popular”*.

Nas palavras de Helena Araújo (2017), a educação não formal tem como objetivo “[...] a transmissão da informação de forma não escolarizada e a formação política e sociocultural dos indivíduos [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 220). Este modelo de educação foi valorizado no Brasil na década de 1960 para 1970, principalmente por

⁴¹ BRASIL, Lei 10.639/03 de 09/01/2003. Altera os artigos 26 e 79 da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inserindo a obrigatoriedade da inclusão de História e Cultura Africana e afro-brasileira em todo o ensino nacional, público e privado.

Paulo Freire, em suas obras pedagógicas – as pedagogias da libertação e do oprimido. O autor defende uma educação libertadora, na qual a aprendizagem do aluno parta da sua realidade, ou seja, sem resquícios coloniais.

O pensamento de Freire é essencial para a educação, principalmente no cenário brasileiro, em que temos altos níveis de analfabetismo, em especial no que tange às populações negras, vítimas de exclusões na política, economia e sociedade do Brasil. Outra questão que podemos pensar junto às ideias educacionais de Freire, quando se trata de aprender respeitando a realidade do aluno, é perceber a importância de, no chão do Quilombo Sitio Alto, haver uma escola em que adentrem os saberes ancestrais do povo construtor da identidade daquele local.

Seguindo o pensamento de Dona Josefa, existe ainda a educação formal, aquela oferecida nas instituições de ensino. Nesse modelo educacional, temos os educadores como mediadores do conhecimento, com base em conteúdos programáticos. Dona Josefa defende: *“Eu acho importante que nós todos temos que ter um pouco de tudo”*. Concordo com a senhora, mestra do saber popular, a sua defesa é bem pontual. “As educações formais, não formais e informais se inter cruzam [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 218) e precisam andar de mãos dadas.

Paulo Batista também nos conta um pouco das suas experiências e de sua família com a educação:

No território quilombola Sitio Alto, predominou-se por muitos anos a educação não formal. Na ausência do ensino formal, os nossos pais não tiveram acesso regular a este ensino, pois é oferecido, com acesso a transporte escolar, dentre outras políticas públicas existentes antes restrita. O racismo predominava fortemente. Meus familiares não tinham condições financeiras de deslocar-se para estudar em outras comunidades, pensavam primeiro no próprio sustento. A caneta dos meus pais, dos meus avós era o cabo da enxada. A voz do professor era o barulho da enxada preparando o solo para plantar, junto com o som da água do minante da cacimba que matava a nossa sede. Consequentemente provocou os altos índices de analfabetismo. As dificuldades foram grandes, minha participação no sistema de ensino foi interrompida antes de sua conclusão. Quando estava cursando o segundo ano do ensino médio, necessitei acelerar o processo de inserção no mercado de trabalho para ajudar no sustento da minha família, e, posteriormente, me inscrevi para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e concluí com sucesso meu ensino médio. Atualmente cursando Bacharelado em Direito.

Minha comunidade foi beneficiada com uma unidade escolar somente a partir da década de 80, que levou o nome de Alto da Caraíba. São muitos desafios enfrentados desde então, ainda não temos

professores do território quilombola atuando, não temos os saberes tradicionais respeitados em sua plenitude, não temos nossas raízes fortalecidas dentro da estrutura formal de ensino. Hoje a nossa comunidade já possui filhos graduados, aptos para ingressar no sistema formal de ensino e contribuir para o fortalecimento da educação quilombola, concomitantemente aos nossos saberes enraizados no quilombo. Militando na efetivação dos direitos do povo quilombola, recentemente, desenvolvi um projeto de Lei que propõe reservas de vagas às pessoas remanescentes de quilombo para provimento de cargos efetivos e/ou temporários do Quadro de Pessoas do Município de Simão Dias/SE, sendo este apresentado ao Legislativo. Por iniciativa do próprio Legislativo, este julgado inconstitucional pela comissão de constituição e justiça, alegando-se vício de iniciativa, que o projeto de Lei legalmente deveria ser encaminhado ao Legislativo através do poder executivo. O poder executivo não manifestou interesse na proposição e encaminhamento do projeto de lei, manifestou-se contrário. Como devolutiva, o executivo opinou para que a comunidade procurasse a justiça. O projeto de lei representava para minha comunidade uma iniciativa de reparação histórica por parte dos poderes legalmente constituídos. Esta taxativamente engavetada sem a devida atenção e/ou reconhecimento da dívida história que o poder público tem com meu povo. (Paulo Batista, 31 anos. Entrevista concedida em março de 2022).

As dificuldades para acessar a educação formal sempre foi um desafio para nosso Paulo. Primeiramente, havia a anulação dos saberes de ancestrais, atravessados pela colonialidade do saber, que desqualifica, oprime, aniquila, todas outras formas de saberes, sobretudo a dos negros vindos da África; conhecimentos ricos, milenares, passados de geração a geração pela tradição oral. Para a população negra brasileira, em um processo histórico de silenciamentos, apagamentos e anulações, ter acesso à educação formal sempre foi uma conquista cheia de desafios, mas também de insurgências. Segundamente, as restrições a acessos e participação nas decisões dos caminhos da nação se mostravam evidentes. Isso se dá visto que essa participação era direito apenas daqueles considerados cidadãos aptos a votar, ou seja, quem tinha escolaridade e sabiam ler, conseqüentemente, os analfabetos ficavam fora da votação. Esse cenário começa a mudar no governo de Getúlio Vargas⁴², em 1934, quando os analfabetos conquistaram o direito ao voto. Por que isso afetava a população negra? Porque a grande maioria era analfabeta! Outra questão presente na fala de Paulo é a falta de acesso aos direitos educacionais (por

⁴² Presidente do Brasil na época. Na constituição do seu governo, foi permitido o direito do voto aos analfabetos.

parte de seus mais velhos e até por ele) em virtude da necessidade de escolher entre estudar e a enxada – ferramenta de trabalho.

Traçando uma ligação entre a fala do companheiro Paulo e a história do Brasil, os altos índices de analfabetismo negro são reflexos sociais de uma população que não teve oportunidade de acesso garantido igualitariamente e que, por consequência disso, até hoje luta, resiste e insurge em meio às dificuldades que a estruturação da colonialidade do poder sustenta na sociedade brasileira. Outra questão apontada por Paulo é a evasão escolar, que também atinge principalmente os irmãos negros. Além do direito ao acesso, é preciso garantir a permanência e isso se faz com a ampliação e democratização de políticas de assistencialismo social.

A felicidade me abraça quando vejo que, mesmo com as adversidades presentes em seu relato, Paulo conseguiu quebrar a corrente da colonialidade ao voltar a estudar e hoje faz graduação com foco em ajudar aos seus e efetivar os direitos para a sua comunidade. Essa felicidade se multiplica ao ver que há outros filhos do Sítio Alto buscando o caminho da educação e se graduando. Paulo reafirma a sua conquista e a dos seus, enfatizando ainda a criação do projeto de lei que demonstra a movimentação do Quilombo.

Percebe-se que os jovens do Quilombo conseguiram avançar no acesso e permanência escolar. Isso é fundamental para a comunidade, pois cria lideranças que ressignificam os espaços, saberes e sua identidade, além de perceberem que é preciso sempre buscar maneiras de insurgir na efetivação das práticas. Esses jovens são os mais velhos de amanhã na temporalidade da vida na terra, os responsáveis pela passagem dos saberes ancestrais, das lutas e resistências. Dessa maneira, conversando com Dona Josefa, a matriarca me fez um desabafo em relação às dificuldades enfrentadas para chamar a atenção e assegurar a participação e permanência dos jovens nas práticas culturais e identitárias da comunidade.

[...] com esses avanços dessas tecnologias a gente vê que foi muito bom para muita coisa, mas, também, a gente perdeu outras, porque se a gente não segurar bem os jovens a gente perde a nossa cultura, né? Porque eles, a gente só vai tudo que está na moda, todo mundo só vai pela moda, agora isso é tudo. Se ser um político e entrar um velho e o nome: ita o bom é aquele! Eita nossa senhora! Eita, você viu fulano? As vezes quando chega lá ele até atravessa o olho, mas como é aquele que estava na moda, é aquele que a gente quer. Ah, porque você viu, tem a qualidade de roupa, desde que a roupa tem um taco rasgado, mas aquela que é boa. Tudo hoje acompanha a modernidade. A gente não quer nada lá para trás por isso vou parar

por aqui. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2021).

Dona Josefa tece um comentário, no qual percebemos uma crítica do que ela chama de “avanço da tecnologia” e a dificuldade em “segurar bem os jovens para não perder a cultura”, em meio ao mundo de transformações e mudanças propostas pelo capitalismo, o sonhado novo/sistema/mundo europeu. Podemos perceber, assim, os desafios dentro do Quilombo a fim de preservar a cultura da tradição oral e executar as práticas em comunidade. O que está na moda, como nos diz a matriarca, é sedutor, chama a atenção e desvia o olhar.

Para manter viva toda a tradição, é preciso ressignificar a vida em comunidade, paralela ao que está na “moda”, como as músicas da atualidade lançadas diariamente, roupas, estilo de vida, entre outras coisas. Assim, os saberes que tem raízes no Quilombo, aqueles que conectam o corpo à terra e uns aos outros, precisam ser vividos e revividos em cada prática que a comunidade mantém a cada dia na forma insurgente de viver. Dona Josefa ainda nos diz:

[...] Outra coisa que digo aos jovens aqui do Alto que sempre aproveite para contar suas histórias e para ouvir as histórias. E quando a gente tiver contando a história vocês ouça, porque mais tarde vai ter tempo que vocês vão dizer: “como é que a Finha dizia que eu não sei, porque muitas das vez eu digo: Meu Deus, como é que minha vó dizia, minha vó dizia uma coisa, minha mãe dizia outra, pra que eu não escrevi tudo para eu saber, porque minha vó contava, que meu avô contava, aí eu penso pra que eu não escrevi, né? Não escrevi aquilo pra já ficar tudo escrito, bem assim é o que eu digo a vocês nunca seja oportunista. Mas, nunca perca a oportunidade, porque a oportunidade não é todo dia que a gente ver não, vocês tem que ter a oportunidade de saber a história de Simão Dias, saber que em Simão Dias tinha dois aloque. Saber que nós, a gente era trabalhador rural, nossos pais vendia lenha, nós cortava lenha ia vender, saber que nunca teve fogão, era fogão de lenha, nós que cortava a lenha. Como é que os fazia pra curtir os couros? Era levava pro aloque e nós descascava os angicos um meio de renda, na época nós plantava algodão, e nós não tinha o dinheiro para fazer a roça, tomava emprestado e depois pagava, e aí muito obrigado! (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2021).

É preciso incentivar os mais novos sim! Temos contradições e conflitos próprios da convivência, pois estamos falando de pessoas que são diferentes e habitam o mesmo local. No Sitio Alto não seria diferente. Porém, podemos perceber que, mesmo com essas questões, temos as/os mais velhas/os incentivando e passando seus saberes aos seus mais novos.

No Quilombo Dona Josefa é uma contadora de histórias– ela guarda a palavra ancestral. Assim como em África existem os tradicionalistas e os griots, que são mediadores da relação entre o conhecimento e o seu povo, Dona Josefa pode ser todos ao mesmo tempo, por causa do que transmite, seja nas histórias do Quilombo contadas igualmente à maneira como os tradicionalistas faziam, seja quando cria rimas nas rodas como os griots faziam. Ela é tradição viva! Na palavra que “é sopro, hálito, dição, acontecimento e performance, índice de sabedoria [...]” (MARTINS, 2021, p.184). Ela celebra a transmissão dos saberes ancestrais do seu povo para o povo.

Tais saberes, que são passados por meio da oralidade, demandam atenção e aprendizagem dos mais novos, que deverão passar tudo adiante na sua linhagem de conhecimento. Na transmissão oral “O sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório. Mas é aquele que conhece o mundo através do seu mergulho no mundo.” (GOMES, 2017, p. 58).

Dona Josefa é uma sábia guardiã dos saberes. Ela sabe da importância que tem para sua comunidade, por isso destaca a transmissão dos saberes, que passam de geração para geração, como uma forma de reforçar a importância do sentar e ouvir – anotar se for necessário– porém, o ouvir é o que se manifesta como essencial. “Esse saber torna-se acontecimento não porque se cristalizou nos arquivos da memória, mas, principalmente, por ser reeditado na performance [...]” (MARTINS, 2021, p. 84). Assim, o Quilombo Sítio Alto consegue manter vivas suas tradições que são ensinamentos para a vida.

Nessa troca citada pela matriarca, podemos contemplar o que demais singelo guarda a memória individual e coletiva para a passagem dos saberes ancestrais dentro do Quilombo através da tradição oral. A memória é fundamental, porquanto é no processo de rememoração que o sujeito faz uso da sua oralidade. Para Elisa Paim e Helena Araújo:

Memória é também esquecimento, apaziguamento com o passado. A (re)memória é sempre relacionada com o presente, é um entrecruzamento de tempos, espaços, vozes. Não é uma autobiografia, no sentido clássico. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro. Memória é vida, possibilidade da experiência vivida. Assim, no ato de rememoração, amplia-se a possibilidade de vida. (PAIM; ARAÚJO, 2018, p. 8).

Estamos falando de memórias vivas! As palavras sensíveis dos autores nos alertam como a memória é possibilidade do vivido e, portanto, não é algo pronto e acabado, mas cheio de experiências, porque ela é a vida em movimento. “A memória é sempre uma construção, na qual a lembrança é parte constituinte da nossa identidade, do nosso sentimento de pertencimento [...]” (MIRANDA; ARAÚJO, 2019, p. 385). Memória e oralidade são fios que andam juntos. Nesse processo, os saberes ancestrais são passados desde a rememoração à oralidade, maneira como essas memórias e ensinamentos são transmitidos.

Percebemos o quanto essa forma de transmitir conhecimento permanece viva em nós negros no Brasil quando, mesmo com as invasões ao território Africano e os efeitos da colonialidade, conseguimos compartilhar vivências da oralidade através dos processos de rememorações, que são referências como forma de conhecimento. Sabemos que a Europa, com todo seu poder de dominação, coroou seus conhecimentos como os únicos válidos e aceitáveis. “O poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos.” (CHAGAS, 2002, p. 44). Desta forma, não podemos esquecer que a:

[...] “*História do Brasil foi uma história escrita por mãos brancas*”. Tanto o negro quanto o índio, quer dizer, os povos que viveram aqui, justamente com os brancos, não têm as suas histórias escritas, ainda. E isso é um problema muito sério, por que a gente frequenta a universidade, frequenta escolas, e não se tem uma visão correta do passado da gente, do passado do negro. Então, ela não foi somente omissa... e foi mais terrível ainda na parte que ela não foi omissa, ela negligencia fatos muito importantes e deforma muito a história do negro. Quer dizer, formas de o negro viver no Brasil. [...] (NASCIMENTO, 2018, p. 195).

Negligenciar as resistências e as formas de sobrevivência do negro na história do Brasil foi uma das maneiras que a colonialidade do saber encontrou para deslegitimar o saber do negro, ou melhor, levá-lo ao esquecimento. Beatriz Nascimento relata que a história do Brasil foi escrita por mãos brancas, o que ocasionou os esquecimentos do povo negro nas instituições públicas de poder, locais estes que legitimam o branco e seus saberes e deixam o negro sem espaço. Essas negligências e esquecimentos nos impulsionam a escrever sobre a nossa gente e seus saberes ancestrais, porque “[...] são os esquecimentos e as ausências que permitem a renovação, a reinvenção, o dinamismo, a recriação da história e da própria memória [...]” (MIRANDA; ARAÚJO, 2019, p. 386).

A nossa educação⁴³ formal brasileira não valoriza as memórias, as relações familiares e as histórias outras, como a educação em África, na qual essas concepções são os próprios saberes. Esse modelo educacional é o reflexo da imagem do eurocentrismo enaltecido e o esquecimento da história do negro. Portanto, nesses locais de formação formal, há uma consagração da escrita como marco temporal de surgimento da história como ciência. Assim, faz-se um trabalho no imaginário social do que seria a história certa e quem são seus protagonistas. Isso legitimou o branco e inferiorizou os povos que fazem da tradição oral maneiras de ensinamento e educação.

Como historiadora/professora de história, problematizo a afirmação que encontramos nos livros didáticos sobre a existência de uma pré-história⁴⁴, e não já de uma história. O prefixo “pré” faz referência a algo que veio antes, ou seja, a pré-história⁴⁵ ainda não é considerada história para a historiografia europeia, por não ter registros escritos. Mas, não podemos esquecer que as primeiras aparições humanas foram no continente Africano. Assim, essa afirmação aponta que esse período não é considerado história por ainda não ter a prática da escrita, havendo uma descaracterização do saber, aquele que vive na tradição da oral africana, aquele conhecimento transmitido verbalmente, boca a boca, passado de mestre para discípulo.

Por assim dizer, percebe-se a importância de desenvolver estudos e pesquisas antirracistas e de usar as memórias contra-hegemônicas, porque elas nascem “[...] no movimento de coletivos interessados em apresentar referências da história local, de modo a permitir que seus moradores reflitam sobre essas questões e se envolvam nesse processo [...]” (MIRANDA; ARAÚJO, 2019, p. 386). Para tanto,

[...] o trabalho com memórias passa a ser pensado como um imenso campo de possibilidades –por isso interessa-nos as memórias e histórias outras, ou seja, memórias e histórias contra-hegemônicas onde os grupos marginalizados pelo capitalismo, patriarcado/colonialismo, terão protagonismo. (PAIM; ARAÚJO, 2018, p. 8).

⁴³ Referência à educação nas instituições de poder, as escolas.

⁴⁴ Na divisão cronológica da história pelos franceses, o termo “pré-história” foi dado para sinalizar que os povos desse período não possuíam conhecimento, nem histórias por não dominarem a escrita. Algo questionável por se tratar de povos que habitaram o continente Africano, ou seja, os europeus começam daí a desqualificar os ensinamentos e conhecimentos de África.

⁴⁵ Atualmente alguns livros já trazem um novo conceito.

Os saberes do Quilombo Sítio Alto, em virtude de sua natureza contra hegemônica e ancestral, protagonizam este trabalho e contam as histórias de seu povo através de suas memórias providas de experiências vividas. Sua cultura e identidade estão em cada linha deste texto, pois são maneiras outras de ensinamento, de vida e de educação. Beatriz Nascimento nos diz que: “A memória são conteúdos, da sua vida, da sua história e do seu passado. Como se o corpo fosse o documento [...]” (2018, p. 333).

Quanto à memória do povo negro, trata-se da “continuidade histórica” de corpos documentos transmigrados carregando toda a tradição de seus ancestrais, que aqui em América são insurgentes, “[...] embora achatada pelos vários processos e formas de subordinação, dominação e subserviência [...]” (NASCIMENTO, 2018, p. 254). Ou seja, as colonialidades seguem suas vidas, continuando o que foram lhes ensinado, a tradição oral!

Aqui a oralidade é vista como uma forma de educação outra. Sim! Diferente da educação europeia, temos na tradição oral a valorização das experiências vividas, da memória individual e coletiva. A força dessa tradição se concretiza nas experiências, elas são transmitidas pelos que têm o poder de expressar-se e ensinar. Isso, graças à força da palavra dita, pela memória viva e revivida em cada encontro dos sujeitos que contemplam as trocas ancestrais de saberes.

A oralidade que faz parte da educação em África é herança ancestral dos negros em América, transpassa a educação engessada criada pelos europeus. “A educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo dispensada durante toda a vida. A própria vida era educação [...]” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.200). Assim, ela faz parte da vida das pessoas e tem ligação com a natureza, o cosmo, a religião, a energia, a tudo que é vivido e compartilhado. O poder da transmissão oral que educa está na palavra proferida, pois “[...] a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (yaa-warta, em fulfulde) que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação. [...]” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 172).

A força da fala e as ações do povo negro são Quilombo em movimento. Nas práticas do cotidiano da vida em comunidade, os saberes ancestrais são transmitidos, preservados, reinventados e celebrados com predomínio da tradição oral, da memória, da identidade e da cultura africana. Ao falarmos da oralidade e seu poder na educação e ensinamento em África, voltamos o olhar para o Quilombo Sítio Alto e suas práticas que se resignificaram nesse chão e na memória dos moradores.

O quilombo aqui é visto como lugar de educação outra, construída através dos saberes ancestrais, insurgentes e ressignificados nas práticas desenvolvidas e construídas no cotidiano do convívio e conflitos característicos de partilhas em comunidade. Destacamos aqui manifestações e experiências que são realizadas no Quilombo como a dança de roda, as cantigas, a capoeira, o reisado, as novenas de santos e a novena das mordomas.

Neste texto, a força da tradição oral que educa, da memória, dos saberes ancestrais e da palavra proferida, que ensina e transmite conhecimento, nos guiaram e se fizeram presente através das falas e práticas dos meus companheiros de diálogo, os quilombolas do Sítio Alto. Isso porque a oralidade: “Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática [...]” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.175) e proporciona a reescrita da história das populações negras, silenciadas por anos.

3.2 Quilombo Sitio Alto: memórias vivas, ressignificação das práticas quilombolas

*Do Velho ao Jovem
Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.*

*Na face do jovem
o frescor da pele
e o brilho dos olhos
são dúvidas.*

*Nas mãos entrelaçadas
de ambos,
o velho tempo
funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.*

*O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história*

*Infinitas são as personagens...
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra
E também de Santana e de Belo
e mais e mais, outras e outros...*

*Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
E não há quem ponha
um ponto final no rap*

*É preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora...
(EVARISTO, 2008, p. 51-52)*

Com os sensíveis versos de Conceição Evaristo, começo esta subseção fazendo referência a todas/os minhas/os mais velhas/os Maria José, Maria Madalena, Adélia Matos, Doméstia Santana, Antônio Alves, João Teles, João Manuel e Josino Teles, que sempre me acolheram com um brilho no olhar e com grandes ensinamentos, que se cruzavam e explodiam em saber compartilhado. Na minha face,

Evaristo tem razão, tinha o brilho da dúvida e do encanto. “*O que os livros escondem, as palavras ditas libertam. E não há quem ponha um ponto final na história*”. O Quilombo Sítio me fez ver o poder da palavra dita e entender o quanto fui agraciada por conhecer quatro bisavós e quatro avós e ter lembranças deles e de seus ensinamentos. “Essa concepção assimétrica diz, em muito, de um certo pulsar do sujeito em movimento constante, assegurando que a relação com as origens é sempre retrospectiva e prospectiva, pois, como no jazz, funda o sujeito em movimento.” (MARTINS, 2021, p. 44)

Por causa da liberdade que senti ao compartilhar momentos de aprendizagem no chão do Quilombo, nas práticas e no cotidiano da experiência em comunidade, convido a se despirem do que sabem sobre Quilombo e deixarem a magia dos saberes ancestrais invadir seus corpos. Saberes que não precisam ser memorizados, mas sentidos. Como nos diz Abdias Nascimento “Ser fiel às raízes é um ponto de partida, não um retorno ao passado quietista ou a tradição petrificada [...]”(NASCIMENTO, 2019, p.160).

Foto 15: Dona Josefa



Fonte: Instagram de Dona Josefa.

Com a palavra, Dona Josefa:

Passar o conhecimento, isso aí eu acho uma grande importância. Todo dia eu digo que todo evento que tiver a gente tem que levar os

adolescente, as criança, todo mundo, que é pra criança já crescer com aquele laço de amor pela aquela dança. Por que muitas das vezes quando não conhece, né? Não sabe como muita gente no início que a gente saiu caminhando, o povo ficar dizendo, é xangô, é xangô. Desde que não é xangô, é uma diversão. Se você ir fazer uma pesquisa, antigamente no tempo de nosso senhor, as danças de nosso senhor era dança de roda, é bem parecida com a dança que a gente dança. Só que as pessoa não sabe dizer é dança de nosso senhor, mas sim, é a dança de Xangô, é dança do macumbeiro, né? Então que se a gente coloca agora de pequeno, conversando com as criança, então que elas vão entender que a dança de roda é uma diversão, é uma parte, uma fisioterapia que a gente faz na mente, no corpo, tá dançando e a gente tá se sacudindo, então quer dizer que o corpo da gente tá se ajudando, né? Quando a gente enche um caçoar que ele não quer encher certo, a gente sacode, né? Bem assim é gente, quando a gente tá pulando, sacudindo então vai saindo todo o ódio, toda raiva, todas as angústias que tiver no corpo da gente, né? E assim a gente vai e é importante a passar para os jovens, é importante a gente conversar com o adolescente sobre isso. Até que um dia desse eu estava em Aracaju falando sobre, assim, mulher e homem que se como é que vai se fazer, porque as mulher tem os direito e depois a mulher tem, não sei o que mais. É assim, a gente pra brigar pelos direito das mulher também tem que conversar com os homens. Não adianta a gente fazer uma, aí porque eu vou fazer uma lei, que as mulher vai ter que pisar no pé do homem e vão ficar calado. Sim. Agora você tem que conversar com o homem com é que vai fazer, porque nenhum homem aceita ter uma mulher e dizia assim "oh eu vou levar ela pra tal lugar vai dizer você não vai!? Ele fica curioso e ali fica até nervoso então o que que acontece, tem que começar a conversar com ele de pequeno. Olhe você e a menina não tem diferença nenhuma. Por que você tudo são igual, né? O direito que um tem outro tem. A ordem que um dá o outro obedeça. Se vocês são tudo igual, que é pra de pequeno eles crescendo com isso. E igual a dança de roda. A gente vê assim, essa dança de roda é do meu pai, do meu avô, era o que nós tinha antigamente, essa dança de roda não é pra acabar porque as futuras geração que chegando vai ficando como herança. Não só pra aqui pro Sítio Alto, como pra todo município, todo mundo, quem quiser aprender, porque a dança de roda, as dança não é coisa de se tirar. A dança só pro Sítio Alto não! Pra salobra, Muniz, Apertado de pedra, o Pinhão todo mundo queria aprender pode dançar. E se sinta feliz porque a dança de roda, se você começar a dançar você começa a suar e o colesterol começa a se bulir no seu corpo ele sai ou sai, né? O coração se ajeita antigamente, hoje a gente vê que tudo que se faz é no comprimido, né? Ah tá com a pressão alta, chega minha pressão, porque eu não sei que deu a pressão do povo. Mas, naquele tempo a pressão da gente se consertava com chá. Vamos fazer um chá, vamos tomar um suco de graviola, vamos tomar um suco não sei de que, tomar um suco daquilo. E a pressão e eu então um banho de fumador uma coisa e a pressão ia se consertar. Vamos dançar uma roda pra acabar o nervoso pra fortalecer os nervo. E é assim que a gente se curava. Por isso que a importância de passar pra os jovens tudo que a gente sabe das dança. Das dança de tudo. Porque não é só as dança que a gente precisa saber, a gente precisa saber das dança, das erva, das ave, do chá, o porquê, porque nós estamos hoje aqui vivo, da onde foi que veio isso? Quem é nossa raiz? Da onde foi que nós viemos?

(Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021).

Como isso acontece? Dona Josefa nos fala sobre a importância de seus jovens saberem desde cedo o valor de cada conhecimento. “Essa herança ancestral e dos ancestrais ressoa nas expressões da arte negra [...]” (MARTINS, 2021, p. 44). No Quilombo há diversas formas de transmissão dos saberes que são passados no dia a dia. A matriarca afirma que é importante saber não apenas sobre a dança, mas também das ervas, das aves, dos chás, além do porquê de estarmos vivos, nossas histórias e quem são nossos ancestrais. “São esses saberes que rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposto pelo racismo. Eles afirmam a presença da ancestralidade negra e africana inscrita nos corpos negros como motivo de orgulho, como empoderamento ancestral. [...]” (GOMES, 2017, p. 80). Citei primeiro o final visto que, na maior parte da conversa, a matriarca faz referência a uma prática que leva o Sítio Alto a sair do seu território e ir além. A dança de roda é a expressão do corpo negro que se liberta e resiste ao cativo da repressão e preconceito.

3.2.1 O transformar da dança

Foto 16: Dança de Roda



Fonte: Acesso pessoal.

Lembro-me de que, no dia desse registro, participei pela primeira vez de uma dança de roda no Quilombo Sítio Alto. O medo me invadia pela responsabilidade de

estar ali compartilhando com eles aquele momento que, para mim, era inexplicável. A energia, a troca e a movimentação do corpo, que não liga para o olhar do outro, apenas está vivendo aquele momento, eram sem igual.

Essa energia cósmica esculpe um saber que se expressa na fala, na dança, no vestuário e em objetos sagrados, como bastões, caixas, tambores e adornos, cumprindo uma função ritual que não cinde as linguagens das cores, dos sons e dos gestos, mas sim, sinestesticamente na elaboração de uma fala plural que reveste o tempo presente com os adereços simbólicos ancestrais, carregando “dentro de si uma tradição de ancestralidade, que a cria e a diviniza”. (MARTINS, 2021, p. 44)

O ciclo da energia é composto de todos os adornos instrumentais como os vestuários, tambores, caixas e tudo o que deixa o espetáculo artístico mais bonito, expressivo e simbólico para os nossos. Desde o cativo da escravização o negro utilizava “[...] da dança, das cantigas, das anedotas, dos contos lendários e míticos. [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. 118) para se libertar, nem que seja por instantes, da condição de escravos. Hoje, no quilombo Sítio Alto, na contemplação do corpo negro em movimento, temos a dança de roda que é o corpo negro emancipado que quebra as correntes da regulação e “[...] supera o pensamento racista que o toma por erótico, exótico e violento. [...]” (GOMES, 2017, p.94). As várias falas de Dona Josefa reafirmam a importância de ensinar valores da comunidade aos mais novos, seja a igualdade entre os gêneros, seja a dança de roda.

Essas falas representam a saída das amarras reguladoras para desde cedo ensinar aos seus a serem corpos emancipados que produzem saberes. A matriarca, ao dizer que “*essa dança de roda é do meu pai, do meu avô, era o que nós tinha antigamente, essa dança de roda não é pra acabar porque as futuras geração que chegando vai ficando como herança.*”, nos revela o poder dos saberes ancestrais, passados de geração para geração. Não sabemos quando começamos a praticar, mas sabemos que é dos nossos e está há anos na família.

Nessa fala também percebemos o quanto a dança de roda é resistência, potência e insurgência do povo preto. “[...] Não é à toa que a dança para o negro é um momento de libertação [...]” (NASCIMENTO, 2018, p. 333). Dançar é o momento de esquecer os problemas, as aflições, a fome e as doenças; é o momento da cura. Os nossos antepassados que foram escravizados faziam da dança o momento de

libertação. Hoje vivenciamos outras formas de cativeiros como as amarras da colonialidade que nos cercam, no entanto, o corpo negro continua se libertando.

Como nos diz Beatriz Nascimento (2018, p. 333), “[...] o homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto, que ele não é mais um cativo. [...]” No Quilombo Sítio Alto é celebrado toda a emancipação do corpo. Na fala de Dona Josefa, a confirmação desse corpo potente que vai criando rachaduras na colonialidade é visível. A dança é cura. Ao dançar, as pessoas esquecem as dores que as ferem e machucam, todas as coisas ruins vão saindo. Ao entrevistar Dona Josefa, Bruno, Eugênia, Helena e Alex, percebe-se que eles tecem narrativas de transformação pela dança de roda. Dona Finha (Josefa), nossa matriarca, rememora suas heranças ancestrais:

As danças de roda, a gente põe vida. Todo evento que se tinha no povoado Sítio Alto, nós tinha que ter a dança de roda, quando nós dizia dança de roda, a dança de roda podia ser, porque a gente começava a dançar: *“papai mandou pra nós trabalha no capim de branco plantando... e nós namora nós vadeia até o sol raiar”*. Isso aí era um tipo, que nos fazia a abertura da dança de roda mas, nós começava todo mundo cantando: *“mamãe mandou fazer mariquinha um vestido para eu vestir e o vestido que mamãe fez mariquinha é sim é sim é sim, a roda é deste tamanho é o babado por lá assim.”* Aí a pessoa vai perguntar: “Finha, quem foi que lhe ensinou essas músicas, essa dança de roda?” Se me perguntar quem me ensinou não vou dizer, porque essa dança de roda já aprendi com o meu pai, meu pai já disse que aprendeu com minha vó, minha vó disse que já aprendeu com os pais dela. Então, é uma coisa que eles dizem que veio passando de lá começo do século que ninguém sabe de quando, de pai para filho desde o tempo da escravidão. Eles diziam que essa dança de roda, segundo as histórias que eles diziam, que era para animar aquelas pessoas que era surrado, preso nas senzalas, judiado, quando saía, vamos fazer a festa da alegria deles por eles foi solto aí tinha aquela festa, então que alevantava o alto-astrol deles. Então, que a dança de roda aqui pra nós vem sendo um remédio, um fortificante, quem garante a permanência e a alegria do jovem. Também a dança de roda para ser sincero ela traz um bocado de coisa boa pra aqui pro Alto. Fale quem quiser, mas, que ela trouxe, ela trouxe muita coisa boa! Ajudou a reconhecer o quilombo, quando o homem disse que a dança de roda que a gente conhece, a dança, todo mundo estranhou, a dança de roda só tem em quilombola preservada. Essa dança até hoje e nós dançava a dança de roda, samba de coco, nós tem só uma dança de roda não, a gente tem mais de dez, mais de vinte rito de dança de roda aqui dentro, porque a gente dança. Os jovens, sempre, só porque, é jovem sempre estar presente, agora, o problema do jovem é quando casa, quando casa ninguém vai mais para dança de roda, quando casa ninguém valoriza mais, né? A dança de roda, os maridos começa aquele ciúme. É porque o marido não deixa, é porque eu não posso, é porque sei o que, a vai deixando tudo. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021).

Eugênia narra sobre a potência de libertar-se:

Eugênia: Então, na dança de roda eu comecei ainda criança, não me lembro bem com que idade. Vó sempre fazia festa na casa dela, tudo muito animado. A dança de roda é contagiante. Além de nos permitir espantar todas as mazelas, sempre me proporciona sair para conhecer outras cidades, lugares, pessoas, nos apresentaram ao mundo diferente da nossa realidade. E o que era essas mazelas? A rejeição por ser negra, ser pobre, ser vítimas de discriminação. Quando se é criança e não tem ao seu redor pessoas que te ensine sobre autovalorização, de como seu cabelo é lindo, sua cor é maravilhosa, coisa desse tipo, a gente acaba meio que perdendo a fé em dias melhores. É através da música, da dança, é possível se libertar de todas as injustiças, aliviar as dores mais profundas que são as da alma. (Eugênia Santos, 24 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021).

Helena narra suas experiências:

Queria falar um pouquinho da dança de roda. Assim, quando eu nasci já existia dança de roda, que eu via sempre meus pais cantando, né? Em casa tudo que a gente fazia era cantando. Se ia lavar uma roupa, era cantando. Plantar uma roça, era cantando. Tudo tinha um tipo de música. Se a pessoa tava com fome, faltava farinha, tinha a música da farinha, se fosse bater o feijão, era batendo e tinha música dele também. Mas, foi uma das coisas que, eu viva muito doente, eu tive depressão, que eu sofri muito depois que eu casei, vivia muito presa, as vezes tinha coisas que eu participava, deixei de participar porque tudo ali o marido, tudo que eu fazia, queria, ele dizia que não. Era uma dificuldade, passava uma pessoa dava bom dia, ali já era motivo, eu fiquei muito presa ali naquilo, a adocece. Aí fui convidada... Madrinha convidou para participar, lembrar aquelas música antiga que pai cantava, até que a gente acabou, eu fui cantar mais ela. A gente se apresentando em muitos lugares, eu acabei encostando o remédio que eu tomava, remédio de depressão, e eu terminei. A alegria que eu participava das danças de roda, acabei deixando o medicamento de lado e melhorei. E, até hoje, só dança, aprendi a cantar com ela, aprendi muito mais com ela. Já tô passando para meus filhos também. Helena Santos, 50 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2021).

Bruno nos conta:

Na dança de roda eu sou do grupo de tocadores, no qual o meu instrumento de ofício é a famosa “caixa”, popularmente conhecida. No entanto, quando necessário eu toco os outros instrumentos que fazem parte da banda. Participar da Dança de Roda é como se estivesse revivendo o passado, voltando nas raízes de nosso povo guerreiro, como também, um espírito de felicidade e orgulho, é poder fazer parte do grupo responsável em levar nossa identidade para toda a cidade como para as demais regiões. E, principalmente, fico mais orgulhoso ainda por saber que estou fazendo parte da transição, garantindo que nossa identidade e história seja repassada para a minha e, conseqüentemente, as futuras gerações. E, assim, eu como os demais

integrantes do grupo Dança de Roda, carregamos essa responsabilidade de garantir que nossa história fique cada dia mais presente no cotidiano de nossos irmãos, para que sempre, não importa qual seja a geração, todos saibamos de onde são nossas origens. (Bruno Batista, 23 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021).

Alex também nos fala sobre suas experiências:

Eu entrei no Grupo de Roda depois de um convite de Dona Josefa. Eu já tinha curiosidade de como era fazer parte do grupo, então aceitei o convite. Fazer... Participar do Grupo de Roda, trouxe mudanças na minha vida enquanto pessoa e morador da comunidade. Passei a interagir melhor com as pessoas, pois antes da roda eu era uma pessoa, muito "fechado", com poucos amigos. A Roda tem grande importância para a comunidade, não somente como instrumento de resgate cultural e identidade, mas também como forma de terapia para os moradores. (Alex Santos, 32 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021).

Maria também nos conta:

A dança pra mim serve como um remédio para vários problemas, sejam eles físicos e também mental, é uma forma de divertimento. Era uma forma fundamental para a sustentabilidade e um pouco de alegria aos moradores pois aqui era uma comunidade discriminada, como também era o modo de agradecimento às boas colheitas da roça. (Maria Santos, 42 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021).

Depois de ouvir essas narrativas e de participar de uma dança de roda com a comunidade, sentindo toda energia e toda libertação proporcionada, eu saí outra Rafaela. Esses relatos são de pessoas de gerações diferentes, cada um em seu tempo vai sentir a dança e vai ter a mesma sensação de cura, responsabilidade e resistência, além da potência que essa arte possui, enquanto modo outro de educação. Está na tradição de um povo, no corpo e na alma de uma gente que busca maneiras de romper com os moldes impostos, criar fissuras e ressignificar seus saberes fortificados nas práticas em comunidade. Estamos falando de corpo que é “[...] social e individual” e que “expressa metaforicamente os princípios estruturais da vida coletiva [...]” (AMADOR DEUS, 2020, p.47). A escritora Zélia Amador Deus (2020), em diálogo com Paul Gilroy, ainda nos diz que:

A política da diáspora negra sempre envolveu a dança, a performance e a apresentação do corpo como ferramenta de expressão. Isso aconteceu porque os negros foram deixados de fora da esfera fundada na palavra. Por esse motivo, romperam a barreira como discurso do corpo. Foram capazes de, com o corpo, criar uma nova dimensão significativa que funde ética e estética, representada na performance ritual. (AMADOR DEUS, 2020, p. 49).

O corpo negro rompe com a colonialidade em suas três esferas – a do poder, a do ser e a do saber – e cria maneiras outras de (re)existência. As práticas em comunidade são brechas sobre as dimensões do poder, dos corpos que estão se emancipando e comandando seu destino. Dona Josefa reafirma, em sua fala, a ancestralidade que esse saber tem. A dança vem de muito antes. Helena também diz que a dança é herança de família. Ainda na fala da matriarca, percebemos a exaltação da dança como “fortificante, que garante a permanência e a alegria do jovem”.

Com o conhecimento da experiência, Dona Josefa sabe o poder que a dança tem na comunidade e a importância da garantia de que os jovens participem das tradições. Um dos maiores desafios percebidos por ela é quanto ao abandono dessas práticas por parte dos jovens quando se casam, principalmente das mulheres. Em uma sociedade patriarcal e machista, essa fala carrega um forte significado por evidenciar a situação de milhares de mulheres, sobretudo, negras, que vivem em um cativeiro criado por relacionamentos tóxicos, que tiram sua liberdade e emancipação.

Helena, ao nos falar da dança como seu momento de libertação, confessa a prisão que era seu casamento, deixando-a doente e dependente de remédios. O que vai curar suas feridas e doenças de um casamento devastador? A dança.

Para Maria, a dança também serve como um remédio, é um momento de cura, que alimenta o corpo e a alma. Na hora da dança os problemas da vida são esquecidos, as dores, os males e todos preconceitos sofridos. Maria, ao nos relatar suas experiências, deixa explícito como a dança está presente no dia a dia da comunidade, ao falar da sustentabilidade e alegria que a dança traz aos moradores do Sítio Alto seja para o fortalecimento em dias difíceis ou nas comemorações de uma próspera colheita.

Eugênia, Bruno e Alex vão focar em como a dança é contagiante e possibilita a ida além do chão do Quilombo, levando a cultura e identidade do seu povo. Do mesmo modo, essa prática é terapia para a comunidade. Eles três são jovens de gerações diferentes, que valorizam e participam dessa expressão de conhecimento ancestral e de preservação da cultura negra no Brasil. Bruno e Alex afirmam que a

dança de roda é um resgate da cultura e identidade. Ver jovens falando assim dos seus ancestrais, mesmo com as contradições que a colonialidade estabelece, é a contemplação da educação outra, educação quilombola, educação negra.

Eugênia também descreve uma coisa que acontece com muitas meninas negras no Brasil. No início da escrita deste texto, eu me desnudo e falo das minhas dores, minhas marcas coloniais na questão do padrão e estética. Para nós, meninas pretas, a aparência, principalmente o cabelo, é algo muito importante, visto que toca diretamente em nossa autoestima. O sentir-se pertencente, o ser negro no Brasil, é um constante tornar-se. Quando Eugênia fala assim: “a rejeição por ser negra, ser pobre, ser vítimas de discriminação, quando se é criança e não tem ao seu redor pessoas que te ensine sobre autovalorização, de como seu cabelo é lindo, sua cor é maravilhosa”, ela descreve uma situação sentida por milhares de meninas pretas no Brasil.

Eugênia, eu sei exatamente do que você está falando, compartilhamos da mesma dororidade. “[...] Devem-se levar em conta os efeitos da rejeição, da vergonha e da perda de identidade às quais nossas crianças são submetidas, especialmente as meninas pretas [...]” (GONZALEZ, 2019, p. 160). Junto a Gonzalez (2019), a escritora negra Nilma Lino Gomes, em seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” com sensibilidade para a questão identitária, nos diz que: “No Brasil, a construção da (s) identidades (s) negra (s) passa por processos complexos e tensos.” (GOMES, 2020, p. 29)

Entramos em uma zona identitária conflituosa. O Brasil é palco de um padrão de beleza corporal que emerge dos moldes estabelecidos pelo branco europeu. Para Lino (2020), seria o considerado padrão ideal e real: “[...] ideal é branco, mas o real é negro e mestiço [...] (p.29).” Por causa das tensões criadas pelos padrões estéticos que a sociedade alimenta diariamente, dá-se o sentimento aflição na fala de Eugenia e, na contramão, a necessidade de reafirmar como seus traços negroides são bonitos.

Mesmo sendo criada dentro do Quilombo, onde sempre arranjou maneiras outras para ressignificar seus saberes ancestrais, percebemos ainda as tensões que o processo identitário causa em Eugênia, um reflexo do que pode ser um problema de outras meninas do Quilombo. “[...] Qualquer processo identitário é conflitivo na medida em que ele serve para me afirmar como um ‘eu’ diante de um ‘outro’ [...]. A forma como esse ‘eu’ se constrói está intimamente relacionada com a maneira como é visto e nomeado pelo ‘outro’.” (LINO, 2020, p.28).

O racismo estruturante da nossa sociedade é uma das causas das tensões e zonas conflituosas que fazem a descaracterização da identidade negra das nossas meninas pretas. Assim, falamos de uma necessidade maior: as políticas públicas de reparações históricas para/com as pretas em prol da valorização e reafirmação de suas identidades e belezas. É preciso que o Estado, junto às próprias negras, crie maneiras para que, desde cedo, essas meninas aprendam que seus traços negroides como sua cor, seu cabelo, seus olhos, boca e nariz são lindos e cresçam com a certeza disso.

3.2.2 O poder da palavra: as cantigas

Não há dança sem cantiga! No ritual da dança, temos as cantigas. O corpo documento, ao se mover na dança, manifesta um saber outro e é palco da palavra proferida e da viva tradição oral. Martins (2021) argumenta:

Nesse contexto e movimento, o narrar, cantado e dançado, é sempre um ato de constituição e construção simbólicas de uma identidade coletiva, na medida em que reagrupa os sujeitos e os investe de um *ethos* agenciador. O texto oralitizado atualiza, assim, em todas as suas versões, o fundamento maior do rito ali realizado, a Fotoção do negro como agentes no enredo que o tem por objeto, numa grafologia articulada pela performance da transmissão oral e pelo arranjo semiótico e semântico das veias de conhecimento e de saber ali tecido. (MARTINS, 2021, p. 59)

O corpo está livre, a palavra é livre. O negro, neste ato, não é mais o outro (o objeto), mas sim o sujeito da ação, aquele que pensa, age e faz. A palavra vira rima na liberdade coletiva que se construiu e se constrói com lutas tecidas desde que o corpo do negro era regulado no cativeiro até quando tentam regular ainda hoje na sociedade das colonialidades, que institui padrões estéticos, desigualdades sociais e o racismo estruturante. Portanto, a dança e a música desde sempre foram para o negro a contemplação do corpo emancipado que tem na tradição viva a palavra como poder, posto que é através dela que o conhecimento é passado dos mais velhos para os mais novos.

As músicas daqui é em cima das nossas histórias, né? Nas nossas lutas, nossos dia a dia, digamos assim. Música da dança de roda fala também, assim, sobre a parte da emoção dos jovens. Aquela ansiedade que eles têm de casar, né? De arrumar os namorados, também fala dos marido que trai a esposa, né? Também fala de acordos, as lutas e o sofrimento. As coisas que vai passando e a gente

vai fazendo cantos e vai dizendo os versos. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em outubro 2021).

As cantigas são momentos de descontração, Maria nos diz: “[...] tudo que eu faço é cantando, para mim a cantiga fortalece porque, se eu tô cantando eu faço as coisas que nem percebo [...]” (Maria Santos, 42 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021). Mas também retrata os sofrimentos e as lutas– tudo que acontece no dia a dia em comunidade. Nesse momento, em que o corpo está em movimento, acontece o desabafo das mazelas da vida sofrida, das dores causados pela pobreza e denúncias, principalmente envolvendo questões de gênero. Nas cantigas aparece sempre articulação e imagens sonoras do Ô, ou do ÔÔ, essas são:

“[...] modulação e seu timbre traduzem um variado prisma de significados, condensado, em seus torneios melódicos, os múltiplos tons nos percursos do negro: o lamento, a celebração, o encantamento a alegria, a dor, a saudade, a luta, a resistência e a reminiscência [...]” (MARTINS, 2021, p.84).

Nas cantigas cantadas por Dona Josefa podemos perceber as figuras sonoras que representam o sentimento de luta, lamentação e resistência que ocorrem no Quilombo. A presença das figuras sonoras nas cantigas nos mostra a ancestralidade viva no Sítio Alto, visto que carrega a mesma simbologia das cantigas dos nossos ancestrais de África

A narrativa escolhida para falarmos sobre as cantigas vai expressar o que mais é relatado nas rimas. Como estamos falando do dia a dia em comunidade, vamos ouvir o reflexo da vida na sociedade patriarcal brasileira. Relatos e cantigas de Dona Josefa sobre o machismo:

É porque muitas vezes os homens daqui era um machista! O que ele dizia a mulher tinha que fazer. E ele ia sair para roça dizia: “Ô mulher eu vou para a roça, quando eu voltar eu quero comida, faça uma comida”, desde que ele não tinha deixado nada dentro de casa. A mulher ia ter que arrumar o milho para torrar, e também pisar fubá que não era fácil, aí ela, para não ficar nervosa, não se estressar, ela começava a cantar: *Ou tu pila pilão, tu que faz que não zoa, ou tu pila pilão, tu que faz e não zoa, e no caminho do Sítio Alto ninguém pode mais passar, com a zuada do Pilão e a catinga de fubá. Pila pilão tu que faz que não zoa, tu que faz e não zoa!* Então que a gente, que ela dizia isso e era para o tempo passar. *E a pipoca tá torrando, e o menino tá chorando e o marido vai chegar, com o diabo reclamando, tu pila pilão, tu que faz que não zoa.*

E aí ela ia dizendo os versos: *e quem quiser comer farinha vai caçar na onde comprar, que no alto aqui não tem, a gente tá pisando fubá,*

tu pila pilão, tu que faz que não zoa. Então que isso aí, a mulher cantava para não se estressar, para não ter raiva, para não se lembrar do ódio que o marido ia chegar.

É como também ele tinha uma cantiga que ele dizia com a mulher assim: *ô mulher vamo pro roçado trabalhar. Ô mulher vamo pro roçado trabalhar! mulher não pode com foice, nem com machado. Mulher só pode colar da cozinha; ô mulher vamos trabalhar, ô mulher vamos trabalhar*”.

Aí então também é uma música que ele cantava discriminam a mulher. Mas, desde que na verdade a mulher se olhar direito trabalha mais do que o homem, porque a mulher é no toma conta da cozinha, da casa, dos filhos, vai para roça ajudar o homem plantar, ela que se lembra de economizar o dinheiro do leite. Às vezes de tudo que precisa de casa, a mulher a cabeceira da casa, né? O homem vai trabalhar chega, se senta ou se deita e pronto. E a mulher vai tocar a jornada dela até à noite, isso se as crianças não tiver problema de doença, porque se a criança tiver doente, aí ela ainda vai passar a noite toda cuidando da criança no colo, né? Então que ela tem uma jornada dupla. Então é por isso que eu digo que a gente tinha que cantar, porque se a gente não cantar a gente se estressa. Cantar e a dança de roda sempre foi para nós um remédio. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em outubro de 2021).

“Os homens daqui era um machista!” Dona Josefa, aos seus 63 anos, quase sem escolaridade, nunca leu nenhuma teoria feminista, nem sabe o que quer dizer ser feminista, no entanto, sente na pele as feridas da doença social chamada machismo. Ela reconhece em sua comunidade o machismo que assola as mulheres do Sítio Alto. Léila Gonzales (2020) escreve sobre isso:

Quando nos reportamos às *amefricanas* da chamada América Latina, e do Brasil em particular, nossa percepção descobre uma grande resistência ao feminismo. É como se ele fosse algo muito estranho a elas. Herdeiras de uma *outra cultura ancestral*, cuja dinâmica histórica revela a *diferença* pelo *véis* das desigualdades raciais, elas de certa forma, sabem mais de *mulheridade* do que de *feminidade*, de *mulherismo* do que *feminismo*. Sem contar que sabem mais de *solidariedade* do que de *competição*, de *coletivismo* do que *individualismo*. Nesse contexto, há muito o que aprender (e refletir) com essas mulheres negras que, do abismo do seu anônimo, tem dado provas eloquentes de sabedoria. (GONZALEZ, 2020, p. 268).

Léila Gonzalez, em suas palavras, nos mostra exatamente o que é colocado por nós: não precisa ser estudiosa das teorias do feminismo negro, machismo, sexismo ou racismo, para resistir à repressão a qual nós mulheres pretas precisamos combater também. Nessa tripla luta, a estranheza ao movimento e às teorias feminista e feminismo negro, por exemplo, por uma amefricana como Dona Josefa, não quer dizer que ela não desenvolva lutas em combate à opressão e ao desrespeito com as

mulheres negras na sociedade brasileira. Pelo contrário, intensifica a responsabilidade dessa mulher, como tantas outras, que desenvolvem maneiras outras, se organizam, lutam, resistem e insurgem. Amefricanas como Dona Josefa sabem “[...] que carregamos as marcas de exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo trazemos conosco a marca da libertação de todos e de todas.” (GONZALEZ, 2020, p. 270).

Além das questões socioeconômicas, políticas e raciais, lutamos a favor da vida. Não podemos esquecer que o Brasil é um dos países com maior número de feminicídio do mundo. Beatriz Nascimento, aquela irmã que me acompanha na escrita deste texto, foi morta por um homem que interrompeu brutalmente a vida de duas mulheres, a da pesquisadora e de sua amiga. Ainda que haja leis como a Maria da Penha⁴⁶, que protegem as mulheres das ações violentas de homens, parceiros e cônjuges continuam nos matando diariamente.

Para as mulheres quilombolas do Sítio Alto, cantar e dançar é a libertação do cativeiro. Nesse momento, elas relatam coisas cotidianas que possuem um peso de denúncia muito forte. Durante a diversão, as ações machistas são denunciadas, ainda que, ao término da dança, elas voltem às suas casas e, muitas vezes, às violências machistas. No lazer, são sujeitas ativas e libertam milhões de mulheres que vivem situações de opressão.

3.2.3 Expressão do corpo em defesa da vida: A capoeira

⁴⁶ A Lei Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal (art. 226, § 8º) e os tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro (Convenção de Belém do Pará, Pacto de San José da Costa Rica, Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher). Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 29 de agosto de 2022.

Foto 17: Apresentação do grupo Aruandê



Fonte: Disponibilizado por Leandro

A capoeira é um símbolo de resistência do povo negro no Brasil. Essa expressão corporal de luta e dança, que os negros praticam desde o cativeiro, nasce no território brasileiro como uma junção da identidade cultural negra de África e alguns segmentos da cultura indígena. A origem da capoeira é discutida por diversos autores, porém nesse texto as palavras de Leonardo Santos Souza, Leo, nosso companheiro de diálogo e capoeirista, serão replicadas:

A capoeira não nasceu pronta, ela vem da batalha, da fuga do escravo, quando o escravo fugia e o feitor ia lá capturar no mato e ele vencia o cara lá no mato com o próprio corpo. A capoeira nasce aí. Os escravos começam a ver a importância de usar seu corpo como arma, aí daí os escravos começam em vários lugares ter essa manifestação de luta. Os escravocratas percebem isso e começam a proibir qualquer tipo de luta nas senzalas, aí entra os instrumentos e a dança, pois ali estava dentro. Era música e gingado, aí que nasce a capoeira. A capoeira não nasceu pronta, a capoeira nasceu no Brasil. (Leonardo, 32 anos. Entrevista concedida em março de 2022)

De resistência, a capoeira é considerada uma arte marcial. O corpo no ato de defesa se movimenta no ritmo da dança embalada com as letras de músicas que servem de camuflagem, junto à dança, para os senhores não perceberem que os negros escravizados estavam praticando uma luta. “A dança, o ritmo e a música da capoeira compõem um evento criativo de herança africana de alta significação

artística” (ABDIAS, 2019, p. 156). Como na dança de roda, as cantigas na capoeira também retratam o dia a dia do negro no Brasil, principalmente o sofrimento do cativo e as resistências. O professor Leo nos conta:

A Capoeira sempre foi a melhor e mais preciosa arma a ser usada pelos escravos e seus descendentes, como forma de resistência contra qualquer sistema opressor ou aprisionador. A Capoeira fez e faz pelo Brasil, o que jamais o país conseguirá retribuir à altura. Ela educa, ela informa, ela disciplina e forma todos os que nela permanece. Assim é a Capoeira.

Não dá pra explicar muito sobre ela, porque você tem que ser, pra sentir, entende?! Têm coisas que só quem é sabe, porque é sentimento. Não dá pra descrevê-la ao exato com palavras. A Capoeira traz consigo pessoas de grande experiência de vida e que conhece sempre as mais valiosas orientações a ser dadas a uma pessoa. Desde o incentivo aos estudos, a respeitar e aceitar o próximo como ele é, respeitar e ouvir os mais velhos, aprender a conviver com as diferenças, cuidar dos mais frágeis, lutar pelo que sonha, saber que você sempre pode ser o que almeja. Conviver em igualdade... Além de abrir um leque de oportunidades de qualidade de vida, social, financeira e até a saúde física e mental. (Leonardo, 32 anos. Entrevista concedida em março de 2022).

Capoeira é resistência. Nas palavras do professor Leo, como é popularmente conhecido por todos, a capoeira ganha forma, é vida insurgente. Sendo um saber ancestral, quem pratica a capoeira se educa e tem uma formação construída com o conhecimento dos nossos. Ao expressar o sentimento que essa arte provoca, ele nos fala que: “Não dá pra explicar muito sobre ela, porque você tem que ser, pra sentir, entende?!” Entendo sim, Leo. Quando se trata de saberes ancestrais passados pela oralidade, contemplamos as experiências vividas, aquelas que palavras escritas não são suficientes para atingir a potência do sentir na pele e a alegria do compartilhar.

O corpo que resiste ao dançar/lutar desenvolve maneiras outras de liberdade. A capoeira é herança do nosso povo que lutou pela liberdade do cativo de escravização dos corpos negros. Essa forma de insurgência transpassa as colonialidades, porque o mesmo corpo objetificado pelo branco europeu, cria fissuras nas correntes coloniais e tece sua liberdade. A capoeira, assim como a dança de roda, é um remédio que ajuda a curar as feridas da colonialidade. Além disso, nas palavras de Leo, proporciona: “Qualidade de vida, social, financeira e até a saúde física e mental.” Para a capoeira acontecer, os instrumentos são essenciais.

A função dos instrumentos é ditar o ritmo e a intenção do jogo da Capoeira. No início foi usado primeiro o atabaque na roda de Capoeira.

Em seguida, com a chegada do berimbau em terras brasileiras, o mesmo logo foi acrescentado nas rodas e conseqüentemente os pandeiros e às vezes agogô e reco-reco. Vai de acordo com o gosto de cada um formar a bateria do seu grupo de Capoeira. Porém, o instrumento principal da Capoeira... O que não pode faltar é o berimbau. (Leonardo, 32 anos. Entrevista concedida em março de 2022).

Os instrumentos são peças importantes não só na capoeira, como em todas as danças, músicas e ritmos africanos. No Brasil eles incorporaram na cultura de tal maneira que “[...]são utilizados nos rituais religiosos, na música popular e alguns vezes na chamada música erudita. Entre esses instrumentos estão o ganzá, o adjá, o agogô, o urucungo, todos de percussão.” (NASCIMENTO, 2019, p. 156).

Foto 18: Apresentação do grupo Aruandê no memorial do Sítio Alto



Fonte: Disponibilizado por Leo.

3.2.4. Um dia no Quilombo: Desfile cultural 7 de setembro

Quilombo para Maria Beatriz Nascimento é a “[...] busca de autonomia, autonomia cultural, autonomia de vida [...]” (NASCIMENTO, 2019, p.127), acreditar nesse conceito nos faz quebrar com a lógica do Quilombo preso apenas a

escravização do século passado. O Quilombo é um lugar de autoafirmação, lugar de independência dos negros e organização social (NASCIMENTO, 2019). Por anos a historiografia brasileira tirou de nós, negros, nosso protagonismo história, principalmente na descrição de fatos considerados importantes.

Quando eu recebi o convite para participar do desfile cultural do Quilombo Sítio Alto, no dia 07 de setembro, foi a confirmação do que nos diz Beatriz Nascimento sobre a autonomia que é o Quilombo. A quebra da dominação branca e a reescrita da história foram contempladas. Fazer do dia que marca a independência do Brasil um desfile cultural mostra a força ancestral que carrega o Quilombo Sítio Alto, mostra o protagonismo negro, unidade social e independente que se construíram o Quilombo.

Foto 19: Meu dia no quilombo



Fonte: Acervo pessoal

Para mim, esse dia começou cedo. Logo depois do café da manhã fui para o Quilombo. Mesmo o evento começando à tarde, eu quis conhecer mais o Sítio Alto. Na foto acima, estão destacados alguns momentos desse dia memorável, no qual aprendi, com o Sítio Alto, o ser pesquisadora e me encontrei na pesquisa. Nessa visita, contei com o apoio de todos, principalmente de Bruno e Paulo, que me apresentaram

o Quilombo; de Dona Josefa, que me recebeu em sua casa; de Maria, que ajudou a mãe no Almoço; e de Eugênia, que ficou comigo no desfile. Assim, conversei antes com Bruno sobre a possibilidade de ir mais cedo. Ele apoiou a ideia e logo se ofereceu para me guiar nesse encontro entre a pesquisadora e o chão do Quilombo.

Encontrei Bruno no memorial local, onde as apresentações depois do desfile iriam acontecer. Neste lugar, guardião de memórias, as práticas dos saberes são celebradas. Ali podemos conhecer um pouco dessas práticas desenvolvidas através de banners que ficam nas paredes e que contam a história, fotos de eventos e alguns instrumentos utilizados pelos nossos ancestrais. Tudo isso guardado e preservado nesse local.

Foto 20: Memorial do Sítio Alto



Fonte: Acervo pessoal.

Não posso, em palavras, expressar minha experiência vivida nesse lugar. As fotos me ajudaram a trazer algumas lembranças do que foi esse dia para mim e mostram um pouquinho do Quilombo para vocês. Pela manhã, visitei alguns lugares do Quilombo como o local onde ficava o coração de nego, a árvore mais antiga do Quilombo que, por consequência de uma forte chuva, veio a cair. Porém, no mesmo

local suas raízes e galhos caídos fizeram outra muda nascer. A sombra do coração de nego é atrativa para o descanso das pessoas que vêm da roça, como também é ponto de encontro para conversas e diversões. Também visitei o grotão, lugar onde foi construído uma pequena represa para armazenar água para alguns animais. Ao longo do passeio pelo Sítio Alto, fui descobrindo belezas e riquezas daquela terra e interagi com os moradores, que foram bem receptivos e me ofereceram água e descanso da caminhada.

Passei a manhã toda nessa caminhada pelo Quilombo. À tarde aconteceu o desfile, que teve concentração na casa de Dona Josefa. Muitas pessoas começaram a chegar e se reunir. Comecei a perceber a dinâmica do desfile. O evento contou com a parceria entre escola e Quilombo. Duas professoras participaram. Logo identifiquei a capoeira, a dança de roda, o reisado e as mordamas. Além dessas práticas culturais, também havia representantes das religiões que estão no chão do Quilombo como a umbanda, protestantismo e catolicismo. O desfile percorreu alguns lugares do Quilombo até chegar ao centro cultural, o memorial.

Para puxar o desfile, teve um cartaz levado pelas netas de Dona Josefa em que estava escrito o hino do Sítio Alto. De maneira forte e afirmativa, em todo o percurso, foi entoado por todos: *Sítio Alto segure a bandeira, não fique triste nunca pare de lutar!*

Foto 21: Cartaz do desfile cultural



Fonte: acervo pessoal

Foto 22: Desfile Cultural

Fonte: Acervo pessoal.

O Hino é um chamado respondido por todos! A alegria das pessoas por estarem ali; os adultos, crianças, jovens e os mais velhos, toda a comunidade celebrando seus saberes. Mesmo que não seja de forma proposital, o Quilombo Sítio Alto reescreve sua história e a do Brasil. Um desfile cultural em 7 de setembro, dia marcado pelas colonialidades, quando geralmente o povo vai às ruas para enaltecer a pátria e seus símbolos de nacionalismo, que homenageiam apenas nossos colonizadores. No dia em que, tradicionalmente, o povo brasileiro não aparece como protagonista da nação, os quilombolas do Sítio Alto o ressignificam no chão de seu território. Na contramão, a comunidade se reúne para homenagear seus ancestrais, seus saberes, sua identidade e sua cultura. No movimento do quilombo, a insurgência negra vai ganhando poder.

3.2.5 A simbologia da fé católica no quilombo Sítio Alto: O Reisado

Como citei acima, outras práticas do Quilombo, além da dança de roda e da capoeira, estavam presentes no desfile. O reisado é um exemplo sobre o qual Dona Josefa nos explica:

O reisado é uma coisa muito mais antiga do que eu, como eu vivi aquela vida, vivenciei aquela vida. Conhecia, né, chamei aquelas pessoas e fiz um resgate, conhecia muita coisa do reisado. O reisado é muito antigo, como a dança de roda, só que o... a dança de roda não tinha tempo, para dançar a dança de roda, já o reisado tinha

tempo, o período do reisado tá sendo agora, porque vai o dezembro, janeiro e vai chegar o dia do reis, então a dança de reisado sempre foi assim, e é muito antigo, antigo mesmo, e também o reisado não é uma coisa que a gente aprendeu por fora e algo que aprendemos aqui no Sítio Alto. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021).

Foto 23: Reisado no desfile cultural



Fonte: Disponibilizada por Bruno Batista Santos

O reisado é antigo e ancestral sim! Em um território onde o branco ditava como as coisas deveriam acontecer, como era o caso do Brasil, as outras populações residentes vão absorvendo os costumes impostos pelo colonizador branco, ou seja, as colonialidades do ser e a do saber. Nessa condição, algumas práticas como o reisado, de origem europeia portuguesa, são também praticadas pelos negros no Brasil. No entanto, aqui esse festejo absorve elementos da identidade negra como a dança e as músicas. Dessa forma, os saberes impostos pelo branco se misturam aos trazidos pelos negros na celebração dos festejos dos reisados. Nas palavras de Carneiro (2006), é “[...] um auto profano-religioso, composto de músicas, cantores e dançadores que vão de porta em porta, no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro

(Dia de Reis) para levar a boa nova, que é a chegada do messias: prestar homenagem ao três reis magos [...]” (p.35)

Dona Josefa, em sua fala, marca a temporalização da festividade, visto que esse evento representa a comemoração ao maior feriado cristão, que é o nascimento de Cristo. Na simbologia, é a visita dos três reis magos que levaram presentes ao “salvador” recém-nascido. Como a matriarca afirma, é muito antigo sim! A prática do reisado marca as influências cristãs dentro da cultura negra. Para muitos autores culturais, isso é chamado de sincretismo, que seria a mistura das práticas religiosas cristãs e Africanas, porém, em concordância com Abdias Nascimento (2019), não há a mistura de forma harmônica e igual na sociedade brasileira, quando temos o cristianismo como “[...] a religião oficial que ditava as normas de cima para baixo [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. 121).

Esse sincretismo nada mais era do que “[...] uma cobertura sob a qual os escravos clandestinamente se habilitavam a praticar seu próprio culto religioso, reprimido de tantas formas [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. 122). Sendo assim, seja no Quilombo Sítio Alto, seja nas práticas dos nossos antepassados, desde sempre o catolicismo foi um forte influenciador nas práticas religiosas e sociais. É um reflexo vivenciado desde a colônia até os dias de hoje. No Quilombo Sítio Alto, o reisado é liderado por uma mulher, Helena, que nos conta:

O reisado sempre a gente começa cantando, “oi de casa, oi de fora”. Eu sei que o reisado as pessoas brincava em casa, para receber presente e dinheiro, sempre em véspera de natal em comemoração ao nascimento do menino Jesus, cada dia, brincava em uma casa até chegar o dia do enterro do boi, pessoas fantasiadas. Quando eu nasci já existia o reisado, aprendi com meus avós, bisavós. Ouvia eles cantando e fui aprendendo um pouquinho das músicas. Cada figura tem a sua música, os nomes das figuras dona do baile, é a que representa todas as figura, tem a Contramestre, Belaninha, Borboleta, Pica- pau, a Coruja, a Viuvinha, a Nambu, Lavadeira, Pé de uva, a Baiana e dona Deusa, e o Caboclo que dança com todas essas figura até o final. Esse é um pouquinho do reisado, quando eu nasci já existia. (Helena, 50 anos. Entrevista concedida em março de 2022)

O reisado é um marco da fé cristã dentro do Quilombo, porém, com marca da cultura e identidade negra. No Brasil não existe um tipo reisado e nem uma data única. O reisado ou congada é comemorado na região sul do Brasil no mês de agosto em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, a santa Mãe dos pretos. A missa celebrada é chamada de missa conga. Helena nos narra o reisado vivenciado no

Quilombo. Ela nos diz que a festividade começa cantando. O cantar, o dançar, a Jinga, os personagens, toda a performance que ganha força em América é herança que veio do além-mar, transmigrado como forma de insurgência. Nas lutas contra as forças coloniais, os negros em cativeiro colocaram elementos da sua cultura em práticas dos seus colonizadores. Vale ressaltar que não foi de forma harmônica, houve conflito, resistência e lutas.

3.2.6 A simbologia da fé católica no Quilombo Sítio Alto: O Santo

No processo de invasão e exploração do território que hoje conhecemos como Brasil, os seus exploradores trouxeram a religiosidade cristã católica e a instituíram como religião oficial no período colonial e imperial no Brasil. Mesmo nesse contexto de opressão e violência da máquina colonizadora, o negro escravizado monta suas resistências na preservação da sua identidade e cultura, seja na formação de nações ou fraternidades religiosas que eram “utilizadas com espécie de espaços neutro entre os dominadores e os dominados” (NASCIMENTO, 2019, p.117), ou as irmandades que eram instituídas por pessoas escravizadas e desempenhava diferente papel na sociedade escravocrata.

Também temos as práticas de “cruzamentos das culturas e dos saberes” (MARTINS, 2021, p.36) o sincretismo no qual Martins (2021) afirma que a “[...] África e Europa encostam-se, friccionam-se e atravessam-se, mas não necessariamente, fundam-se ou perdem-se uma na outra.” (MARTINS, 2021, p.38). Essa forma de resistência vai usar os santos católicos para representar as divindades das religiões de matrizes africanas, que eram perseguidas pelo europeu católico. Concordo com Leda Martins (2019), quando ela diz:

No contexto da sociedade escravocrata, que procurava ignorar toda a história das civilizações africanas, a apropriação pelos negros dos rituais de celebração de seus antigos reis e de sua história própria, fraturada pelas invasões europeias e pela deportação de seus nativos possibilitou o processo de reinvestimento identificador necessário na construção de qualquer sujeito ou cultura. (MARTINS, 2021, p. 75-76)

A autora vem nos dizer que as diversas maneiras de preservação dos saberes, identidade e cultura africana em solo americano feitas pelos negros escravizados, foram importantes para que hoje possamos perceber no nosso território, e principalmente dentro do Quilombo, a presença dos saberes ancestrais. Essa apropriação dos negros dos seus costumes de África faz com que a memória e

identidade negra se ressignifiquem nas práticas identidárias na diáspora. Hoje vivemos em um estado laico, que estabelece a liberdade de culto para todas as religiões, porém, podemos perceber a força que o catolicismo tem em todo território.

No Quilombo Sitio Alto, a religião com maior força é o catolicismo. Mesmo contendo pessoas praticantes de outros segmentos religiosos, como o candomblé e a umbanda, a comunidade segue uma organização em torno dos eventos da religião católica. Os mais velhos e os mais novos se engajam para a organização e preparação da festividade do padroeiro São Francisco de Assis. Dona Josefa nos fala do santo:

O santo daqui foi eleição, porque a gente queria nossa senhora do parto, outro queria São Sebastião, ou São José e outros queria Santo Antônio. Então vamos fazer assim pega o nome de cada santo e coloquei dentro de um frasco, e o menino faz o sorteio, o santo que sair sorteado é esse que vai ser feito o sorteio, e quem saiu sorteado foi São Francisco de Assis. A gente tem aquele canto de Francisco, não sei que você sabe, que ele mostra assim, um pouco do sofrimento, da luta de São Francisco e é por isso que às vezes é quem nos fortalece, é que me fortalece também cada dia que a gente tá na luta. Assim a gente pensa, né, porque nessa luta que eu vivo eu sou muito perseguida não tanto pelo povo de fora, mas pelo povo de dentro. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em outubro de 2021)

Feito o sorteio, São Francisco vira padroeiro e protetor da comunidade. A fé católica está presente no coletivo antes mesmo do seu reconhecimento como quilombola, junto a todos os saberes que eles carregam. A comunidade acompanha as novenas em preparação à sua festa. Nas noites em que estive presente, pude observar a igreja cheia, uma festa animada e várias pessoas celebrando a sua fé. Em todas as noites, havia palestrantes diferentes, pessoas que compartilhavam a palavra bíblica com os seus irmãos de fé junto às declarações sobre o dono da festa, o santo protetor. Nessas falas, algo se fez presente em todos os discursos que ouvi: “As pessoas deveriam seguir os passos de Francisco de Assis, deveriam abrir mão da vaidade, das riquezas e avarezas, viver para Cristo”.

Ao longo deste texto, em alguns relatos de Dona Josefa, ela afirma a pobreza, a miséria e as necessidades que eles enfrentaram por muito tempo. Pessoas que foram jogadas à margem, violentadas e desprovidas de acessos a melhores condições de vida por tanto tempo, agora ouvem que não é correto ter ambições e acumular riquezas, porque para Cristo é errado. Isso nos remete ao controle social que a colonialidade exerce, aqui representado na religiosidade e crença dogmática proposta pelo catolicismo para alcance da salvação.

Foto 24: Capela católica do Sítio Alto

CAPELA S. FRANCISCO DE ASSIS POV. SÍTIO ALTO



Fonte: Disponibilizada por Alex.

Na foto temos o símbolo de Nossa Senhora Sant'Ana, por ser a padroeira de Simão Dias. Essa posição geográfica afirma o poder da religião católica no chão do Quilombo Sítio Alto. A igreja fica no lugar mais alto da serra quilombola, ao lado da casa de Dona Josefa. Essa capela é lugar de encontros e partilha de saberes que vão além do dogmatismo e crença religiosa, porque os saberes ancestrais resistem e se ressignificam na comunidade, permeando todos os espaços. A capela está localizada de saberes e trocas culturais, a fusão das experiências vividas na vida em comunidade. É o que muitos autores chamam de secretismo. Leda Martins (2021) chama esse sincretismo de “[...] fusão e aglutinação de diversos registros simbólicos, distintos em sua origem, mas aglutinados em novos códigos e em nova sintaxe significantes. [...]” (MARTINS, 2021, p. 14).

3.2.7 A fé que move a vida: As mordomas

Foto 25: As Mordomas



Fonte: Acervo Pessoal

Dentro do catolicismo existe a prática das promessas, ato de fé cristã que simboliza a confiança em santos e santas da igreja católica. Do mesmo modo, dentro do quilombo Sítio Alto existem as mordomas.

As mordomas, a gente prometia, a gente vivia de promessas, a gente não ia fazer pré-natal, a gente prometia as moças a Nossa Senhora, que a gente vestia 12 moças de branco. Mordomas é 12 moças vestidas de branco, 6 meninas e 3 anjos. Assim, a gente fazia a promessa, se passasse aquele ano e não morresse ninguém de parto, a gente fazia aquela promessa e vestia aquelas meninas de branco e de vela acesa. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em outubro de 2021).

A crença na Santa protetora das gestantes é forte! O sentimento de fé ao confiar na proteção da Santa e ter o pedido atendido era muito importante para as mulheres no Quilombo, tanto que essa divindade foi cogitada como protetora da comunidade. A

celebração da novena, com as 12 moças e 6 crianças, era certa de acontecer. Onde estão os saberes ancestrais nessa prática? Pois bem, no Quilombo, por motivos como falta de dinheiro para fazer um acompanhamento médico adequado durante gravidez e dificuldade na locomoção para as maternidades na hora do parto, as mulheres tinham os bebês em suas casas com ajuda de parteiras. Algumas dessas mulheres que assistiam os trabalhos de parto eram do próprio Quilombo. Em relatos, Dona Josefa comenta seu ofício de chamar as parteiras quando alguma mulher estava prestes a entrar em trabalho de parto. Eram mulheres de conhecimentos ancestrais que cuidavam de salvar mãe e filho naquele momento. Para tanto, elas contavam com o auxílio de ervas na recuperação dos envolvidos. Dona Josefa nos relata:

Desde os 12 anos, assim uns 11 a 12, que eu ajudava as pessoas, por aqui era chamada parteiras. Eita que uma mulher vai ganhar neném e o marido não tá aí, manda Josefa chamar a parteira. Aí eu saia. Mande Josefa porque ela tem a perna grande, ela corre muito! Aí eu saia correndo daqui lá para casa de Jovença. Ah chega vai chamar outra, Joana de Lino está ali, corre para casa de seu Lino na carreira. Ah vai chamar tia Zefa eu ia. Aqui tinha um bocado de parteira. Mãe era parteira, tia Zefa era parteira e uma que chamava Joana de Lino era parteira e mãe Santa. Parteira chefe era mãe Santa, ela que mandava em tudo. Ela morava aqui atrás, mas ela andava por essas casas todas. As mulheres tá para ganhar neném já contratava “oi dona Santa, a senhora vai passar uma semana, um mês até ela ganhar neném.” Aí ela ficava. Aí a vez quando ela tava esperando para uma mulher ganhar neném, outra já tava nascendo. Meu parto quem fez foi mãe Santa, nasci aqui em casa mesmo. [...] (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em outubro de 2021)

Sobre o conhecimento dessas parteiras, curandeiros e rezadores:

[...] naquele tempo não, naquele tempo a gente não tinha médico, não tinha doutor assim, para acompanhar a gente. A gente tinha parteira, e os rezador que as parteiras quando a gente ganhava nenê. As parteiras que indicava. Desde que estava gestante, ela já dizia que a gente não podia trabalhar quando a gente tava gestante, até a hora que o menino nascesse se quiser. Depois que o menino nascesse, aí meu fio você tinha que se deitar, tapar os ouvidos, amarrar um pano na cintura, ficar de papo pra cima, só comer pirão, passar três dias deitada. Só comia pirão de galinha, assim mesmo não podia bota nem cebola vermelha nem corante, só temperada com alho, cebola branca e cuminho, e o remédio que a mulher tomava era um banho chamado banho de acento e tomava uma meladinha, que até hoje eu ainda penso, porque nós não faz aquelas meladinhas e nós só bebia de vez em quando? Mas, ninguém faz mais aquelas meladinhas. Pegava um litro de cachaça, colocava um quarto de mel, mas, era mel de manga saia ou de urucu, não podia ser mel de italiana não. Aí a gente colocava aquele quarto de mel, colocava parreira branca, cebola branca, anis estrelado, lorna branca, um pouco de arruda, um pouco

de hortelã miúdo, alecrim e alfazema. Deixa um pouco ela passar um tempo, ela fica meia roxinha, a gente tomava um copo. Ave maria! Não tinha dor, não tinha nada que a mulher ficava curada, curada. A mulher não podia tomar outro remédio durante as quatro semanas se não fosse esse. Hoje a mulher só vive no médico, sai de lá com os comprimidos na boca, ou já saí de lá com o comprimido na mão, já sai de lá caminhando, aí no instantinho já estava andando. Aí quando é com dois três dias o povo já diz a mulher tá com problema sei de que, tem que fazer exame sei de que, vai fazer exame sei da onde. Naqueles tempos os curadores rezava a gente, benzina a gente, eles tinha um dizer “oi meu fio peixe morre pela boca”. Se a pessoa tivesse uma ferida, não podia amendoim, não podia comer galo de raça, nós não podia comer camarão porque coçava, nós não podia comer ovos, porque pegava mal cheiro na ferida. E se nós precisasse comer de tudo isso, nós tinha que pegar um pouco do caldo ou lava ou passe por cima. Então, que eles tinham aquele tipo de ciências deles, eles não sabiam ler, né, porque a maioria daqui ainda tenho umas atas aí, todo mundo analfabeto. Era só o dedo. Agora eles tinham um tipo de ciências que eles conheciam o mato todo, eles sabia aquele mato pra que servia, para que isso servia, o que era que fazia mal. O que serve para dor de barriga, o que era que servia para uma dor nas costas, onde era o lugar que tinha bafó, qual era o terreno que ia dá melhor legume, onde que tinha pau de rato que chamava catinga de porco que servia para dor de barriga. Tudo que se tivesse de dor, o rezador passava por aqui ele sabia aonde tava, ele sabia onde encontrar e nós encontrava e assim nós vivemos e lutando até hoje. [...] (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em fevereiro de 2021)

Ao tecer a sua escrevivência, Dona Josefa deixa evidente a experiência vivida de forma coletiva e a celebração dos saberes ancestrais com os seus. Ao narrar sobre as parteiras e curandeiros, ela fala da sua participação e contribuição. Essas mulheres do conhecimento foram referência na medicina comunitária, desenvolvida com os saberes ancestrais que têm suas raízes em África; é conhecimento da terra, das plantas e das ervas.

Com grande conhecimento sobre ervas medicinais, essas mulheres de poder ancestral forte eram requisitadas sempre que uma mulher ia “dar à luz” / “parir” / ter um filho. Na ausência de assistência médica, essas parteiras exerciam a função de cuidar do outro, de ensinar seus conhecimentos àqueles que precisavam de cuidados. Através da oralidade, os remédios e procedimentos eram passados. “*Todo mundo anafabeto*”, porém, cheio de saber de ciência, conforme ressalta a matriarca. Sobre as ervas e os saberes, Maria nos narra:

Sobre as ervas medicinais, na minha casa mesmo tem bastante pé medicinais. Tem: erva cidreira, tem laranjeira braba, que uns chamam ângela bravo, tem alecrim cheiroso, tem alecrim do reino, tem bastante! Quando eu sinto assim, dor de cabeça, dor de barriga assim essas dores eu faço um chá. A gente esquenta ele, tiver doendo a

gente bota em cima laranjeira brava. Também faz de banho de assento aroeira, é a mesma coisa certamente fazer banho serve também até para cabelos. (Maria Santos, 42 anos. Entrevista concedida em fevereiro 2021).

O conhecimento sobre as ervas é ancestral. Maria ao narrar, sobre as ervas que tem em sua casa e a função delas, nos mostra como os saberes vão passando das mais velhas (os) para as (os) mais novas (os), além de potencializar como as gerações ressignificam, guardam e continuam utilizando de práticas dos seus ancestrais para sobreviverem. Em sua própria casa, Maria cultiva ervas que ajudam no cuidado não apenas da sua saúde, mas também do seu corpo, da sua estética.

Toda cultura e crença herdadas dos nossos ancestrais transpassam toda a maldade e feridas causadas pela colonialidade do saber, que tentou deslegitimar a ciência popular dos nossos, a riqueza das ervas e plantas e o poder da reza. Importante destacar nos saberes ancestrais a potência da observação. O primeiro passo para a ciência moderna é a análise de resultados, mesmo que não quantitativos. Da mesma forma, a medicina ancestral observava e contabilizava– o indivíduo que adoecia, que se mantinha doente, que tinha sintomas quando comia algo "carregado" apesar dos remédios, tudo era contabilizado. Isso é ciência e Dona Josefa nos narra em sua fala que não são registrados no contexto eurocêntrico proposto pela modernidade, porém, fazem parte do mesmo princípio científico – a observação. Ouvir a experiência da comunidade, na voz de Dona Josefa é fruto da resistência estampada no corpo que vence o cativo nas trincheiras criadas nas opressões.

3.2.8 A ligação do homem com à terra: as sementes

“O fundamento do quilombo é a terra, o homem se identificando profundamente com a terra. [...]” (NASCIMENTO, 2018, p. 335.)

Trago essas palavras de Beatriz Nascimento (2020) porque, assim como ela, acredito que temos ligação com a terra e que nossos ancestrais nos mantêm ligados à África. Através de práticas e resistências herdadas, eles deixam conexões vivas. Ainda que o Quilombo, para a autora, seja uma simbologia maior que o geográfico, ela afirma nossa conexão com terra e reafirma o direito negado ao negro por muito

tempo aqui nas Américas: o direito⁴⁷ à terra. Em África, a terra é simbólica, geradora da força, o “axé”, por isso, na cultura e na religiosidade de matriz Africana, fazem-se oferendas à mãe terra, o Ebó, afinal “[...] todos os elementos vivos estão na terra e vão participar daquele banquete que é o Ebó. [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. 335). Na decomposição dos elementos vivos do banquete, a vida vai se renovando e surge mais vida. Para nós do Brasil, a simbologia é ainda maior, visto que as mulheres eram encarregadas pelo sustento dos nossos guerreiros, assim, além de oferenda, o Ebó servia como alimento àqueles que fugiam.

Mas por que estou falando sobre a terra? Qual a importância para o Sítio Alto? Estamos falando de conexões ancestrais, as quais estão presentes no Quilombo Sítio Alto. Estamos falando de maneiras outras de se reinventar, insurgir e garantir o sustento para a comunidade. Nesse sentido, as produções orgânicas e o cultivo de sementes crioulas são heranças do Quilombo. Essas práticas possuem ligação ancestral e permanecem sendo em atividade até hoje. São várias espécies de feijões e milho que as famílias do Sítio Alto cultivam. Com a palavra, a Guardiã Dona Josefa:

Eu virei Guardiã de semente porque eu já vinha guardando a semente desde lá do tempo dos meus avós, meus pais. Isso aí é uma tradição que a gente tem, que vem passando de pai para filho, eu desde pequena que eu trabalho mais o meu pai na agricultura, né, trabalha na roça junto com ele e eu aprendi com ele a aguardar, cuidar da semente, aguardar. Vai que ele plantava feijão de corda, ele, ele plantava fava miúda, ele plantava fava cearença, aquela fava que o pessoal chama cainana, outro chama lavadeira. Então que, tudo que ele plantava depois eu fiquei plantando, né? Ele parou de plantar e eu fiquei cuidando, plantando essas plantas não é por isso que aqui eu cultivo as variedades de feijão; feijão branco, feijão branco do grande, do meio, feijão vermelho, feijão rosinha, feijão roxinho, feijão bagajó, feijão pisa, come calado. Então, que esse tipo de feijão aí eu venho guardando porque eu apreendi com meus pais, por isso que eu ganhei o nome do Guardiã de semente, porque eu guardava essa semente. Mas ninguém me chamava de guardar, mas depois que eu comecei a andar junto com o movimento da ASA, então que eu peguei a contar histórias para eles da semente e eles me botaram o nome de Guardiã de semente. Eu ganhei a casa de semente, eu tenho várias sementes aqui várias variedades. Não é só três nem quatro não, tenho mais de 10. São mais de 20 variedades. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em julho de 2021)

⁴⁷ Em 1850, foi instituído a lei de terras, que tirava o direito aos negros Africanos como também aos nossos indígenas possuir a terra.

Foto 26: Dona Josefa e seu Zé de Tóto com as sementes crioulas



Fonte: Disponibilizado por Bruno Batista

É tradição sim! É ancestral, continuamos conectados à terra, este elemento natural que faz germinar vida nova, que floresce esperança e sustento para os nossos. Bem mais que guardiã, Dona Josefa e a comunidade do Sítio Alto deixam a terra viva e resistente ao mercado agro que cresce cada vez mais. Na foto acima, temos a exposição de todos os tipos de sementes que há no quilombo. Dona Josefa e seu Zé de Totó estão ao lado mostrando a riqueza germinada no chão da comunidade. *“Eu tenho várias sementes aqui, várias variedades, não é só três nem quatro não, tenho mais de 10, são mais de 20 variedades”*. São várias sementes, como nos afirma a matriarca e guardiã. A rica variedade é fruto da preservação e reinvenção dos saberes ancestrais. Tudo foi passado pelos mais velhos, que hoje são ancestrais, e preservado pelos mais novos.

Nessa dança da reinvenção, também entramos em contato com conflitos. Como citei acima, esta prática das sementes resiste ao mundo do agro, o qual vem destruindo nossa fauna e flora de maneira desenfreada. Em uma conversa descontraída debaixo da árvore, no mesmo dia do diálogo entre Dona Josefa e Bruno sobre educação, falamos sobre o grave problema do uso de agrotóxicos e seu impacto

na preservação da tradição e dos saberes de cultivo das sementes orgânicas no chão do Quilombo. Assim eles narraram:

Bruno:[...] quando eu vejo a questão dos agrotóxicos, eu falo: vó não é assim. A senhora diz por que não desenvolve algo pra combater o agrotóxico? Eu digo, eu? Se eu chegar e desenvolver, apresentar um projeto contra o agrotóxico, no outro dia não posso sair na rua. Se eu sair na rua sou morto, não é assim que acontece? Aí eu digo, pronto! Quando, naquele dia que teve a reunião das sementes aqui, que eu disse que assim não dá certo, que o cara disse: *“eu tenho um quintal de casa que é meia tarefa eu mesmo coloco veneno”*. Eu digo: isso não resolve! Eu disse o que resolve é se você encontrar uma solução. Um cara que tem mil hectares, quem prejudica são esses mil hectares. Você que só tem uma tarefa, você não está fazendo nada, não está fazendo efeito de nada, você não coloca o veneno. Então, eu estudo o quê? O que é que eu vivo no meu dia a dia? É tipo, você tem um problema desse tamanho. Você não vai procurar uma solução que resolva de uma pessoa? Tem que procurar a solução que resolva todo mundo.

Dona Josefa: Está certo. Você tem que estar estudando. Mas, você também tem que ter uma criatividade, né? Porque o que é que eu sempre debato, sempre falo assim, se os governantes quisesse criar com avanços dessas tecnologia que tem hoje um aparelho, uma coisa pra cuidar do roçado sem precisar botar veneno agrotóxico assim, uma máquina, uma coisa pra limpar, pra fazer aquelas coisa e criava assim.

Bruno: já existe. (Bruno Batista, 22 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021)

Dona Josefa: Escuta aí, ele criava, sem precisava botar veneno. Essa história de botar veneno, isso aí é uma fantasia. (Josefa de Jesus, 63 anos. Entrevista concedida em setembro de 2021).

Na mesma tarde, tivemos várias conversas, além da troca de saberes. No entanto, como em toda relação interpessoal, o conflito da convivência e de gerações se faz presente. As colocações de Bruno e de Dona Josefa são defesas de gerações que pensam diferente, porém com um único propósito: defender o que acreditam. Como sabemos, e até o próprio Bruno reconhece, ele já nasceu imerso em um mundo que traz outras formas de existência, diferente do que é ensinado e passado nas nossas casas, nossos lugares, nossas comunidades. Quilombo é estar em família, é compartilhar todos ensinamentos e sentimentos que possuímos.

Relato sobre isso para mostrar como a cultura do agro é bem difundida em nossa sociedade, no dilema das necropolíticas *deixar morrer, deixar viver*. Como Achille Mbembe nos alerta, os agrotóxicos são usados em benefício dos grandes empresários, aquelas pessoas que não sabem e não valorizam a ligação com terra e,

portanto, não a respeitam, apenas usufruem das riquezas que oferece. Isso me faz lembrar os colonizadores que chegaram às Américas, exploraram as riquezas, deixaram às margens e/ou escravizaram os povos originários e sequestraram os negros de África para serem transformados em corpos objetos.

Conflitos nada mais são do que formas de fortalecimento. Por meio deles, as insurgências são criadas e os saberes ancestrais reinventados e praticados. Mesmo Bruno falando o que é ensinado sobre a ele sobre o agro, vê a importância da semente crioula sem veneno e faz uso dela no chão do Quilombo. Anualmente são plantadas diversas sementes nos meses de outono para abastecer o Quilombo por todo o ano. Aos domingos, há uma feirinha no centro da comunidade, na qual os pequenos agricultores vendem seus produtos orgânicos. É um momento de diversão, trocas e compartilhamento em comunidade. Assim, no dia a dia da vida, o Quilombo se faz e se movimenta nas forças dos saberes ancestrais que educam, ensinam e resistem, causando rachaduras nos conflitos e amarras das colonialidades.

“A RESISTÊNCIA: UMA POSSIBILIDADE EM TEMPOS DE DESTRUIÇÃO”

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32)

As histórias importam! Sigamos todos de mãos dadas construindo dignidades e reescrevendo as histórias do nosso povo negro. A trajetória que escrevi na dissertação foi o meu tornar-me negra! Eu precisei reescrever a minha história. Eu sou a possibilidade de dias e tempos melhores, acordei da brancura que me vestia, me despi da história única que insistia em fazer parte da minha. Hoje sou uma mulher negra que não tem medo de usar sua voz, que grita a sua liberdade ao compor os próprios rumos da sua vida e mais do que isso: compromete-se com as muitas histórias.

Eu sempre quis me parecer com o outro no jogo seduzente da colonialidade, por essa ser uma ferida aberta que precisamos cuidar, como nos diz Grada Kilomba. Assim, penso que a maneira de tecermos cuidados é com coragem e empoderamento para nos humanizar, enaltecendo a importância da história, como afirma Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Precisamos tecer histórias outras, que sejam realmente do nosso povo negro.

Desta forma, buscamos reparar a dignidade despedaçada do povo preto. Nesta pesquisa, ao celebrar os saberes no Quilombo Sítio Alto, havia um objetivo geral: compreender como se ressignificam os saberes ancestrais no chão nesse Quilombo, tendo em vista as amarras criadas no cenário pedagógico da colonialidade. Como objetivos específicos tivemos: identificar as formas como os/as quilombolas do Sítio Alto insurgem diante da colonialidade; e perceber como os saberes das/dos mais velhas/os são apropriados pelas gerações mais novas em seus processos de ressignificações e insurgências perante a colonialidade que permeia a sociedade atual.

Para alcance dos objetivos da pesquisa foi formulada uma problemática em torno da compreensão dos saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto. Nesse sentido, perguntamos: Como os saberes ancestrais dos mais velhos se ressignificam e

insurgem no chão do Quilombo Sítio Alto dentro da colonialidade?

No momento da construção desses objetivos e problemática eu não tinha noção do que seria estar Quilombo, de como seria sentir na pele. Dentro da academia, estamos imersos e focados em estudar a teoria, o que na experiência vivida tem suas diferenças. A resposta desta problemática não é algo pronto, ela, assim como eu, foi se desconstruindo e se reconstruindo. Ao perceber isso, potencializo a resposta, por possibilitar que vocês entrem em contato com o poder ancestral que está presente no quilombo Sítio Alto. Porque, quando se tratam de saberes ancestrais- Quilombo, identidade, comunidade e negritude- estamos falando de pessoas que eu senti e vivi! Que assim como eu, arrumam maneiras de sobreviver, insurgindo e criando fissuras na colonialidade. Eu me aprofundei na teoria, como uma boa acadêmica cartesiana, contudo, mal sabia eu que iria aprender muito mais no convívio. Estar com eles, compartilhando aprendizagem nos eventos, tardes de conversas e realizações de práticas foi o que me proporcionou perceber a realidade do Quilombo.

Eu cheguei ao Quilombo com o olhar colonizado. Esperava encontrar todos apoiando e lutando junto à Dona Josefa, sem nenhum conflito, apenas pessoas fortes e confiantes na sua identidade negra. Queria ver pessoas gritando que eram negras. Deixo a hipocrisia da pesquisadora escancarada aqui. Por estar imersa em minhas teorias, fiquei presa ao sonho de um Quilombo que criei em minha mente. Eis o questionamento que me faço agora: Se eu própria estou me desconstruindo ainda, como iria chegar ao Quilombo Sítio Alto e encontrar tudo perfeito, do jeito que eu queria?

Nos primeiros momentos fiquei perdida. Mesmo que a base de sustentação estivesse no caminho certo, já que estive acompanhada por autores como: Aníbal Quijano (2009) Nelson Maldonado-torres (2008), Walter D. Mignolo (2005), Catherine Walsh (2009), que falam das esferas e combate a colonialidade, eu não conseguia vivenciar na prática cada lição teórica deles. Não adiantava estudar o conceito de Quilombo com Maria Beatriz Nascimento se não conseguir sentir o Quilombo Sítio Alto, ou me aquilombar e ver que eu sou Quilombo também!

Entre o não fazer pesquisa e construir uma pesquisa antiepistemicida, estava uma pesquisadora que, no aconchego e na acolhida do Quilombo, se encontra com seu tema e faz um mergulho no aprender “com” e fazer pesquisa “com” pessoas negras, quilombolas e guerreiras. Precisei errar várias vezes para construir algo que realmente fosse uma pesquisa com pessoas, no diálogo com meus/minhas

companheiros/as de caminhada. O caminho foi feito e refeito algumas vezes. A metodologia não dava conta de percorrer o caminho desejado, tinha algo que truncava, que esbarrava em “pedras no meio do caminho”. Minha vontade de ouvir e reescrever era imensa, por isso demorei a enxergar que as metodologias experimentadas não serviam. Foram encontros e desencontros, até que arrisquei a construir uma escrevivência do povo negro, transformando o conceito criado por Conceição Evaristo em um caminho a ser seguido.

Nessa trajetória das desconstruções e encontros, o convívio no Quilombo foi um presente. As idas, conversas, acolhida, risos, choros, narrativas, amizades e prática vividas no chão foram maneiras de responder meus objetivos e perceber que que eles estavam sendo mais que alcançados, porquanto eu estava presenciando no vivido mais do que propus ao traçar os objetivos da pesquisa. Assim, no primeiro passo, comecei a perceber como as insurgências acontecem. Dessa maneira, precisei identificar que não é necessário nada de extraordinário para ser considerado ressignificação e insurgência. O Quilombo se ressignifica nos conflitos que nele existem, na luta que rasura diariamente as malhas da colonialidade. Também se constrói enquanto um lugar de saberes ancestrais, resistência e jeitos outros de (re) existir. Um lugar de memória e ancestralidade viva, que movimenta o seu povo.

As ações realizadas dentro do Quilombo são maneiras outras de resistência, ou seja, cada feito, seja o mais simples, como uma conversa ou uma ajuda ao outro, seja algo de maior proporção, como a conquista de um projeto para a comunidade, são de grande relevância. Tudo isso é o corpo negro em movimento, insurgindo as violências que permeiam os nossos. Todavia, as insurgências não vêm prontas, ou sem combates, sejam contra as estruturas de poder, ou com as próprias pessoas da comunidade. Assim se constrói o Quilombo Sítio Alto: as dores e as batalhadas perdidas, que podem até alimentar a colonialidade, são também rasuras, formas de insurgências.

As colonialidade permeia todos os lugares e está presente no Quilombo também. Os conflitos existem, não é nada fácil obter uma conquista para o Quilombo. Nas experiências vividas que são passados os saberes, não temos um manual ou caderno para os mais velhos irem ensinando aos mais novos. Como em África, é na oralidade e no dia a dia em comunidade que os mais jovens vão se apropriando dos saberes ancestrais- às vezes se fazem resistentes, alguns saem, outros não querem participar. Dona Josefa afirma em alguns momentos das suas narrativas as

dificuldades em lidar com juventude: Não é fácil segurar os jovens em meio à moda, à tecnologia, aos casamentos e às saídas do Quilombo, como ensinar, então, a história deles? Os saberes?

Não é fácil ensinar os saberes que são contemplados na oralidade, já que é possível afirmar que esta oralidade encontrou espaços outros de manutenção, de destaque na sociedade digital. Um exemplo disso, como vimos, é o Instagram de Dona Josefa, que possibilita que os saberes vão além do chão da comunidade, potencializando o ensinar aprender e se tornando um caminho de descortinação das histórias únicas forma de preservação e resistência, pois não existe hora exata para aprender – todos os momentos são essenciais. A vida em comunidade é toda de aprendizagem. Os saberes se reinventam no dia a dia em meio às brigas, risos, discursos, dispositivos digitais e práticas. Quando eu formulei a pergunta de como esses saberes se ressignificam e insurgem em meio à colonialidade, eu não fazia ideia de como seria– perguntei baseada na teoria. Não coloquei em jogo os conflitos que existiam, apenas queria ver acontecer. Agora, posso afirmar que o ver acontecer me possibilitou desconstruir ainda mais, tanto o meu eu, como meu olhar sobre o Quilombo. Faço-me pesquisadora no fazer acontecer com os sujeitos quilombolas, percebendo o Quilombo em cada olhar, gesto e jeito.

Foi na experiência vivida nas rodas de conversas embaixo da árvore, presenciando o reisado, a dança de roda, a simbologia da fé, as crenças, as angústias, os medos, os atos de lutas, os corpos quilombolas lutando para melhorar as condições de vida, buscando educação e valorização da cultura negra, que pude compreender que eles não precisam conhecer o significado de saberes ancestrais, de insurgência ou ressignificação para fazer acontecer. Por estar presente em nossos corpos já o fazem acontecer! Mesmo tendo todas as esferas da colonialidade para enfrentar, é ser insurgente, é falar: “Eu estou aqui! Eu resisto, como meus ancestrais resistiram desde África”.

Eu pude compreender que cada prática desenvolvida no Sítio Alto é cheia de ancestralidade. As ações como o ato de cantar e criação de cantigas; a dança em meio às adversidades– nas tristezas, dançar e cantar para alegrar– a utilização de ervas e crenças, tudo isso é permeado por ancestralidade. Além disso, são formas de contar a vida cotidiana, dar uma sonoridade que fica e dar significados que podem ser reproduzidos na forma de arte e movimento do corpo livre. No mesmo momento da repressão machista, como nos alerta Dona Josefa, a mulher quilombola se coloca na

música – sua consciência dos momentos e processos é um de rito próprio de insurgência e divulgação da sua história, das mais velhas (os) para mais novas (os). Tudo isso passado na oralidade, isso sim é saber viver no Quilombo.

A pesquisa confirma que dentro do Quilombo que se faz magia de saber, existem pessoas convivendo com seus conflitos próprios e os da comunidade, mas que, mesmo assim, fazem de todos os dias novas oportunidades para compartilhar saberes que são ancestrais.

A pesquisa foi um abrir de olhos para mim, transformou-me, trouxe ainda mais minha negritude, fortaleceu-me enquanto educadora antiepistemicida, possibilitou-me ver o Quilombo como espaço de desconstrução. Consegui me conectar à movimentação da vida quilombola, visto que Quilombo é vida que resiste às colonialidades – a pesquisa tornou-me negra! Ela possibilitou a escrita de histórias outras, narradas pelos próprios quilombolas do Sítio Alto. É uma possibilidade de resistência, é uma porta aberta para quem quer conhecer as formas outras de insurgência. O que está escrito nessa dissertação são versos de vida. Foi no vivido que compreende como os saberes ancestrais se ressignificam no chão do Quilombo, pela movimentação dos corpos quilombolas insurgentes.

A pesquisa é um convite para quem busca se desconstruir e aprender “com”. Ainda precisamos aprender muitas coisas com o Quilombo Sítio Alto, como em outros quilombos. Entrei em contato com questões que não dei conta de escrever. Nos meus dois anos de estudos, não foi possível estabelecer uma conexão maior com as seguintes temáticas: racismos velados, questões de gênero, a questão da negritude no que se refere à identidade e a ligação entre comunidade e escola. Estas temáticas são chamadas para novos estudos – o convite a aprender.

Tornei-me pesquisadora no rito de escrever uma dissertação, pois ao escrever componho meu ato político de liberdade e de resistência. Cada palavra escrita, acompanhada de sensibilidades, choros e risos, é grito de uma mulher negra que se despiu e continua se despindo das formas colonizadas de ver o mundo. Além que se permitiu desmontar, montar, desaprender e aprender todos os dias com os seus. Obrigada à Rafaela que teve coragem de sair da sua zona de conforto e insurgiu na movimentação do corpo em mudança a cada palavra tecida aqui. Ao sentar para escrever as palavras finais, sinto-me outra. Sou resistência! Esta Rafaela que vos fala está mais forte e sabe o que quer para sua vida: escrever e trilhar becos, vielas e encruzilhadas sobre sua história e do seu povo, ouvindo, respeitando e aprendendo

com suas mais velhas e tecendo histórias outras – Escrevivências. Ao entrar em contato com o Quilombo Sítio Alto, meu olhar ainda estava carregado das colonialidades, fui aprendendo com ele. Em meio a uma pandemia, crise econômica no país, genocídio do povo negro, perdas particulares como a morte da minha vó Marizinha e entre tantas crises de ansiedade, teci uma escrevivência com meus companheiros, os quilombolas do Sítio Alto.

Neste enredo final, depois de aprender com os meus companheiros de diálogo, posso afirmar que no chão do Quilombo Sítio Alto os saberes ancestrais celebram a partilha das(os) mais velhas (as) para as(os) mais novas (os) , insurgindo em cada prática vivida, fazendo fissuras na colonialidade. Mesmo com os conflitos identitários, desigualdades sociais, racismos e adversidades da colonialidade, percebi que os mais novos estão envolvidos nas práticas e atividades do Quilombo, aprendendo com os mais velhos e resignificando, lutando por mais direitos e preservando os saberes ancestrais. Dona Josefa, Bruno, Eugenia, Helena, Paulo, Alex, Leonardo e toda a comunidade são a contemplação dos saberes, da educação e das histórias que precisam ser escritas e divulgadas.

Ao longo da pesquisa, percebi que existem várias formas de resistências e resignificações dos saberes ancestrais, são práticas como: dança de rodas, capoeira, reisado, mordomas, cantigas, rodas de conversas e o próprio dia a dia da/em comunidade. É saber ancestral e resistência dos corpos negros, que movimentam e embalam a mais sedutora dança da verdadeira democracia racial: a da existência, a celebração da vida. Assim, da forma que pode, os quilombolas do Sítio Alto, como também todos os negros com seus sorrisos e seus passos no ritmo da dança, conduziram e conduzem sua liberdade para fora do cativeiro, seja na colonização dos corpos no período colonial, seja hoje nas facetas da colonialidade. O corpo negro, que carrega saber ancestral do seu povo, sempre encontrou maneiras de quebrar as correntes e seguir a dança da libertação do seu corpo – a resistência!

Os saberes ancestrais, que ensinam e educam os corpos, se fazem presente no Quilombo Sítio Alto, em cada prática que se resignifica e insurgem. Quilombo, para mim, mais do que demarcação territorial, é a forma como todos nós negros traçamos a sobrevivência e lutamos pelas nossas vidas e dos nossos irmãos - somos todos quilombos! Enquanto um negro estiver de pé, Quilombo vive! Beatriz Nascimento nos ensina o quanto o Quilombo é insurgência. O Sítio Alto é Quilombo, mais do que o território e mais do que nossos olhos colonizados podem ver, porque ele faz parte de

uma cosmopercepção. Sua maneira de (re)existência e seu balançar dos corpos quilombolas, no chão, no ar, nas plantas, nas danças, nas rodas e nas cantigas são raízes fortes de ancestralidade que vão tecendo vida – Quilombo.

Na urgência de falarmos e escrevermos as histórias pelos próprios sujeitos, o fazer pesquisa com é uma aposta decolonial, dado que tece uma escrevivência de sujeitos e práticas silenciadas e marginalizadas como as do Sítio Alto. Também é antiepistemicida e age nas trincheiras das desconstruções das histórias únicas, sendo um lugar de contemplação de memórias, oralidades e saberes outros que são ressignificados no Quilombo Sítio Alto: lugar de memórias, ancestralidade e vida. Os sujeitos quilombolas, em suas maneiras próprias e identitárias de viver, atravessados de ensinamentos e saberes rememorados e contemplados nas experiências do vivido, constroem esse texto, escrevendo suas próprias histórias – histórias outras.

Dessa forma, nas linhas finais de uma encruzilhada do saber, ressalto que precisamos mais e mais escrever, nos libertar! A escrita da dissertação é apenas uma esquina em meio a tantas que podem ser visitadas; é um abrir dos olhos, um impulso, um novo ritmo epistemológico étnico racial e proporciona novas lentes na busca por saberes ancestrais inesgotáveis. Tudo no Quilombo Sítio Alto é saber ancestral, do acordar ao dormir, do dito ao não dito. É chegada a hora de um descanso, uma breve pausa desta escrita. Não é um ponto final, mas uma vírgula, um até logo olhando para os becos das memórias e exercitando o pensamento em possibilidades para outras encruzilhadas do saber, um paraíso de histórias outras.

Neste processo do até logo, termino juntando a minha voz com a de Chimamanda Adichie (ADICHIE, 2019, p. 33): “Eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.” Esse paraíso são as histórias outras!

Eu, Rafaela, retomei o paraíso das histórias outras, ao abrir dos meus olhos, esculpidos por mamãe oxum, regado de poesia e saber, fiz-me semente da ancestralidade que pegou na mão da liberdade e voou. Tornei-me Negra!

Por aqui, seguimos resistentes na busca dos paraísos – a liberdade do corpo negro!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu – 1ª ed. – São Paulo; Companhia das Letras, 2019.

ALBERTI, Verena. **FONTES ORAIS**: Histórias dentro da História In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto: 2008. p. 155-202.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

AMADOR DEUS, Zélia. **Caminhos Trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Araújo, Helena, Maria, Marques. e-mosaicos – **Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira** (CAp – UERJ) V -6. N. 12 – AGOSTO 2017

BENISTE, José. **Dicionário yorubá – português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARNEIRO, Sarah Roberta de Oliveira. **O reisado senhor do bonfim sob a ótica do espetáculo**. Salvador –BA, 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

COSTA, Rute Ramos da Silva. **Saberes e práticas educativas quilombolas: expressando e fortalecendo a identidade**. Rio de Janeiro, 2020. 227 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CHARGAS, Mário. **Memória e poder**: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia no 19, v.19, jun. 2002.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d' água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA, Antônio. **O Currículo em Escolas Quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser, ver e dialogar com o mundo**. São Paulo, 2014.

158 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. REIS, Flávia; LIMA, Márcia. (Org.). – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZAGA, Paulo Henrique Larcerda. **O Batuque como ferramenta de resistência territorial identitária na Comunidade Quilombola Bau**. Araçuaí – MG, 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado de Pós Graduação em Estudos Rurais. Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha Macuri. Diamantina, 2020.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva**. In. UNESCO (Org.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: 2010. p. 167- 212.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá – 2. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 71-114, março. 2008.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

MIRANDA, Claudia, & Araújo, Helena, Maria, Marques. **Perspectiva revista do centro de ciência da educação**, VOLUME 37, n. 2 – p. 378 – 397, abr./jun. 2019 – Florianópolis.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negras. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documento de uma militância pan-africanista. – 1ª ed. – São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. – 1ª ed. – Filhos da África, 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: 2009. p. 73-117.

PAIM, Elison, Antônio, & Araújo, Helena, Maria, Marques. (2018). **Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades**: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de história da África e dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 26(92).
<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3543>

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letras e voz, 2016.

SILVA, Beatriz Araújo da. **As práticas de professores (as): olhares para as experiências culturais negras e saberes quilombolas em Santa Luzia do Norte e a produção artística de mestre José Zumba**. Maceió – AL, 2017. 167 F. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: 2009. p. 23-71.

SILVA, Josiel Monteiro da. **No batuque do Bambaê: Memória étnica e educação na Juaba/Cametá/Pará**. Belém - PA., 2016. 104 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Pará, Centro de Ciências Sociais de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2016.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

APÊNDICE

TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO TERMO DE CONSERTIMENTO E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº510/2016, CONEP/MS

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre QUILOMBO SÍTIO ALTO: NARRATIVAS DE SABERES “OUTROS” e está sendo desenvolvida pelos/as pesquisadores/as Rafaela Matos de Santana Cruz, do Curso de Mestrado da *Universidade Tiradentes*, sob a responsabilidade do(a) Prof(a). D^a Ilka Miglio de Mesquita.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa, portanto, serão providenciadas duas vias, assinadas e rubricadas pelo pesquisador e por você como participante de pesquisa ou responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção este documento, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este documento para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar.

Os objetivos do estudo são compreender como se ressignificam os saberes ancestrais no chão do Quilombo Sítio Alto, tendo em vista as amarras criadas no cenário pedagógico da colonialidade. Identificar como a colonialidade enquanto cenário pedagógico ensinou os corpos dos sujeitos subalternizados a insurgirem na sociedade; Analisar as formas de ressignificação dos saberes nas práticas quilombolas; Identificar como os saberes dos mais velhos no quilombo Sítio Alto criam rachaduras nas amarras da colonialidade. A finalidade deste trabalho é contribuir para a visibilidade e reconhecimento às ações desenvolvidas no Quilombo Sítio Alto, fomentará o debate acerca dos saberes ancestrais em territórios marginalizados, como o quilombo além, do debate sobre a naturalização do racismo, através das práticas de resistência sistematizadas na comunidade e contribuirá para desconstrução de estereótipos.

Solicitamos a sua colaboração para as entrevistas narrativas biográficas, que serão realizadas ao longo de três meses, os dias e horários serão flexíveis com a sua disponibilidade, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações científicas. Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa que empregará técnicas de coleta de dados sem intervenção, os riscos previstos compreendem a dimensão psicológica, posto que ao narrar uma experiência o participante, ao rememorar, poderá sentir algum desconforto, despertando lembranças sofridas que marcaram a sua história como medida preventiva, adotar-se-á o cuidado com a exposição do participante nos momentos das entrevista, na apresentação e veiculação dos resultados.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

nenhum dano ou penalidade, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

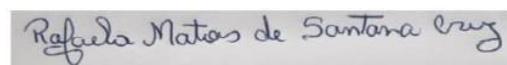
Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Rafaela Matos de Santana Cruz, avenida Josino José de Almeida, 162, bloco D10, APE 202, 49030000, 79 996841116, e-mail: rafinhamattos0116@gmail.com

Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos e ao ressarcimento das despesas decorrentes da pesquisa.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unit SE, de segunda a sexta-feira das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h na Av. Murilo Dantas, 300, bloco F, térreo – Farolândia – CEP 49032-490, Aracaju-SE. Telefone: (79) 32182206 – e-mail: cep@unit.br.

O CEP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Tem como finalidade avaliar e acompanhar os aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos.



Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável



Assinatura do(a) pesquisador(a)

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Aracaju, _29_ de _07_ de 2021__

Impressão
digital

Assinatura do participante ou responsável legal



Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

ANEXOS

ANEXO- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUILOMBO SÍTIO ALTO: NARRATIVAS DE SABERES "OUTROS"

Pesquisador: RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47317021.0.0000.5371

Instituição Proponente: SOCIEDADE DE EDUCACAO TIRADENTES S/S LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.113.274

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa tem como objeto de estudo os Saberes Ancestrais do Quilombo Sítio Alto, localizado em Simão Dias/SE. O objetivo geral foi formulado no sentido de compreender como se ressignificam os saberes ancestrais no chão do Quilombo Sítio Alto, tendo em vista as amarras criadas no cenário pedagógico da colonialidade. O referencial teórico fundamenta-se em autores do chamado Giro Decolonial, que começaram a refletir sobre as questões que envolvem o social latino-americano, para alguns o Sul Global. Nesta perspectiva, este grupo faz reflexões de questões sociais do sistema mundo colonial/moderno, assim como traça diferentes possibilidades de descortinar a colonialidade nas esferas do Poder, do Saber, do Ser e Cosmogônica. Nesta escrita, Aníbal Quijano (2009) difundirá o conceito de colonialidade do poder, Nelson MaldonadoTorres (2008) a do ser; Walter Mignolo (2005) a do saber; e Catherine Walsh (2009) a cosmogônica. Para mais, discutiremos o conceito de quilombo pelas lentes de Maria Beatriz Nascimento (2018). A investigação será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, composta por Entrevistas Narrativas Biográficas, justamente pela possibilidade de compreensão dos significados atribuídos aos saberes que os sujeitos quilombolas produzem dentro do quilombo e como eles são ressignificados na prática dos fazeres. O processo de investigação no campo consistirá na realização de entrevistas com 10 (dez) sujeitos participantes, sendo todos adultos, remanescentes do quilombo Sítio Alto. Espere, com

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2128 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.113.274

a realização do projeto, a compreensão dos saberes ancestrais do Quilombo Sítio Alto, levando em consideração que a colonialidade age de maneira pedagógica, ensinando os corpos humanos marginalizados e subalternizados a serem sujeitos na sociedade, como é o caso do negro. Dessa forma, a importância da visualização das ações de resistências dos quilombolas, enaltecendo os saberes que insurgem e se ressignificam, é essencial nesse estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Compreender como se ressignificam os saberes ancestrais no chão do Quilombo Sítio Alto, tendo em vista as amarras criadas no cenário pedagógico da colonialidade.

Específicos: Identificar como a colonialidade enquanto cenário pedagógico ensinou os corpos dos sujeitos subalternizados a insurgirem na sociedade;

- Analisar as formas de ressignificação dos saberes nas práticas quilombolas;
- Identificar como os saberes dos mais velhos no quilombo Sítio Alto criam rachaduras nas amarras da colonialidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As documentações foram inseridas corretamente e encontram-se datadas e assinadas conforme as normas descritas na Resolução CNS nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa com grande relevância científica para a área correlata. Solicitamos atender a Recomendação

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As documentações foram inseridas corretamente e encontram-se datadas e assinadas conforme as normas descritas na Resolução CNS nº 466/12.

Recomendações:

O cronograma do projeto de pesquisa indica que o projeto já foi pelo menos iniciado. E, segundo a Resolução CNS nº 466/12 em vigor no país, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais como o de apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa. Desta forma, será necessário esclarecer se a pesquisa já foi iniciada e, caso não tenha sido, reorganizar o cronograma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações para este projeto de pesquisa, mas será necessário atender a

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2128 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.113.274

Recomendação relacionada ao CRONOGRAMA.

Considerações Finais a critério do CEP:

PB: Plataforma Brasil; PD: Projeto detalhado; FR: folha de rosto.

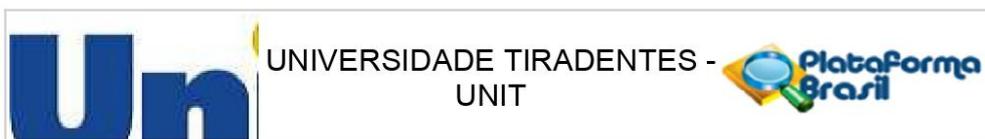
O CEP informa que de acordo com a Resolução CNS nº 466/12, Diretrizes e normas XI. 1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais e XI. 2 - XI.2 - Cabe ao pesquisador: a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, quando necessário; c) desenvolver o projeto conforme delineado; d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Para os projetos que receberem situação de parecer "PENDENTE", o pesquisador terá um prazo de 30 dias para proceder aos ajustes e reencaminhar os documentos para o CEP/Unit. Findo este prazo o projeto será arquivado pelo CEP/Unit, e desta forma o pesquisador deverá realizar um novo procedimento de submissão.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1752581.pdf	19/08/2021 16:29:09		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declacaoinstituicao.pdf	19/08/2021 16:28:30	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetomodificado.pdf	19/08/2021 16:20:48	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmodificada.pdf	19/08/2021 16:17:13	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2128 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.113.274

Outros	Respostaparecer.pdf	19/08/2021 16:13:06	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	29/07/2021 18:42:05	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/07/2021 18:41:37	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declacaoinfraestrutura.pdf	29/07/2021 18:19:52	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pesquisadores.pdf	12/05/2021 15:16:15	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoinstituicao.pdf	11/05/2021 13:45:11	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	11/05/2021 13:42:59	RAFAELA MATOS DE SANTANA CRUZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 18 de Novembro de 2021

Assinado por:
ADRIANA KARLA DE LIMA
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2128 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br